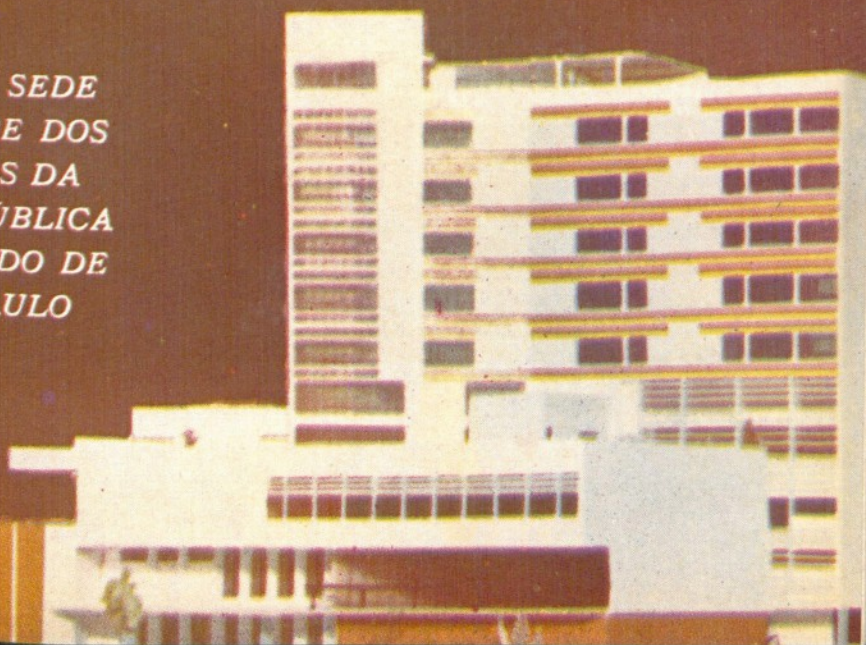


MILITIA

ANO XIII — N.º 88

SETEMBRO DE 1960

FUTURA SEDE
DO CLUBE DOS
OFICIAIS DA
FÔRÇA PÚBLICA
DO ESTADO DE
SÃO PAULO



Banco do Estado de S. Paulo S. A.

CAPITAL E RESERVAS: Cr\$ 2.160.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CAMBIO
— COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS —
COFRES DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

74 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E
8 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

AGENCIAS NO ESTADO DE SAO PAULO

Adamantina	Gália	Piraçununga
Aeropôrto de Congonhas (Capital)	Guaratinguetá	Pompéia
Andradina	Ibitinga	Presidente Prudente
Amparo	Itapetininga	Presidente Venceslau
Araçatuba	Itapeva	Quatá
Araraquara	Itu	Rancharia
Araras	Ituverava	Registro
Atibaia	Jaboticabal	Ribeirão Prêto
Avaré	Jau	Rio Claro
Barretos	Jundiaí	Santa Cruz do Rio Pardo
Batatais	Lençóis Paulista	Santo Anastácio
Bauru	Limceira	Santos
Bebedouro	Lins	S. Bernardo do Campo
Birigui	Lucélia	São Carlos
Botucatu	Marília	São João da Boa Vista
Bragança Paulista	Mirassol	São Joaquim da Barra
Brás (Capital)	Mogi-Mirim	São José do Rio Pardo
Caçapava	Novo Horizonte	São José do Rio Prêto
Campinas	Olimpia	São Luiz (Capital)
Campos do Jordão	Ourinhos	São Simão
Casa Branca	Palmital	Sorocaba
Catanduva	Penápolis	Taubaté
Dracena	Pinhal	Tanabi
Franca	Piracicaba	Tietê
	Pirajubí	Tupã

AGENCIAS EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás	Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Brasília — Distrito Federal	Rio de Janeiro — Guanabara
Goiânia — Goiás	Uberlândia — Minas Gerais
Campo Grande — Mato Grosso	
Natal — Rio Grande do Norte	

M A T R I Z :

PRAÇA ANTÔNIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderço telegráfico: BANESPA

NOSSA CAPA

Em construção a sede do Clube 6

EDITORIAL

A um Ano do Congresso de São Vicente 3

DIVERSOS

Do Troglodita ao Homem Moderno — major Miguel M. Sandin 4

A Brigada Militar na Sociedade Gaúcha — ten. João Aldo Danesi 12

Armando de Sales Oliveira — ten. Juracy Magalhães S. Fernandes 50

Tiradentes, o Maior dos Conjurados — cap. Sérgio Vilela Monteiro 35

A Formação das Tropas del-Rei — Tito Lívio Ferreira 42

Estrutura Policial Anacrônica — ten. Almir Ribeiro Gomes 54

NOICIÁRIO

Outro Miliciano Vítima do Dever 9

Bombeiros Secam Lagoa da Morte 11

DPM a Serviço do Público 18

Aniversário do B.G. 22

Exames Psicotécnicos : Oficiais do DASI falam ao ten. Moyses Szajnbok 40

Breve Interregno nas Publicações sobre a Campanha do Contestado 52

Águas de S. Pedro, a Cidade onde a Vida se Renova — Valdemar Arruda Pedro e Paulo, a Nova Era da Brigada Gaúcha — ten. João Aldo Danesi 60

Aplausos ao Major Pimentel por seu Estudo sobre Graciliano Ramos C.P.D.P., um Exemplo a ser Seguido — ten. Edson Ferrarini 68

Hípismo na Força Pública 70

Aniversário do Regimento: Duas Provas Hípicas — ten. Niomar C. Bezerra 71

No Mundo das Letras 64

NOTÍCIAS DAS COIRMAS — major Francisco Vieira da Fonseca 46

RECREAÇÃO

Palavras Cruzadas — Aíres do Espírito Santo 73

APENDICE

Escola de Educação Física, Ano do Cinquênário 74

A MAIS DE UM ANO DO CONGRESSO DE SÃO VICENTE

MAIS de um ano já transcorreu desde a realização do II Congresso Brasileiro das Polícias Militares em São Vicente. Trabalhando dia e noite, milicianos do norte e do sul, do leste e do oeste elaboraram um documento que visava colocar as PM à altura das necessidades da época: um anteprojeto de Lei Básica de nossas corporações. Transformado em projeto, foi apresentado à Câmara de Deputados, por um parlamentar paulista. Contudo, muito tempo passou e ainda não temos o esperado diploma legal.

“Servir e não servir-se” foi o lema que norteou os trabalhos do congresso de São Vicente. O povo aplaudiu, pois teria melhor garantida sua segurança, com o novo estatuto. O mesmo povo continua a esperar. Os sucessos do corrente ano demonstraram a necessidade de uma organização policial-militar bem aparelhada para proteger a coletividade em meio à agitação de nossos dias. A Lei Básica, tal como se pleiteou no conclave de agosto de 1 959, facilitaria o aperfeiçoamento das milícias.

Entretanto, continua a vigorar uma legislação superada. Os milicianos lutam com as maiores dificuldades para cumprir sua missão. Cumprem-na, porém Jamais fugiram ao cumprimento de seu dever. E não fugirão. Os resultados obtidos, no entanto, seriam melhores se fôsse atendida a reivindicação dos policiais militares brasileiros. É o que eles ainda esperam.

Enquanto perdura a situação atual, os soldados da Força Pública, bem como seus companheiros de todo o Brasil, desdobram-se no desempenho de suas funções. Vários milicianos tombaram no corrente ano, em defesa do público. Muitos são os sacrifícios que vem enfrentando a família miliciano. E o vigilante obscuro da lei continua seu trabalho incessante. O povo se agita, na ânsia de dias melhores, ferve a nação na luta par sua emancipação econômica, tudo se renova. E o policial-militar procura acompanhar o progresso, mesmo sem ver seus esforços protegidos por uma legislação consentânea com o desenvolvimento brasileiro.

Em suma, redobram-se os esforços, aumentam as decepções, mas algo se procura construir com a esperança que resta e com a confiança ainda depositada no Congresso Nacional.

Em breve neste local:

A partir do próximo número aparecerá neste local de MILITIA a **secção de noticiário** da Caixa Beneficente da Fôrça Pública, incluindo uma secção de informações referentes a negócios imobiliários, sob o título "Consultor Imobiliário", tendo em vista insistentes pedidos de milicianos interessados.

O responsável pela secção será nosso redator M. Sendin, que expõe adiante, pormenorizadamente, as razões de tal iniciativa.

Major Miguel M. Sendin escreve

É provável que para o troglodita o drama da habitação já constituísse problema sério. Cavernas e abrigos devem ter sido a «causa belli» de mais de uma escaramuça, através dos milênios. A volúpia da comodidade, razão de ser do progresso humano, foi cada vez exigindo mais conforto, cuja satisfação efêmera é logo superada pela adaptação e conseqüente perda das defesas naturais.

Esse círculo vicioso — mais preguiça mais conforto, mais preguiça — quebrado só pelos estóicos, ainda está em movimento hoje e no ritmo de hoje: a jato. É certo que atualmente — e isso apenas agrava o problema — não basta o requisito **conforto** para nos decidirmos por uma residência. A **causa** deve satisfazer outras exigências de caráter **subjetivo**: com certos **objetivos**, é claro.

Assim surgem preferências ambientais, estéticas e, quando possível, exibicionistas, que satisfazem obscuros complexos atávicos. A casa é uma espécie de penacho. Mas é da habitação, enquanto imperativo de conforto, que devemos tratar.

Inúmeros fatores econômicos e sociais, que superam nossa perspicá-

Do TROGLODITA ao HOMEN MODERNO

cia provinciana, tornaram tão remota a possibilidade de um proletário, ou mesmo de um afortunado burguês, conseguir amealhar o suficiente para comprar uma casa digna de seu padrão, que a única forma de fazê-

MILITIA

ANO XIII — SETEMBRO 1960 — N.º 88

Diretor geral: cel. Rubens Teixeira Branco, presidente do Clube dos oficiais.

Diretor responsável e secretário: 2.º ten. W. J. de Mattos

Publicidade: major Francisco Vieira da Fonseca

Gerente: Pedro Fioravante Passamai

Redatores: gen. A. Nogueira Júnior, cel. capelão P.A. Cavalheiro Freire, ten. cel. Rodolfo Assunção, major Olimpio de O. Pimentel, major M. Sendin, cap. Plínio

NOTÍCIAS DA CAIXA BENEFICENTE

lo é o financiamento. Daí a multiplicação dos Institutos, sempre incapazes de satisfazer em prazo razoável aos interessados, e também a proliferação das empresas particulares, honestas ou não, oferecendo os mais miríficos planos de financiamento.

Nossa Caixa Beneficente, embora não seja necessariamente, um instituto de crédito, investe consideráveis importâncias no financiamento da casa própria. Como seus congêneres, está longe de poder operar com prazos «razoáveis». Numa coisa, porém, ela não peca: na justiça. Todos são atendidos na rigorosa ordem de inscrição. A demora foi tecnicamente superada, embora, praticamente, ela

persista, mudando-se o sistema antigo, em que o candidato inscrevia um determinado imóvel e aguardava. Agora, o pretendente pleiteia o financiamento e só se preocupa com o imóvel depois. Isso pode parecer irrelevante, mas é o único meio de se conseguirem bons negócios à vista, na transação Caixa-vendedor. No sistema antigo, o contribuinte acaba pagando dois financiamentos: um ao vendedor, pagando mais devido à espera, e outro à Caixa.

Como o prazo para a procura do imóvel não é muito grande, é interessante para o comprador ter fontes de consulta idôneas, onde possa, comodamente, escolher um capaz de satisfazer suas exigências de bairro, orçamento e, se possível for, um «pe-nacho» digno de um pagé.

Se você me acompanhou até aqui, é provável que seu problema de habitação ainda não esteja resolvido e, se assim for, analisará de bom grado as sugestões que possam ajudá-lo.

Muitos pensam não haver problema em encontrar casa de seu gosto, desde que tenha assegurado o financiamento. A prova em contrário pode ser dada pela própria Caixa, obrigada a cobrar juros, às vezes por tempo indeterminado, daqueles que não conseguem consumir o negócio dentro do prazo estabelecido.

No intuito de prestar serviço aos seus assinantes, a direção de MILITIA organizou uma seção imobiliária, onde apresentará as características dos imóveis desejados pelos compradores e as ofertas dos vendedores. O êxito da iniciativa vai depender da confiança dos leitores e não dos responsáveis por MILITIA.

Propriedade: Clube dos Oficiais da Força Pública do Estado de São Paulo av. Tiradentes, 900 — São Paulo, SP — Brasil. Fones: externos — 32-2884; interno — 298.

Redação e administração: rua Alfredo Maia, 106 — São Paulo. Fones: externo — 346488; interno — 126.

D. Monteiro, cap. Francisco A. Bianco Júnior, cap. Paulo Monte Serrat F.º cap. Sérgio Vilela Monteiro, cap. méd. Plirts Nebó, cap. méd. O.P. dos Santos Abranches, 1.º ten. Evandro Francisco Martins, 1.º ten. Paulo Wilson de Oliveira Bueno e 2.º ten. Juraci M.S. Fernandes.

A revista não se responsabiliza por conceitos emitidos pelos autores em trabalhos assinados.

Assinatura por 6 números Cr\$ 100,00

Exemplar avulso Cr\$ 20,00

Composta e impresa na Tip. da F. P.

Nesta edição, **MILITIA** apresenta, na capa, uma foto em cores da maquete do edifício que servirá de sede ao Clube dos Oficiais da Força Pública. Lá nossos associados terão um ponto para reunir-se e um salão de festas; assistirão a sessões teatrais e cinematográficas; terão onde hospedar-se quando vierem do interior ou de outros Estados. Lá funcionará também a redação desta revista, além de vários departamentos do Clube.

A nova sede, porém, tem sua história. Exigiu sacrifícios e significa para a Diretoria o símbolo de uma luta árdua e obscura. É o que o leitor verá adiante.

Aproveitadas algumas sugestões, foi o ante-projeto convertido em Projeto da Sede Social e encaminhado à Prefeitura Municipal, para aprovação da repartição competente, em 5-6-959 (processo n.º 203 027-59), cuja aprovação somente se efetivou em 18 de agosto do corrente ano (D. O. do Município de 21-8-960).

Houve algumas modificações impostas pelos órgãos técnicos da Municipalidade, estudos demorados e alguns embaraços nessa tramitação, talvez de caráter pessoal, felizmente todos resolvidos a tempo pelo consócio, cel. Cantídio Nogueira Sampaio, vice-prefeito de nossa capital, cuja atuação foi decisiva para solução do impasse criado.

Aos dois dias do mês de setembro, portanto quase concomitantemente com a aprovação do projeto

EM CONSTRUÇÃO A SEDE DO CLUBE

de construção pela Prefeitura, viu-se concretizado o pedido de empréstimo, pois nessa data foi assinada a escritura na Caixa Econômica do Estado que, com a garantia hipotecária do prédio de propriedade do Clube, à rua José Bonifácio, 224, em São Vicente, se prontificou a emprestar a importância de dez milhões de cruzeiros para continuação dos trabalhos.

CONSTRUÇÃO

A construção está na fase do estaqueamento, a cargo da firma «Estacas Franki», que foi a vencedora da concorrência a que se procedeu.

Após essa fase, dar-se-á prosseguimento às obras com a parte relativa ao concreto-armado, já calculado e convenientemente aprovado pelos responsáveis pela execução do projeto de construção.

O Clube dos Oficiais está dando prosseguimento aos trabalhos de construção de sua sede própria, à av. Santos Dumont, 767.

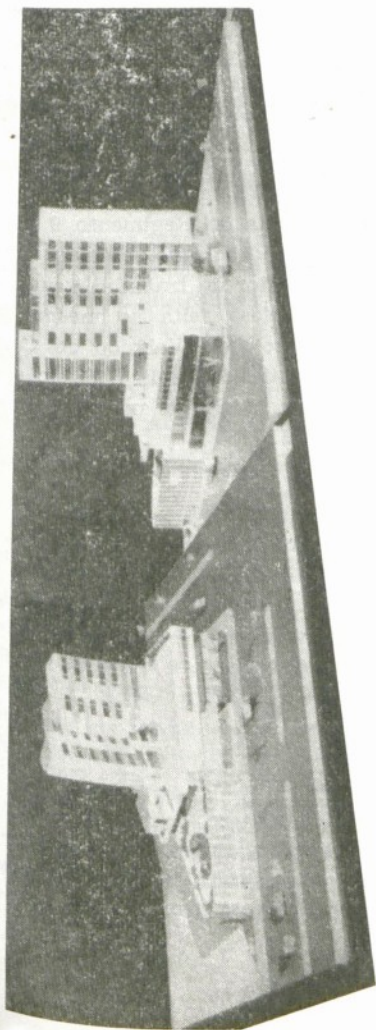
O empreendimento — arrojado, diga-se de passagem — é fruto do dinamismo daqueles que se propuzeram a dotar a entidade de local onde, cada vez mais, se estreitem os laços de amizade indispensável ao fortalecimento da vida em sociedade.

A edificação da sede social permitirá que o Clube se projete, mais ainda, na sociedade de São Paulo, onde suas Colônias de Férias, já são bastante conhecidas e procuradas.

E, fácil é reconhecer, êsse intercâmbio social com o meio civil é benéfico sob os mais variados aspectos. Só alguns não o reconhecem.

Entretanto, êsse capítulo da vida de nossa associação — a sede própria — tem sua história, seu preâmbulo, desconhecido de grande parte de seus associados.

Ele revela o trabalho persistente dos diretores, removendo os mais variados óbices que apresentaram, preocupados, tão somente, em levar à concretização o velho anseio do Clube.



A história começa em 1955, com a procura do local apropriado.

Considerando que o Estado não possuía área de terreno em região que se pretendia, procuraram-se entendimentos com a Prefeitura Municipal da Capital.

Êsse trabalho foi, então, grandemente facilitado pela ação do cel. Bento Barros Ferraz, então capitão exercendo a função de presidente do Conselho Municipal de Esportes. Por seu intermédio, a Diretoria entendeu-se com o então prefeito municipal, senador Lino de Matos que facilitou, sobretudo, a procura do local desejado.

GÊNESE

Assim foi escolhido o terreno adequado, que satisfaz plenamente, situado à rua Itaporanga, com cêrça de 10 000 metros quadrados.

Dessa forma e atendendo ao pedido do Clube, o prefeito encaminhou mensagem à Câmara Municipal.

TRANSFORMAÇÃO

Enquanto o processo corria os trâmites legais na Câmara, surgiam os projetos de alargamento da av. Tiradentes e, posteriormente, a abertura da av. Santos Dumont e, por isso, novos estudos foram necessários para refazer a documentação, tendo o terreno passado a ter frente para a av. Santos Dumont, 767, com a metragem bastante reduzida, face às novas pistas que foram abertas naquele local (1 668 metros quadrados).

EVOLUÇÃO

Após correr tôdas as Comissões e dependências municipais, o projeto foi enviado à Câmara Municipal onde se transformou na lei municipal 5 204, de 3 de junho de 1957, sancionada pelo prefito. A escritura de comodato respectiva foi passada em 13 de setembro do mesmo ano, no tabelião Armando Sales (livro 523-fls. 1), pelo valor de Cr. 8.194.000,00 (oit milhões cento e noventa e quatro mil cruzeiros) e, sob número 8.053, anotada no Registro de Imóveis

Concomitantemente, iniciou a Diretoria do Clube dois trabalhos importantes para o caso. O primeiro, junto ao governador do Estado, para que autorizasse a Caixa Econômica a emprestar a importância destinada a construir a sede; o segundo, o estudo do ante-projeto desse empreendimento. Aquêlo foi autorizado pelo governador (D.O. de 23-XI-1958), o que deu início ao processo de empéximo. No entretanto, depois de longos estudos e reuniões da Diretoria, com a colaboração efetiva do cap. Ari Ferreira de Sousa e do cap. Saul Brasil Faleiros, ambos engenheiros, foi aprovado pela Diretoria o ante-projeto feito pelo cap. eng.º Nelson Broto, condicionado à apreciação de outros associados, o que foi feito numa exposição sôbre o assunto, no dia 27 de maio de 1958, na sala de aulas do Regimento 9 de Julho, ocasião em que se ouviu a palavra do autor do trabalho e uma crítica judiciosa feita ao mesmo pelo engenheiro Cel. Valfrido de Carvalho, ressaltando a feliz concepção, onde se via idealizado um edifício-sede funcional.

Oficial Maranhense Entre Nós

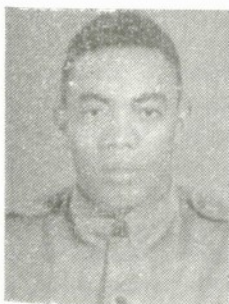
Por vários dias, estive em São Paulo o major João Vinhas, diretor de Instrução da Polícia Militar do Maranhão. O visitante assistiu entre nos a testes com metralhadoras compradas para sua corporação.

No dia 5 de abril tindo, antes de regressar, estive em nossa redação, onde teve ocasião de ver como é feita MILITIA. Na oportunidade, manifestou seu entusiasmo pelo que observou na Fôrça Pública, onde conheceu vários quartéis e serviços. Impressionou-o particularmente o Centro de Formação e Aperfeiçoamento, nossa unidade-escola.

rificou cuidadosamente a formação de nossa tropa, o preparo dos homens — oficiais, sargentos, cabos e soldados — que saem do C.F.A. Anotou programas e fez comparações sôbre as condições dos dois Estados, bem como o rendimento possível em ambos

Por outro lado, mostrou o interesse dos componentes da co-ormã maranhense em estreitar os laços de amizade com os das demais P.M. do Brasil e prontificou-se a enviar para publicação em MILITIA tôdas as notícias de sua corporação que tenham interesse geral.

OUTRO MILICIANO VITIMA DO DEVER



Mais um miliciano paulista tombou no cumprimento do dever. Foi o soldado Antônio Ribeiro (foto), assassinado a tiros nos arredores de Araraquara, no último dia 13 de agosto. Na última quinzena daquele mês, foi aprovado um voto de pesar pela ocorrência, na Câmara Municipal de Araraquara, onde o falecido nascera e passara quase toda sua vida, tendo largo círculo de amigos. Era figura e benquista. Soldado exemplar, fiel cumpridor de seus deveres e digno de confiança, cumpriu suas missões sempre bem.

CUMPRIA ORDENS

Por ordem da autoridade competente, a vítima se dirigira à residência do criminoso, para levá-lo à Delegacia de Polícia e socorrer um cidadão alvejado pelo marginal com arma de fogo.

A imprensa noticiou pormenorizadamente o fato, informando que uma escolta de que participava Antônio Ribeiro, chegou ao local e convidou o criminoso a comparecer à presença do delegado, no que não foi atendida.

Noticiam ainda os jornais que os três soldados da escolta insistiram, falando pela janela, e o intimado fez fogo, depois de negar-se a deixar o local. Antônio Ribeiro só deu alguns passos em direção à viatura que o transportara e caiu. Como o criminoso continuasse a disparar, houve ligeiro tiroteio, enquanto os soldados se retiravam, conduzindo o cadáver e o ferido. Os soldados que tiveram que retirar as vítimas, em baixo de balas, foram Antônio Pereira e Idalino Delfino, acompanhados do motorista da Delegacia.

FIM TRÁGICO DO CRIMINOSO

O criminoso permaneceu ainda no local. Em seguida, o ten. cel. Fernando Henrique da Silva, comandante do 13.º B.P., juntamente com o delegado regional e comandando sete praças de sua unidade, acompanhadas de um investigador, acorreu ao covil do homicida. A caravana cercou o prédio e o ocupante foi intimado a entregar-se, mas este se negou e voltou a abrir fogo, mas os sitiados já esperavam pela reação e estavam abrigados. Finalmente, depois de cinco horas (das 2 às 7 da manhã) de tentativas inúteis, foi lançada ao interior da casa uma bomba de efeito moral. O criminoso, então, resolveu sair.

O lance final está nos jornais: vendo-se perdido, o criminoso suicidou-se com sua própria garrucha, no momento de transpôr a porta da rua.

Seu prontuário policial registra condenação anterior por haver assassinado a própria esposa. Na ocasião de sua morte, gozava de liberação condicional.

CONSUMIR PRODUTOS NACIONAIS



É UM DEVER DE PATRIOTISMO

É AJUDAR A LIBERTAÇÃO
ECONÔMICA DO BRASIL

É CONTRIBUIR PARA O
DESENVOLVIMENTO DA
NOSSA PRODUÇÃO

Expresso São Domingos Ltda.

- ★ Serviços tratados para o interior do Estado e Rio de Janeiro
- ★ Entregas rápidas
- ★ Mudanças — domicílio a domicílio

rua São Domingos, 251 - Telefone 33-4809

Bombeiros secaram lagoa da morte

A chamada «Lagoa da Morte», enorme cratera artificial existente em bairro paulistano e que por alguns anos esteve cheia de água lamacenta é responsável pela perda de 44 vidas, principalmente de crianças. Moradores dos arredores movimentaram-se em campanha visando uma providência dos poderes públicos. A lagoa devia ser aterrada ou ao menos cercada. E nossos homens do fogo puseram mãos à obra. Agora, resta apenas o fundo lamacento. Já não existe a «Lagoa da Morte».

Precisamente no dia 7 de agosto findo, 15 homens do Corpo de Bombeiros começaram a trabalhar no local, em sistema de revezamento. Duas bombas centrífugas, com capacidade para 4 000 litros por minuto começaram a trabalhar ininterruptamente para secar a lagoa, retirando seus 100 000 metros cúbicos de água. Quatro mangueiras puseram-se a levar a água retirada para a via Anchieta. Em caso de obstrução seria utilizado um túnel próximo, em direção ao córrego do Moinho Velho. Outro recurso foi preparado para caso de necessidade: rede aérea sobre a via Anchieta.

Todos os pormenores foram previstos. Como o abaixamento do nível das águas impediria as bombas de funcionarem nas margens, uma balsa foi construída especialmente para eliminar o efeito.

Resultado: o trabalho deveria estar concluído em cerca de três meses mas, já no dia 22, a lagoa estava completamente seca. Assim, o prazo estipulado foi **reduzido para o tempo surpreendente de 15 dias!** Restam agora os trabalhos finais de consolidação do solo.

EDUCAÇÃO: CAMPANHA

2 de julho é a data em que se comemora o aniversário do Corpo de Bombeiros do antigo Distrito Federal. É também o dia do bombeiro. Este ano, assinalaram a passagem daquela data a entrega de prêmios e medalhas e uma série de atos, visando coroar a campanha de educação contra incêndios, iniciada em São Paulo pouco antes.

Em 4 de abril, o cap. José da Cunha Caldeira Júnior, do Corpo de Bombeiros, proferiu a aula inaugural do Curso de Monitores Contra Fogo. Promovido pelo Instituto Brasileiro de Segurança, com a supervisão do sr. E.L. Berlink. Matricularam-se e receberam seus diplomas 30 alunos. Houve aulas teóricas e práticas e uma demonstração no campo de provas existente em Vila Prudente.

Em 10 de junho, duas viaturas do CB realizaram uma passeata pelas ruas centrais de São Paulo, onde distribuíram cartazes, volantes, etc., dentro do programa da campanha. Em exposição levada a efeito no parque da Água Branca, os soldados do fogo apresentaram uma série de números de acrobacia especial.

A Brigada Militar na Sociedade Gaúcha

Escreve de Pôrto Alegre
João Alão Danesi
1.º ten. correspondente

O homem é um ser eminentemente social. Daí a necessidade de se formarem os primeiros núcleos sociais e estabelecerem normas consuetudinárias a fim de limitar as ambições desmedidas e harmonizar os interesses em conflito, pois a sociedade organizada supõe um entrosamento de interesses vários e múltiplos, complicando as relações, no convívio humano, que se ampliaram e se modificaram com igual passo ao do desenvolvimento da civilização. Nessas condições surgiu um órgão coordenador social, que se desenvolveu com igual ritmo, estendeu seu raio de ação ampliou o seu funcionamento, colimando o seu fim supremo. A Polícia, em sua evolução, como não poderia deixar de ser, sofreu, em sua trajetória a influência do regime de cada Estado e em cada época.

No Império Romano, ao tempo do imperador Augusto (63 A.C.) vamos encontrar a ação da Polícia entregue aos «edis», com plena autonomia no exercício das suas funções. Como símbolo do poder que possuíam de mandar açoitarem e executar os infratores da lei, eram precedidos de litores com feixes de varas ligados a u'a machadinha. A princípio as funções policiais eram confundidas com as da Judicatura, sistema que perdurou até ao advento da Revolução Francêsa de 1789, movimento social que demarcou uma nova era para os povos civilizados. As legislações sofreram profundas modificações, principalmente no que tange aos direitos concernentes à vida em sociedade. O chamado Código do Direito e das Penas, mais conhecidos por lei de 3 de Brumário, introduziu novos princípios para o exercício da função policial, princípios êsses que fôram corporificados e incorporados na legislação comum da França. Daí irradiaram-se pelo mundo, infiltrando-se em todos os códigos e penetrando em tôdas as legislações. A lei de 3 de Brumário esclareceu o papel social da policia moderna, separando-a de vez da magistratura e dividindo suas ações em «preventiva e repressiva», sendo que a preventiva pode também, ser chamada «administrativa», não só pela finalidade específica de prevenir os delitos como também por constituir um ramo da administração pública que resume o conjunto de serviços destinados a dirigir, a orientar e a manter o Estado e a coesão social. A Polícia Repressiva é também denominada «Judiciária», pela função que lhe cabe em cooperar com a Justiça na repressão dos delitos e restaurar a harmonia da ordem pública quando perturbada, pela prática de contravenções penais.

NO BRASIL

Como vimos, em rápido relato, a lei francêsa estabeleceu duas ações para serem desempenhadas por dois órgãos distintos. Enquanto um órgão previne os delitos, através de uma vigilância ativa e contínua, asseguradora da tranqüilidade social, o outro age preparando e facilitando todos os elementos de que deverá lan-

çar mão a justiça, para a definitiva aplicação da lei penal. São, portanto, independentes, porém devem agir harmonicamente. No Brasil, foi o regulamento n.º 120, de 13 de janeiro de 1842, a fonte basilar da legislação policial brasileira, inspirado que foi nos postulados da lei de 3 de Brumário.

Instituídas duas funções, obviamente dois órgãos são necessários à sua execução. Apesar do espírito da lei francesa adotada em nossa pátria, percebemos uma evolução sem expressão, no que tange à legislação complementar relativamente às ações da Polícia Preventiva. Talvez pela complexidade das suas atribuições e a evolução social que complica dia a dia as condições de vida do agregado humano, exigindo melhor assistência, mais amparo maior segurança para a manutenção da estabilidade social, foi se tornando cada vez mais difícil a preparação de elementos especializados em tais misteres. Se nos detivermos a observar quão espinhosa é a função da Polícia Judiciária na elucidação dos delitos, responsável que é perante a Justiça em apontar, com prazo estabelecido, o autor e as circunstâncias do evento criminoso, verificamos a impossibilidade destes mesmos elementos desempenharem suas funções cumulativamente com as de Polícia Preventiva, pois que esta apresenta características diferentes daquela, quer pela sua formação quer pela sua estrutura, quer pelo seu modo de ação, e, finalmente, pela sua apresentação em público.

Os elementos encarregados da Polícia Judiciária, pela natureza da missão, devem ser civilmente estruturados, obedecendo normas específicas, enquanto que os encarregados da ação preventiva, sobretudo quanto ao policiamento preventivo-ostensivo, devem obedecer uma estrutura mais rígida, mais disciplinada e subordinada a um conjunto de normas bem diferentes, bem como uma for-

mação peculiar. — Vejamos, pois, que órgão seria mais indicado para o exercício das funções de policiamento preventivo-ostensivo da sociedade, senão uma instituição organizada à base da disciplina e da hierarquia militar. Daí o surgimento de corporações militarmente estruturadas para o desempenho do serviço de policiamento preventivo-ostensivo, por apresentarem inúmeras vantagens peculiares. Em primeiro lugar por serem fardadas, pois o policial fardado é mais facilmente reconhecido e encontrado por qualquer pessoa do povo; por estar sujeita a uma rígida formação moral, disciplinar e subordinada a uma hierarquia militar, necessária à eficiência; e, finalmente, dada sua organização disciplinar

NELPEC

IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO DE
PEÇAS PARA AUTOMÓVEIS LTDA.

Rua Gen. Osório, 136
Tel. 35-1574 e 35-3741

PEÇAS E ACESSÓRIOS PARA
Ford - Chevrolet - Dodge
FNM - GM Diesel - Jeep
e para todos os tipos de
caminhões e automóveis

Rua Gen. Osório, 136
35 - 3741

e hierarquica, estarem em condições de atender qualquer chamamento bélico contra sublevações internas e em defesa da pátria.

LISBOA 1801: MILÍCIAS

BRASILEIRAS EM EMBRIÃO

Como modelar organização policial-militar, vamos encontrar em Portugal, por volta de 1801, a Guarda Real de Polícia, criada pelo príncipe regente Dom João, em substituição às polícias voluntárias, sem habilitação profissional e de eficiência nula. A Guarda Real de Polícia tinha por função a segurança e a tranquilidade da cidade de Lisboa e os domínios de Portugal, a vigilância e a conservação da ordem pública.

A Guarda Real de Polícia de Portugal, foi a primeira Polícia Militar que bem caracteriza esta expressão, pois como encarregada da vigilância, segurança e tranquilidade pública, sua função específica era **policial** e, pela sua rígida organização e estrutura, era **militar**. Aí está, pois, a fonte inspiradora das Polícias Militares do Brasil.

RIO 1909: 1.^a P.M. DO BRASIL

Transladada que foi a Corte Portuguesa para o Brasil, motivada pela invasão napoleônica da mãe-pátria, eis, que, em 20 de maio de 1809, Dom João VI houve por bem criar a Guarda Real de Polícia do Rio de Janeiro, modelada na sua congênere de Lisboa (hoje Polícia Militar do Estado da Guanabara). Eis a primeira Polícia Militar criada no Brasil, que serviu de base para a criação nas pro-

vincias, contando hoje cada Estado federado com a sua Polícia Militar.

Vinte e oito anos mais tarde o Rio Grande do Sul, o Rio Grande de São Pedro, criava, pela lei provincial n.º 7, de 18 de Novembro de 1837, a sua Polícia Militar, hoje BRIGADA MILITAR.

RIO GRANDE DO SUL:

MILICIANOS EM AÇÃO

Criada que foi a Polícia Militar com o nome de **Corpo Policial da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**, em plena fase revolucionária como força medularmente policial estava a seu cargo o serviço de policiamento da capital e do interior, porém, como Força de caráter militar, foi transformada em 9.º Batalhão de Voluntários da Pátria, marchando para o Paraguai.

De 1837 para cá, a Polícia Militar gaúcha nunca titubeou em prestar seus serviços, derramando o sangue de seus componentes, tanto na paz como na guerra. Na paz, exercia o policiamento das cidades, assegurando um clima de estabilidade e propiciando o progresso do seu torrão natal; na guerra, lutando ao lado das Forças Federais, sempre defendendo as instituições do Estado membro e da União. Diversas foram suas denominações, porém pouco importam os nomes, quando uma corporação transfere de geração em gera-

ção o galardão de moral e probidade legadas e inspiradas por aquêles que souberam honrar o Rio Grande do Sul, tanto em seu território como fora dêle. Tantas fôram as revoluções em que a Fôrça Pública do Rio Grande do Sul sempre tomou parte ao lado da legalidade, tantos foram os chamados do govêrno central para garantia das instituições nacionais, que esta Fôrça chegou a criar um espírito medularmente **militar** a ponto da legislação Estadual lhe conferir missões que sômente são confiadas a exércitos, como a de manutenção da integridade do território do Estado, de pôr têrmo às guerras civis e da garantia dos poderes do Estado.

Mas a Brigada Militar, sempre fiel às suas tradições de bem servir o Rio Grande do Sul, volta-se, depois de um período conturbado, para os seus misteres peculiares da paz. Terminadas as revoluções, findas as desavenças políticas, muda-se o regime, nova Constituição é promulgada, trazendo em seu bojo diretrizes para as Polícias Militares da pátria, como seja a de manter a ordem e a tranqüillidade pública, através do policiamento preventivo-ostensivo. Se outrora a Brigada Militar instruiu

muito bem os seus homens para as ações bélicas, hoje ela, com o mesmo espírito público, com o mesmo patriotismo os instrui para exercerem a nobre e delicada função policial, inspirada nos princípios que orientam as modernas organizações policiais do mundo civilizado.

Com o mesmo entusiasmo, com o mesmo espírito de sacrifício a Brigada Militar organizou a Polícia Rural Montada, visando assistir e proteger o homem do campo; aprimou o seu Corpo de Bombeiros, para assegurar com mais eficiência a propriedade particular e pública; esmerou a formação de seus quadros, dando à tropa instrutores em condições de selecionar e formar homens destinados a executarem um serviço de policiamento dos mais modernos instituídos no Rio Grande do Sul. Formou os «Pedro e Paulo», sistema de policiamento em duplas e com formação necessária a um policiamento de assistência, um policiamento de inspirar confiança ao povo, pelo seu modo de agir, que nada mais é do que dizer a cada agregado social: «Eu estou aqui para lhe servir e tenho prazer nisso». Os 150 Destacamentos Policiais da Brigada Militar, disseminados em todo o Estado, pouco a

pouco estão sendo selecionados e instruídos nos moldes dos «Pedro e Paulo».

FORMAÇÃO DO MILICIANO

GAÚCHO

A formação do policial moderno exige uma série de conhecimentos que valem não só como maior garantia à sociedade, mas também como assistência e proteção ao cidadão, em si e na coletividade. Relativamente aos conhecimentos profissionais, pode-se dizer que nova era está se inaugurando em matéria de policiamento, pois hoje como faz a Polícia Judiciária, que se utiliza de várias ciências para melhor desempenhar sua missão — a Polícia Preventiva e, sobretudo, a Polícia Militar encarregada do policiamento preventivo-ostensivo, está buscando em todas as fontes do saber, conhecimentos necessários para desenvolver e ampliar sua eficiência, garantindo maior progresso à sociedade, assegurando um clima de vigilância ativa e constante dos direitos concernentes à vida, à liberdade, à segurança individual e à propriedade de cada agregado social.

No que diz respeito ao preparo técnico profissional dos nossos soldados podemos dar uma idéia aos senhores rotarianos, para que possam melhor aquilatar o interesse da Brigada Militar em servir o Rio Grande do Sul. É oportuno, nesta ocasião, levar ao conhecimento de vossas senhorias, rotarianos de Pelotas, estas informações da sua Polícia Militar, da sua Força Pública, da sua Brigada Militar.

Nos dias atuais, nenhum cidadão é incluído nas fileiras da Força sem ter sido aprovado nas rigorosas provas de seleção médica, física, intelectual e psicotécnica, estabelecidas pelo Comando. Referente ao exame psicotécnico, podemos afirmar com orgulho que esta seleção está propiciando uma verdadeira renovação em nossas fileiras, de vez que os oligofrênicos ou portadores de complexos incompatíveis com a função policial são recusados. Hoje, graças a este sistema de seleção, o homem que porta uma arma, está em condições morais e psicológicas para empunhá-la em defesa da sociedade e não como coação ao cidadão. Depois de selecionado e incluído nas fileiras da Brigada Militar, o homem passa por um período de instrução de quatro meses, sendo ministradas as seguintes disciplinas:

Legislação Policial — Nesta disciplina, o futuro policial adquire conhecimentos de todos os códigos e leis inerentes à função. É interessante notar quanto a esta parte que ela se prende à aquisição de conhecimentos para serem aplicados preventivamente, isto é, de maneira a instruir os agregados sociais no sentido de evitar que os mesmos infrinjam as leis.

Defesa Pessoal — Tem por fim habilitar o homem a defender-se de qualquer agressão sem fazer uso de suas armas.

Prática de Policiamento — Como o próprio nome indica, alia os conhecimentos teóricos à sua aplicação prática.

Relações Humanas — Esta matéria, é de capital importância, visto que habilita o soldado ao tratamento com o ser humano. É comum ver-se o individuo apresentar certas reações por circunstâncias várias. Se estas reações não forem devidamente interpretadas pelo policial, por certo, haverá conflitos. — Os crimes de desacato são geralmente provenientes da falta de conhecimento de relação humana, por parte do policial. Um policial com tais conhecimentos sabe muito bem distinguir um cidadão que, por circunstâncias independentes de sua vontade, se vê envolvido numa ocorrência policial de outro acostumado a arengas com a polícia.

Socorros de Urgência — Um dos requisitos exigidos para a formação do policial moderno, no que se refere aos conhecimentos necessários para salvar vidas. Muitas vezes uma vida perece por faltar alguém, com conhecimentos rudimentares, capaz de aplicar um torniquete ou um garrote ou até mesmo uma compressão digital para sustar uma hemorragia, que, às vezes, é fatal. Um dos fatores em evidência que diferenciam o policial de nossos dias do de outrora, é exatamente o espírito de solidariedade humana de que é dotado o policial moderno, pois sua formação visa antes de tudo preservar e defender a vida humana.

FINALMENTE, o conjunto de todas essas disciplinas, aliado à formação moral própria da estrutura militar, dá ao policial militar capacidade para o desempenho da função policial com grande eficiência obedecendo a estrutura de ordem moral,

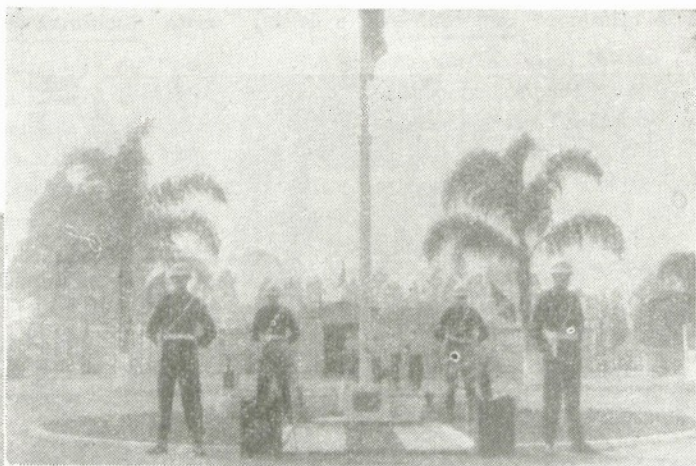
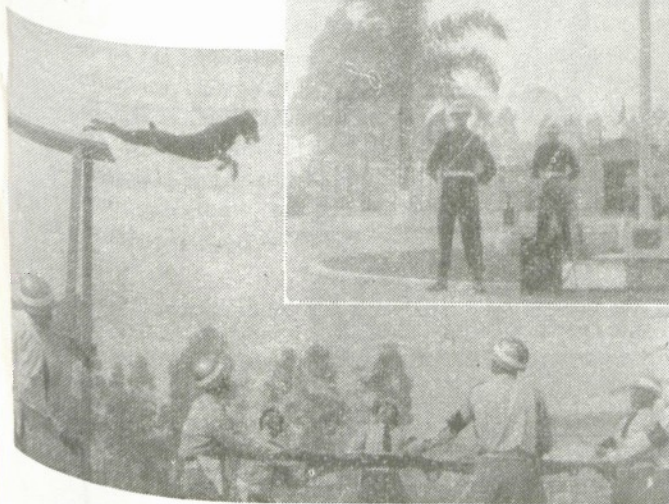
disciplinar e hierárquica da corporação. Um policial militar devidamente selecionado e formado dentro desse padrão será, sem dúvida alguma, olhado pela sociedade como um símbolo da lei, um símbolo da ordem, um símbolo de proteção e, sobretudo, como um homem do povo, pago pelo povo, a serviço desse mesmo povo. Estas, senhores rotarianos, é a nossa Brigada Militar, A Força Pública, a Polícia Militar do nosso Estado, em sua metamorfose, para assegurar a este generoso povo gaúcho um clima de paz, de tranqüilidade e de segurança, propiciando maior progresso e maior desenvolvimento. E, neste desideratum a que se propôs a nossa Brigada Militar, não pode ficar olvidado o nome de um jovem, e talentoso oficial superior, que, apesar das dificuldades financeiras que vem enfrentando o Estado, está dando um grande impulso a esta Força, uma verdadeira arrancada heróica, cheia de sacrifícios para a sua pessoa. Este dinâmico Oficial é o seu comandante geral, exm.º sr. Cel. Diomário Moojen, verdadeiramente indetificado com a nova geração brigadiana, vivendo com ela, vibrando pela Força, que é o nosso orgulho, a nossa vida, a nossa dedicação. Ao lado de outros dois não menos dinâmicos, não menos abnegados oficiais superiores, que são os tens. céis. Ari Almeida, m. d. chefe do Estado Maior Geral, oficial que foi em busca das idéias novas para dar à Brigada Militar uma estrutura mais dinâmica e mais consoante com a sua missão; e Heitor Castro de Oliveira, ajudante geral da corporação, ardoroso, grande entusiasta e verdadeiro interprete da nova geração.

Não podia estar ali. Mas cão, chegando ao local, caminhou várias vezes entre a cama da vítima e a fossa, farejando e insistindo em uma busca que ninguém lhe mandaram fazer. Afinal, esvaziada a fossa, o corpo foi encontrado. O criminoso era o próprio posseiro que a procurara.

Economia: construído com
a própria renda

Muitos costumavam acusar a Força de manter no canil um serviço dispendioso e de pouca utilidade.

No canil



Em cima, um aspecto da inauguração das novas dependências e, em baixo, flagrante de uma demonstração de cães pastores

Mas tais acusações acabaram por desaparecer, pois verdade é que lá funciona um serviço de adestramento, além de pensões para animais de particulares, o que é pago. Assim, novas

instalações foram feitas com a própria renda do canil. Quanto à utilidade já foi fartamente demonstrada inúmeras vezes.

Casos solucionados pela DPM

Durante vários dias chegaram à DPM queixas contra um sargento da Força, que contraía dívidas, usando o nome da corporação e não as saldava. Seu nome, porém, não constava do fichário do Quartel General. Era um falso sargento. A DPM pôs-se à espreita, até ser informada por um cabo do regimento 9 de Julho de que alguém fardado de sargento,

em determinado ponto de São Paulo, bebia em um bar. Esse alguém dizia ser reformado do 5.º BG (unidade inexistente) e ter feito o curso de sargento no CPOR.

Preso, foi conduzido à autoridade competente, que lavrou auto de prisão em flagrante de estelionato. Com a farda da Fôrça e nome falso, o marginal agira impunemente durante nove anos e só a DPM conseguiu surpreendê-lo.

Homicídio: 15 dias, centenas de interrogatórios e 60 suspeitos

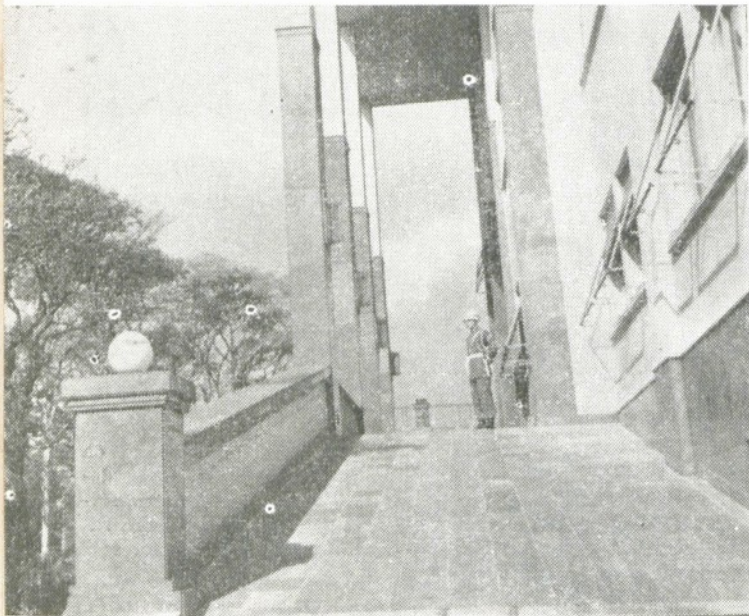
Em 15 dias, a equipe de investigações da Delegacia ouviu centenas de pessoas, para elucidar um caso de homicídio. 60 suspeitos foram selecionados, com base em dados concretos. Depois de trabalho incessante, durante 5 meses, foi identificado o criminoso, que confessou o delito.

do trabalho, porque o fato revestia-se de caráter de competência do Tribunal de Justiça Militar, como foi positivado com a sua elucidação.

«Bossa nova» em extorsão

Também os delinqüentes se aperfeiçoam, como fizeram os que agiam na rodovia Presidente Dutra, para extorquir dinheiro de motoristas «Bossa nova em extorsão» — disse o tenente da equipe de investigações que os prendeu em flagrante.

Motorizado, o bando perseguia motoristas de caminhões, geralmente de outros Estados, que faziam viagens longas. Ameaçava de prisão por atropelamento. Aí o medo do motorista facilitava a chantagem. Os



A postos na guarda
do Quartel General

No caso, chegou a haver um conflito de competência entre autoridades. O comandante geral manteve sua decisão inicial de encarregar a DPM

marginais agiam com perícia e convenciam o suposto criminoso de que falavam a verdade, inclusive valendo-se do uso do rádio. Inteligentes.



O comandante da DPM e

seu gabinete de trabalho

chegaram a ganhar apreciável quantidade. Mas por pouco tempo, porque a DPM estava vigilante.

Junto ao homem isolado

Organizada nos moldes da Polícia do Exército e da Polícia da Aeronáutica, a DPM precisou aperfeiçoar seu trabalho dentro da Força, considerada a ação policial de nossos homens. O policial-militar trabalha comumente isolado e é grande sua possibilidade de se corromper. Junto a ele, a DPM deve atuar com técnica especial, em benefício do público e, por conseguinte, mantém uma fiscalização direta em dias indeterminados.

Em face do desenvolvimento da Delegacia, oficiais e praças de vários Estados já fizeram estágio entre seus componentes. De modo geral, há ten-

dência para a criação de órgãos semelhantes nas co-irmãs de todo o Brasil.

As equipes

Sob o comando do cap. Altino Magno Fernandes, os oficiais assim se distribuem: ten. Sílvio Emilio de Oliveira — Cmt. do Canil; tens. Cid Olivetti e Valter Criscibene — investigações; ten. Cláudio Ferreira Couto: instrução, policiamento especial e administração; asp. Sérgio de Mônaco — patrulhas disciplinares.

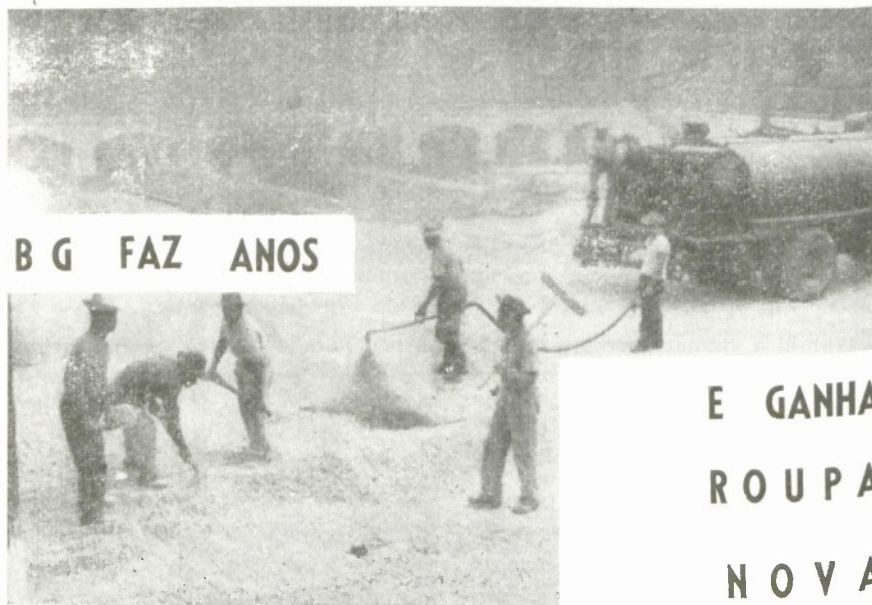
As patrulhas disciplinares cobrem percursos onde a incidência de transgressões disciplinares ocorre em maior número. Ao policial-militar transgressões o passar de viatura de patrulhamento significa a presença de disciplina de hierarquia dos regulamentos.

CENTRO DE ESTUDOS MÉDICOS

O Centro de Estudos Médicos da Força Pública de São Paulo está interessado no intercâmbio técnico-profissional e cultural com as organizações congêneres e oficiais médicos das Polícias Militares.

Correspondência: Rua João Teodoro, 307 — SÃO PAULO, SP.

aniversário



B G FAZ ANOS

E GANHA
ROUPA
NOVA

Em seu aniversário, êle veste roupa nova. Traje de gala, côres brilhando ao sol, na manhã esplêndida de setembro. Nasceu há 24 anos, no dia 1.º Todo ano êle se enfeita, para receber os cumprimentos, que são muitos. Este ano esmerou-se mais que nunca.

Assim foi o aniversário do nosso Batalhão de Guardas, unidade com menos de um quarto de século de vida, mas já tradicional; importante pelas suas funções, mas acolhedor pela dedicação de seus homens. Para tornar-se ainda mais simpático a todos, vestiu-se de novo. O secretário da Viação e Obras Públicas, brigadeiro Faria Lima, possibilitou a colaboração dos órgãos subordinados à pasta que dirige. Assim, foi asfaltado o pátio interno do quartel, bem

como a passagem lateral, que dá acesso às dependências do Conjunto Musical. Máquinas e homens foram postos à disposição da Fôrça Pública para aquêle serviço. As paredes foram pintadas, tudo foi arrumado e a festa de aniversário foi alegre e convidativa.

O quartel do Batalhão de Guardas é atualmente dotado dos requisitos necessários a que todos, dentro dêle se sintam à vontade. Casarão que foj convento, não tem o aspecto sombrio dos castelos medievais. Com jardins bem tratados, dependências cuidadosamente remodeladas e adaptadas às necessidades do soldado moderno, permite um clima propício ao trabalho. E, ao mesmo tempo, é um lar— o abrigo da família begeina.

FALA O COMANDO

Escutai a voz do passado de vosso quartel, enfeitado por estas palmirias esguias e amigas, a nos acenarem sempre com o leque gentil de suas fôlhas garbosas: êle murmura saudosas revelações, lembra o estrépito marcial das tropas de guerra que aqui estacionaram, com seu armamento poderoso, e recorda os monges hieráticos e solitários que pervagaram pelos seus corredores silenciosos e calmos, pois aqui foi o antigo colégio dos agostinianos!

Jaime dos Santos, cel. cmt. do Batalhão de Guardas (Boletim Comemorativo do 24.º aniversário, 1-IX-60)

Ano 1960, 1.º de setembro. O Batalhão de Guardas da Força Pública está de aniversário: 24 anos. O ten. cel. Jaime dos Santos, seu comandante, elaborou um programa especial, de que participaram oficiais e praças do Batalhão, representantes de unidades diversas, nosso comandante geral e outras autoridades civis e militares. Como convidados especiais, estiveram presentes figuras diretamente ligadas à fundação do B.G.: mal. Milton de Freitas Almeida que, no posto de coronel, comandava então a milícia; o sr. Artur Leite de Barros Jr., então secretário da Segurança Pública, e o primeiro comandante begeíno, cel. Otaviano Gonçalves da Silveira. O governador em cujo mandato se fundou o Batalhão seria o mais ilustre dos convidados e estaria presente, se fôsse vi-

vo. Mas esteve condignamente representado por seus filhos, sr. Júlio de Sales Oliveira e sra. Lucila Teixeira de Barros.

PAINEL ALUSIVO

Quem entra no gabinete do comando do Batalhão vê nas proximidades um painel que lhe desperta a atenção. Sua inauguração fêz parte dos festejos. Representa a entrega da primeira bandeira nacional à unidade, feita por seu fundador, governador Armando de Sales Oliveira. O então secretário da Segurança Pública, sr. Artur Leite de Barros Junior, o comandante geral Milton de Freitas Almeida e o primeiro comandante begeíno, o então ten. cel. Otaviano Gonçalves da Silveira.

Por ocasião do descerramento do mural, o ten. Juracy Magalhães S.

Fernandes prestou uma homenagem a Armando Sales, numa alocução em que discorreu sobre o grande homem público, ressaltando as qualidades de economista, estadista, administrador e sociólogo, qualidades que, em síntese, fundiram-se na personalidade do «apóstolo da democracia».

ARMAS EM CRUZ

Em dado momento, a tropa formada no pátio ensarilhou as armas em cruz, para simbolizar a fé nos destinos da unidade e da corporação e a saudade do extinto governador.

Em seguida, o cmt. Jaime dos Santos leu o boletim comemorativo, dissertando sobre a história do Batalhão. No mesmo documento, fez verdadeira profissão de fé, convicto de que somente poderemos alcançar nossas mais ansiadas aspirações munindo-nos de ideais puros e inquebrantáveis, sem dar ouvido às vozes iconoclastas da inveja e de inconfessos interesses particulares.

Por fim, os presentes se rejubilaram pelo transcurso da data, reunidos em um coquetel oferecido aos convidados. Um bolo artístico foi cortado pela filha de Armando Sales, sra. Lucila Teixeira de Barros. Dora Lucila, munida de espada, cortou o bolo de aniversário, ao som de música apropriada que o Conjunto Musical da Força executou.

Entre outras coisas disse o cmt. Jaime: «Tende a certeza de que a melhor forma de homenagear nossa unidade em seu aniversário é renovarmos no ímo de nossa alma o compromisso de cumprir rigorosamente, com o sacrifício da própria vida, os

deveres inerentes ao posto de cada um! Mantende os ouvidos surdos aos falsos cantos de serena, às cassan-



O comandante do B.G. lê o boletim comemorativo

dras que não sabem scão emprestar aspecto rasteiro, mesmo às realizações sinceras, inspiradas nas elevadas regiões do idealismo; agi sempre com rigor e firmeza no cumprimento de vossas obrigações, ainda quando com a certeza de estar sendo alvo de incompreensões ou distorções na apreciação de vossos atos! Procurai sempre ser cada vez mais eficientes no cumprimento de vossos deveres, a fim de vos sintonizardes com o momento presente e emprestar lealmente vossa contribuição em prol da arancada de nosso país, em busca de seus altos destinos!»

UM POUCO DA HISTÓRIA

Criado por lei estadual sancionada por Armando Sales, o Batalhão de Guardas nasceu em 1.º de setembro de 1936. Era então o conturbado período que se seguira ao mo-

vimento constitucionalista de 32. O chefe do Executivo bandeirante conseguira, porém, implantar a ordem na desordem, reerguendo o que fôra devastado nas duas últimas lutas fratricidas.

Artur Leite de Barros Júnior era secretário da Segurança Pública. Sua gestão assinalou-se pela remodelação da policia, adaptada que foi às exigências da época. A harmonia reinante entre corporações distintas permitiu aquêl trabalho em um clima propício, dando à Secretaria o sentido exato de pasta encarregada da segurança pública.

Na Fôrça, destacou-se o nome de seu comandante geral Milton de Freitas Almeida, então coronel do Exército Brasileiro. A milicia estava desorganizada e êle reestruturou-a racionalmente, ajustando-a a suas finalidades. De relance, assenhoreou-se da



Da esquerda para a direita: ministro Costa Lima, presidente do T.J.M.; cel. Geraldo Rangel de França, atual comandante geral; cel. Otaviano Gonçalves da Silveira e mal. Milton de Freitas Almeida



Os convidados ouvem o ten. Juracy Magalhães da Silva Fernandes ler seu trabalho sobre Armando Sales.



Flagrante colhido no momento em que a sra. Lucila Teixeira de Barros cortava o bolo de aniversário.

A partir da esquerda: ten. cel. Jaime dos Santos, comandante atual da unidade; mal. Milton de Freitas Almeida, comandante geral na época da fundação do B.G.; sr. Artur Leite de Barros Júnior, então secretário da Segurança Pública; cel. Otaviano Gonçalves da Silveira, primeiro comandante do Batalhão.

situação, certo de que a Fôrça Pública não poderia ser eficiente se continuasse prês a regulamentos anacrônicos, modificou os existentes e introduziu outros que se faziam necessários. Os cursos, notadamente os do então Centro de Instrução Militar, também sofreram profunda remodelação. Outra de suas realizações foi a Justiça Militar do Estado.

NASCE O BATALHÃO

Era preciso um batalhão de elite e nasceu o B.G.. O ten. cel. Otaviano assumiu o comando e acom-

panhou «pari passu» a vida da nova unidade, deixando-a sômente quando se transferiu para a reserva, anos mais tarde.

De justiça é também que se ressalte a atuação de dois oficiais do Exército, servindo na época, na corporação: ten. cel. Edgar do Amaral e major Miguel Lage Saião, comissionados respectivamente como chefe do Estado Maior e diretor geral de instrução. Ambos colaboraram de maneira decisiva na organização do B.G..

O Batalhão de Guardas é uma unidade estruturada nos moldes das organizações similares do Exército. Além das missões peculiares da Força, cabe-lhe particularmente: a) guarnecer, em caráter permanente, o palácio do govêrno e o monumento do Ipiranga; b) manter a vigilância e garantir a segurança dos diversos presídios da capital paulista: Penitenciária do Estado, Casas de Detenção (antiga e nova) e Presídio Martin Buchard; c) fornecer guardas militares à Secretaria da Segurança Pública, Delegacia Fiscal, Receptoraria Federal de Rendas e Cidade Universitária onde, ao lado de outras construções de suma importância para o progresso da economia nacional, achase instalado o primeiro reator atômico da América do Sul.

24 ANOS DE GLÓRIAS

Nos seus 24 anos de existência, em que, pela nobreza da missão recebida, grangeou foros de unidade de elite, tem sido o Batalhão de Guardas galardoado com os mais honrosos conceitos, pela ação eficiente demonstrada quando chamado a intervir na manutenção da ordem e na defesa das instituições legais.

De 1938 a 1941, o povo carioca teve oportunidade de aplaudir, nos desfiles de 7 de setembro os milicianos paulistas, que se faziam representar na então capital da República pelo Batalhão de Guardas.

Sua caserna, verdadeira forja de disciplina e devotamento ao trabalho, rejubila-se de haver abrigado em seu seio oficiais ilustres, como o célebre cap. Negrão, um dos partici-

pantes da epopéia do «Jaú», aparelho que em 28 de abril de 1927 — na fase heróica da aviação — fez a travessia aérea do Atlântico.

Atualmente, o Batalhão conta com um efetivo de 790 homens, distribuídos em quatro companhias. A Cia. de Comando está incumbida de realizar serviços internos gerais; a 1.^a Cia. é destacada permanentemente para a Guarda Militar do palácio do govêrno; à 2.^a e à 3.^a Cias. compete fornecer efetivo, no regime de 24 x 24 horas, para as diversas guarnições da capital, além de empenharse nas formaturas normais, guardas e escoltas de honra.

MODERNIZAÇÃO

A unidade criada por Armando Sales, porém, não permaneceu estática. Seu primeiro comandante organizou-a e os que se seguiram continuaram o trabalho, acompanhando a evolução. As necessidades crescem e aumenta o trabalho do B.G. em defesa da sociedade. Os trabalhadores obscuros que são nossos soldados também não podem ser encarados sempre da mesma maneira. O homem de hoje é fruto de nossa época e deve ser tratado de acôrdo com a realidade presente, em benefício do serviço, pois precisa produzir mais. O meio social já mudou muito e o quartel não poderia deixar de mudar.

Nos últimos dois anos, por exemplo, o velho casarão tornou-se quase irreconhecível para seus antigos componentes. Com gente nova, êle vestiu roupa nova. Ali nosso homem encontra todo o conforto necessário. Oficiais e praças, todos ali se sentem

bem. O oficial de dia tem agora um apartamento condigno, junto a seu Estado Maior. O soldado telefonista pode trabalhar com prazer em sua nova cabina. O recruta que chega ou o visitante que entra tem logo boa impressão, ao ver o saguão de entrada, moderno, funcional e de aspecto acolhedor. A higiene merece destaque especial e as instalações sanitárias são impecáveis. As acomodações do Corpo da Guarda permitem à sentinela sentir-se em casa, nas horas de folga. O mobiliário tubular do refeitório influi psicologicamente no miliciano, de maneira favorável, segundo especialistas que tiveram oportunidade de observar o fato. Enfim, um jardim interno, decoração apropriada de todas as dependências e material adequado na construção completam o ambiente, possibilitando um estado de espírito propício ao trabalho dos soldados.

No auditório «Major Antão», uma tela panorâmica permite a realização de sessões cinematográficas,

ao lado de espetáculos que já se vinham realizando, com a participação do Conjunto Musical e de outras unidades. O soldado encontra naquele auditório um derivativo para o natural sofrimento de seu labor cotidiano e anônimo. E vive. E se confraterniza com civis que frequentam o quartel, principalmente crianças, que vão assistir às sessões infantis e aprendem a ver no miliciano um amigo.

MÚSICA PARA OS BEGEINOS

A música faz parte da vida do begeino. Junto ao Batalhão de Guardas funciona o Conjunto Musical da Fôrça Pública, herdeiro espiritual do velho maestro Antão. E o auditório que leva seu nome vibra constantemente aos acordes emitidos pelos artistas do Conjunto. Está sob a responsabilidade do maestro Alcides De Gobbi, 1.º tenente ainda jovem e talentoso. E tanto músicos como soldados do B.G. evocam ali o nome do Antão, que faz parte da história de São Paulo.

ARMANDO DE SALES OLIVEIRA

BG reverencia

memória de



**A
r
m
a
n
d
o

S
a
l
e
s**

Armando de Sales Oliveira

Ten. Juracy Magalhães S. Fernandes

Nasceu a 24 de dezembro de 1887, filho do notável engenheiro Francisco de Sales Oliveira e de dona Adelaide de Sá Oliveira.

Sua família era pois, de tradição arraigadamente paulista. Seu genitor, insigne engenheiro, pertenceu à alta administração da Cia. Mojiana de Estradas de Ferro, a princípio como inspetor geral e em seguida como presidente, sendo das mais proficuas a sua gestão à testa da empresa, em cujo desenvolvimento encontra-se o melhor atestado. No Congresso, exerceu o mandato de senador e também relevantes fôram os seus trabalhos na última legislatura do século passado. Campinas deve-lhe a construção de sua rede de águas e esgotos e o saneamento da cidade. A rede de esgotos contribuiu decisivamente para a extinção da febre amarela que ali reinou durante muitos anos.

O jovem Armando de Sales Oliveira fez seus estudos de humanidades no Ginásio do Estado e, sentindo-se atraído pela profissão abraçada por seu ilustre pai, ingressou na Escola Politécnica de São Paulo, em cujo curso distinguiu-se com brilhantismo, graças às qualidades de espírito e inteligência.

Falecendo-lhe prematuramente os pais, ainda como estudante viu-se obrigado a enfrentar as dificuldades causadas pelo infortúnio, arcando com a pesada responsabilidade de chefe de não pequena família.

Diz o proverbio que o fogo faz a têmpera do aço. As asperezas da vida, as dificuldades e os tropeços que tão cedo enfrentou, amalgamaram o caráter e a personalidade do futuro homem público. Ao tempo em que os jovens descuidados deixam-se arrastar pela ilusões da vida, enveredando pelas sendas do acaso e da imprudência, sem pensar no dia de amanhã, no jovem estudante, graças ao seu hábito de constante meditação, foi se solidificando uma personalidade adulta e moderada, em contraste com a notável energia dinâmica de que era possuidor. Tudo nele, aliando-se a uma vontade férrea e inquebrantável, antecipava-lhe um senso de responsabilidade, próprio dos predestinados.

A frase de Leon Diniz — «O homem é o que pensa» — encontrou na pessoa de Armando de Sales Oliveira, a materialização exata de seu sentido.

Um grande poder de iniciativa evidenciou-se desde o início de sua carreira. Em Jaboticabal, foi o fundador da Cia. de Fôrça e Luz. Em São José do Rio Preto, fundou uma empresa de electricidade, da qual foi presidente e, mais tarde, após estudos técnicos, adquiriu a «Empresa de Electricidade Orion», de Barretos, da qual também foi presidente. Como essas empresas não dispusessem de energia suficiente, organizou a «Central Elétrica de Icem» e, em consequência, deliberou aproveitar a cachoeira do Marimbondo para suprir suas três empresas e outras congêneres de Monte Alto e Taquaritinga.

Homem de larga visão dos problemas de sua terra, conhecendo suas necessidades imperiosas e desejando maior desenvolvimento para o seu

Brasil, fêz várias viagens à Europa, tentando obter capitais estrangeiros para inversão em empreitadas que viriam nos beneficiar economicamente. Estava no Velho Mundo quando irrompeu a revolução de 1924, o que lhe impediu a consecução dos planos. Em 1927, passou tôda a organização existente no Estado, a emprêsas elétricas brasileiras.

Portador de vasto cabedal científico e objetivo, mas querendo ampliar ainda mais sua cultura e saber, para bem servir ao Brasil, buscou na Europa solução para os difíceis problemas de ordem social e econômica que nos afligiam. Estudou «in loco», na Suécia os processos empregados na fabricação de papel e em eletrometalurgia; na Alemanha, dedicou-se a estudos sôbre adubos sintéticos, adiantando-se assim a técnicos de muitos dos mais evoluídos países do globo.

Nas regiões do sul da França, dedicou-se ao estudo da eletrificação das estradas de ferro e na Sorbonne concluiu vários cursos, com o que procurava o aprimoramento de sua cultura geral.

Ainda estava no velho continente, quando, por sugestão do sr. Francisco de Paula Ramos de Azevêdo foi eleito diretor da Cia. Mojiana de Estradas de Ferro e, mesmo antes de assumir o cargo, executou minucioso estudo sôbre a eletrificação das ferrovias de bitola estreita, nos moldes das estradas de penetração sul-africanas e das estradas eletrificadas da Suíça.

Muito embora tôda sua vida anterior estivesse ligada a obras de interesse geral, sua vida pública sômente foi iniciada em 1931, quando o elegeram presidente do Instituto de Organização Racional do Trabalho — IORT —, que então se fundava.

Até a idade de 45 anos, manteve-se alheio a quaisquer atividades politico-partidárias, procurando empregar a impressionante turbina de dinamismo pessoal apenas em empreendimentos econômicos, culturais e de alcance geral.

Durante o movimento constitucionalista manteve incansável ação de abastecimento dos soldados que lutavam nas trincheiras e, malogrados os ideais bandeirantes, prestou instimável e humano amparo aos exilados que, por falta de recursos, estavam destinados a sucumbir na penúria, longe das plagas natais.

A 21 de agôsto de 1933, foi empossado no cargo de interventor federal no Estado de São Paulo. Estava predestinado a ser uma das maiores expressões que passaram por nosso govêrno. Seu espírito independente, íntimato e isento de interesses particulares, foi patenteado na exposição que fêz antes de ser escolhido: — »Sou um homem batisado nas águas rubras e escaldantes da revolução de 1932 e afirmo que, qualquer que seja o paulista a ascender ao govêrno de minha terra, êle só poderá governar útilmente se levar o pensamento que é o meu e o dos homens de maior responsabilidade de São Paulo: o de defender a todo transe as conquistas daquele glorioso movimento e de manter intransigente fidelidade aos seus grandes ideais».

Os escombros ainda fumegantes de duas revoluções ocasionaram ao Estado, um ambiente de grande confusão espiritual. Seus alicerces estavam terrivelmente abalados e a tarefa de seu reerguimento era qual-quer coisa de colossal e gigantesco. Quem o tentasse sujeitava-se ou ao esquecimento inglório ou a excelsa consagração nas páginas da história Paulista e nas do Brasil.

Fácilmente outro teria sucumbido nessa contingência. Tendo nas mãos as rédeas do governo, Armando de Sales Oliveira, não se deixou levar ao sabor das paixões ou pelas correntes que pendiam para a esquerda ou para a direita, fixando-se no centro como um fiel da balança da Democracia, na sua real concepção de Democracia como a aspiravam seus co-estaduanos. Seu invulgar adestramento para o desempenho do cargo e sua notável capacidade administrativa, forjada pela própria vida, destinavam-no ao saliente papel de construtor dos destinos de São Paulo. Graças ao seu trabalho incansável, enfrentou e sobrepujou os obstáculos que se lhe apresentaram e solveu conjunturas multiformes em que se pôe a prova as reais qualidades administrativas de um governo.

Sua ação fecunda e polimorfa estendeu-se a todos os setores da administração.

O erário público estava exaurido. A administração, mergulhada em verdadeiro caos, como consequência dos terríveis vendavais que assolaram o Estado em 30 e 32.

Após a organização de seu secretariado, Armando de Sales Oliveira auscultou as necessidades e possibilidades do Estado, encetando após, um titânico trabalho de recuperação econômica e de reerguimento, através do estímulo às fontes de produção.

Um dos primeiros atos do interventor, graças ao seu espírito altamente evoluído de estadista de escol, foi o da supressão de alguns impostos. Fasmosa essa providência, em paradoxo com o que de mais lógico parece ao administrador comum, o aumento dos impostos!

Sob os moldes de técnicas atualizadas, incrementou o desenvolvimento de todas culturas agrícolas, notadamente do algodão, que somente a partir de seu governo tornou-se riqueza do Estado. Para efetivar esses planos reorganizou a Secretaria da Agricultura, criando novos departamentos e introduzindo modificações nos existentes.

Fundou a Universidade de São Paulo, tornando « eminentemente popular », assim, « a educação secundária e superior de aristocrática que era acessível apenas a privilegiados da fortuna ». Centenas de unidades de ensino primário e dezenas de ginásios oficiais foram criados em seu governo sendo digno de nota que encontrara apenas 3 ginásios oficiais em funcionamento. No setor do ensino profissional encontrou 8 escolas e deixou 32. Fundou e instalou a Faculdade de Filosofia, a de Ciências Econômicas e a de Belas Artes e transmitiu para a administração estadual a Faculdade de Direito, além de haver reunido as escolas de Farmácia e de Odontologia.

No âmbito da assistência social também sua ação aflorou decidida e marcante. Convicto das grandes possibilidades materiais e humanas, não só de São Paulo como do próprio Brasil, não poderia jamais deixar de dar assistência ao homem paulista pois, segundo elê, « não é a falta de capacidade de trabalho o mal de que sofre a nossa gente. É, sobretudo, em largos trechos do nosso Estado, apenas a falta de saúde ».

Terríveis endemias que exauriam as forças do nosso trabalhador como as verminoses, o impaludismo e o tracoma, foram importantes metas de ação do seu governo. A doença médico-social de mais terrível estigma na história dos povos — a lepra — foi objeto de seu incansável labor na construção de verdadeiras cidades-leprosários. Milhares de infelizes hansenianos que vagavam pelas estradas, espalhando a terrível mo-

léstia, como que em vingança ao desprezo a que relegados, encontraram guarida nos leprosários postos em funcionamento pelo govêrno.

Na gestão de Armando de Sales Oliveira, foi estudado e planejado em seus mínimos detalhes o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina.

Dedicou especial atenção aos transportes rodoviários e aéreos, prolongando o ramal da Mairinque-Santos e fundando a VASP. Além disso, iniciou a construção de mais um pórtio para São Paulo, que é o atual pórtio de São Sebastião.

A produção de algodão e de outros cereais, que, por falta de transporte, atulhavam os armazéns na região do Noroeste, puderam ter escoamento, graças ao financiamento concedido pelo govêrno à Estrada de Ferro Noroeste, em consórcio com a Paulista.

No seu govêrno, inestimável auxílio foi prestado aos municípios, quer para lhes restaurar as finanças, quer para a construção de obras de interesse coletivo.

Notabilizou-se como o primeiro chefe de govêrno a reconhecer essa necessidade que, em síntese, é necessidade do próprio Estado.

Sua ação firme de reorganização e reerguimento estendeu-se à pasta da Secretaria da Segurança Pública.

A Polícia encontrava-se em situação precária, presa a moldes de ação antiquados e já superados e, por conseguinte, ineficientes. Coagulado por Artur Leite de Barros, nessa brilhante personalidade que tão marcantes feitos deixou gravados nos anais da Polícia de São Paulo, Armando de Sales Oliveira, reestruturou a Secretaria, imprimiu-lhe novas normas de ação, aparelhou-a de acôrdo com as exigências prementes da evolução e do progresso e deu-lhe a real significação de órgão de segurança pública.

Nesse particular, a Fôrça Pública, bastante combalida após o movimento constitucionalista, qual Fênix reerguendo-se das próprias cinzas, recebeu aprimorada organização e eficiência completa.

Em meados de 1935, graças à cooperação enérgica e dinâmica de seu acessor no Comando Geral da Fôrça Pública, o então cel. Milton de Freitas Almeida, brilhante oficial do Exército Brasileiro, chefe, na aceção lata do termo, de vasta cultura e de invulgar capacidade realizadora, novos rumos fôram imprimidos à centenária milícia do Brigadeiro Tobias de Aguiar. Seus regulamentos anacrônicos fôram modificados; outros fôram introduzidos; os cursos fôram remodelados, notadamente o então Centro de Instrução Militar e a Escola de Educação Física; criou-se a Justiça Militar do Estado.

A milícia aparelhou-se com o que de mais moderno havia na época; seus efetivos fôram aumentados e, enfim, equiparou-se com as maiores corporações policiais-militares do mundo.

Na consecução dessa obra gigantesca, sem precedentes nos anais da Fôrça Pública, estava a criação de uma unidade de escol que falasse às gerações presentes das imorredouras glórias do passado e que viesse preencher uma lacuna que se tornava evidente existir. Foi assim que a 1.ª de setembro de 1936 em consequência da lei 2511, de 2 de janeiro desse mesmo ano, passou a ter vida ativa o Batalhão de Guardas, em cujas seções está espelhada a própria história da terra de Piratininga. Seu Comando deveria caber a um oficial também de elite. A escolha recaiu sô-

bre a pessoa do então tenente coronel Otaviano Gonçalves da Silveira, oficial de dignificante passado na corporação, de grande lastro moral e possuidor de raras virtudes de chefe, que amou o seu batalhão e foi amado pelos seus comandados. Assim como o seguiram com garbo os begeíno de ontem, deve segui-lo com orgulho a geração de hoje, como exemplo de homem, de soldado e de chefe.

Sumamente honroso é para o Batalhão de Guardas o haver recebido, das mãos de seu criador, no dia 15 de dezembro de 1936, seu primeiro pavilhão nacional, que é a reliquia verde e amarela que o batalhão conserva com carinho e dedicação.

A obra vasta e incomensurável desse impressionante homem público estendeu-se, pois, a todos os setores da administração estadual planejando, construindo ou renovando incessantemente como êmulo do motu continuo onipresente.

Armando de Sales Oliveira foi o primeiro governador no período que se seguiu à promulgação da Constituição Paulista de 9 de julho de 1935, tendo-se dedicado de corpo e alma à campanha política para a sucessão presidencial que se efetivaria em 1938. Entretanto, por questões que somente a história pode explicar, as eleições não se realizaram e, em consequência, ao lado de outros vultos ilustres das letras e da política, como os srs. Júlio Mesquita Filho e Paulo Duarte, fulgurantes expressões do jornalismo bandeirante e da imprensa livre e destemida, foi Armando de Sales Oliveira condenado ao exílio em que permaneceu durante oito longos anos, amargurado com o sofrimento de não poder pisar o torrão natal.

Em 1945, retornou da Argentina, onde tivera acolhida, mas já vítima de grave e insidiosa moléstia, que a 17 de maio desse mesmo ano, no Sanatório Esperança, nesta capital, tirou do rol dos vivos uma das mais candentes expressões da inteligência e da democracia dos últimos tempos.

Sua ação foi ciclópica e sem precedentes, atingindo até mesmo as raias do inverossímil para quem não o tivesse conhecido anteriormente. Entretanto, para os que tiveram a ventura de conhecer o passado daquela verdadeira geratriz de ação, ainda assim persistiria o espanto, apesar de que, na pessoa do notável homem público, espelhava-se apenas a confirmação das qualidades de caráter precocemente afloradas no jovem Armando de Sales Oliveira.

O nome de Armando de Sales Oliveira, verdadeiro apóstolo da democracia, será perpetuado pelas gerações do futuro, como um paradigma a ser seguido. Não deixemos, jamais, o seu vulto perder-se nas cinzas do olvido. Incensemo-lo no altar dos heróis para render-lhe o preito de nossa profunda e imorredoura gratidão.

Procuremos seguir o exemplo por ele deixado «para que o Brasil continue e para defender com todas as forças do espírito, seu prestígio, sua unidade, sua paz e sua originalidade».



TIRADENTES, O MAIOR DOS CONJURADOS

(Palestra proferida pelo cap. Sérgio Vilela Monteiro, dia 21-IV-1960, na Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas)

A luta pela expulsão dos holandêses firmara no espírito de muitos brasileiros a idéia de pátria. E pátria, no dizer de Ingenieros, «é sincronismo de espíritos e corações. E têmpera uniforme para o esforço. E homogênea a disposição para o sacrifício. E simultaneidade na aspiração da grandeza, no desejo da glória e no pudor da humanidade».

Um povo que lutara, quase sozinho, contra a poderosa nação flamenga, reservara lugar de destaque, como país soberano, no conceito universal.

Entretanto, dos montes Guararapes à colina do Ipiranga, muitos patriotas pagaram pesado tributo aos anseios de uma pátria livre e soberana. Porém, o ideal ressurgiu sempre engrandecido pelo sacrifício de autênticos heróis!

A PLEIADE MINEIRA

Na segunda metade do século XVIII, vemo-lo mais vivo do que nunca, nas alterosas montanhas de Minas Gerais, conduzido por uma plêiede brilhante de intelectuais, de magistrados, de militares e de sacerdotes.

Dentre os 26 condenados de 1792, nove tiveram real destaque, no movimento de sublevação que foi a Inconfidência Mineira. Os documentos que constituem os 7 volumes dos Autos de Devassa, apontam Tiradentes como idealizador e líder incontestado dos demais, na tentativa de implantação, na colônia portuguesa, de um regime republicano. Os demais que, por suas atividades, conseguiram maior destaque foram: ALVARES MACIEL, FREIRE DE ANDRADE, Padre TOLEDO, ALVARENGA PEIXOTO, Padre ROLIM, OLIVEIRA LOPES, TOLEDO PIZA e DOMINGOS VIEIRA.

INFLUÊNCIAS EXTERNAS

Dois acontecimentos marcantes alentavam os conjurados continua e insistentemente. A França, sacudida pela pregação de Rousseau, Voltaire, Diderot, Montesquieu, fizera re-alar, com as carcomidas fortalezas, as velhas e opressoras instituições monárquicas, substituindo-as pelo regime liberal democrático, sob a égide da liberdade, igualdade e fraternidade. Os EE.UU., após memoráveis lutas, derrotaram os ingleses em Saratoga e tornaram-se independentes.

«O TEMPO É CHEGADO»

A Inconfidência Mineira caminhava em ritmo acelerado e uniforme. Procurando coordená-la, estabelecendo maior unidade estava o Alferes Tiradentes. Homem de palavra fácil e entusiasmo irradiante encorajava os tímidos, conquistava os indecisos e transformava a causa em uma cruzada, uma espécie de guerra santa.

«Há uma coisa mais poderosa que todos os exércitos — Diz a Victor Hugo — uma idéia cujo tempo é chegado».

Tiradentes bem o sabia. A liberdade viria, embora tarde. Foi por essa razão que exclamou certa feita: «farei uma trama que daqui a cem anos estarão procurando desmanchar».

O idealista é como uma chama: queima-se para iluminar o século em que vive.

Momentos antes do último ato daquele drama pátrio, Tiradentes o confirmou: «cumprí o meu dever, morro pela liberdade».

A 19 de Abril de 1792, após o longo e demorado processo que se seguiu à delação dos conjurados, o escrivão da da alçada lê a sentença final. Todos tiveram a pena comutada em degredo, e Tiradentes, «por ser o primeiro cabeça», foi condenado à morte. Deveria ser enforcado, decapitado e seu corpo dividido em 4 partes, para serem alteadas às extremidades de pelourinhos. Sua casa seria arrasada e no local nada mais se construiria. Seus bens confiscados e declarada infame para todo o sempre sua descendência, até a terceira geração.

Nem Calígula, nem Nero sancionaram tamanha monstruosidade! A vida e o sangue do patriota eram insuficientes para saciar tamanha sede.

Em meio ao mais cuidadoso aparato, Tiradentes subiu impávido, as escadas do patíbulo. Subiu com a soberana verticalidade dos heróis!

Na conspiração fôra um portento, no cárcere um gigante e na marcha para o cadafalso, um imortal!

GLÓRIA DO ALFERES

No dizer de Lúcio dos Santos: — »A justiça que condenou Tiradentes, não só o engrandeceu, mas o glorificou para sempre. Ele desceu tanto, que enche todo êsse horizonte longínquo e ensangüentado onde luziram os primeiros albores da aurora da liberdade».

Referindo-se à serenidade com que enfrentou a morte, Rocha Pombo disse que «nunca se viu tanta constância e tamanha consolação em transe tão angustioso. Não foi menor, em tôda a assistência, a admiração e o pasmo».

Em «Le Brésil pittoresque», Charles Ribeyrrolles descreve o grande drama externando sua admiração: «como o quiçera a sentença, houve sinistro aparato na marcha para o suplício, e o cadafalso estava em grande gala. Mas o mártir soube morrer. A multidão emocionada não viu passar um queixume, um temor, sôbre essa fronte de soldado. É que êle se sacrificava por uma idéia. Recolhi dos arquivos do Brasil esta página quase desconhecida dos contemporâneos. Não sômente para vingar memórias apagadas, como para assinalar a diferença dos tempos. Em 92, conjecturava-se por palavras e propagandas. Hoje, posso, estrangeiro, apregoar em plena liberdade, o drama sinistro de um julgamento iníquo. É que o sangue de Tiradentes não foi de todo perdido. O suplício germina».

Em autores diversos, consta que Joaquim José da Silva Xavier, dito Tiradentes, nasceu a 12-II.1746, no vilarejo de Pombal, município de São João Del Rei, das núpcias do Sr. Domingos da Silva Santos com Dona Antônia da Encarnação Xavier. Após o aprendizado das primeiras letras, fêz estudos de gramática, de latim e de ciências físicas e naturais, com seu irmão mais velho, o padre Domingos da Silva Xavier. Bem cedo foi ferido pela orfandade, bem cedo começou a luta pela vida. Foi mascate, minerador, membro de comissões geológicas, dentista e militar. Um nômade por excelência, em cada profissão, mas um dedicado extremo em tôdas e'as. Sempre colocou a alma em seus empreendimentos. Sem formação acadêmica, era, no entanto uma inteli-

gência esclarecida e espírito culto para sua época. Como um pastor de famosa região da Grécia, sentou-se ao lado dos árcades da inconfidência, dos juristas, dos magistrados, dos homens de negócio, dos eclesiásticos, e com êles discutiu, traçou planos e ascendeu à liderança. E na verdade, os líderes são aquêles homens como Tiradentes, que na encruzilhada da história traçam os roteiros e são seguidos pelos contemporâneos, pela atração admirável que exercem.

CARREIRA MILITAR

De sua vida militar pouco se sabe. Tiradentes alistou-se no Regimento de Dragões da Capitania e teve como Comandante, o ten. cel. Francisco de Paula Freire de Andrade, mais tarde um dos conjurados.

Como militar foi zeloso cumpridor dos deveres e desempenhou importantes comissões.

A 24-12-1781, por ordem de D. Maria I, foi-lhe conferido o comando da patrulha do caminho novo do Rio. Nessa comissão de ronda do mato, prestou Tiradentes relevantes serviços, especialmente na Mantiqueira. Em vista do grande número de assaltos e crimes, era necessário que o alferes Joaquim fôsse prudente e atilado na fiscalização, agindo com energia, habilidade e coragem. Nessa diligência agiu com o cel. José Aires, depois seu companheiro de infortúnio. Em pouco tempo Tiradentes conseguiu eliminar do itinerário os assaltantes e criminosos.

A 21-4-1784, Luiz da Cunha Menezes, governador da Capitania, oficiou ao cel. Manuel Rodrigues da Costa nomeando Tiradentes para uma pesquisa no sertão, por ser o mesmo «inteligente em mineralogia».

Na carreira militar atingiu o posto de alferes (2.º ten.) da 6.ª Cia. e, tendo sido preterido 4 vezes nas promoções, abandonou a caserna e dedicou-se à mineração.

VISÃO DE BRASÍLIA

Finalmente Aires da Mata Machado, lembra que a conjuração de Tiradentes não malogrou «Os sonhos dos inconfidentes ainda são os nossos». Queriam universidades e escolas profissionais superiores. Começamos a tê-las recentemente. Queriam a liberdade dos escravos. Sômente quase um século depois foram libertos. Queriam a capital em São João Del Rei — temo-la hoje em Brasília.

Alvares Maciel dizia a Tiradentes que desconhecemos nossos tesouros. E porventura conhecemo-los hoje? Se o conhecemos, pouco va'or temos dado

Não pensemos na **libertação**, como dizia Tiradentes, mas na **restauração**, porque ela abrangerá todos os setores da vida nacional.

Os inconfidentes, sintetizados na pureza do idealismo de um Tiradentes, imaginaram uma república perfeita, escocimada de erro, quase platônica. Ainda estamos longe de atingi-la. Mas a lição é sempre presente.

Acreditamos, honestamente, que o Brasil caminha para a restauração, para a emancipação sócio-político-econômica, para a sua maioridade definitiva, num mundo livre e democrático.

Hoje, que uma nova data divide a História do Brasil em — antes e depois de Brasília — saudemos a memória de Tiradentes, o maior dos conjurados, que sonhou e previu essa Pátria grandiosa.

CLÍNICA DENTÁRIA

Dr. DUDLEY WERNECK (cirurgião dentista)

DIURNA E NOTURNA — (das 8 às 21 horas)

Orçamentos sem compromisso — Serviços garantidos

Dentaduras anatômicas — Pontes fixas e móveis

Extrações sem dor — Laboratório próprio

Consertam-se dentaduras frouxas e quebradas
em 15 minutos

Entregam-se dentaduras garantidas em 6 hs.

SERVIÇOS A VISTA E A PRAZO

Av. Tiradentes, 266

Os psicotestes estão na ordem do dia, constituindo-se em manchetes de jornais e revistas.

MILITIA não podia permanecer indiferente ao problema.

O ten. Moyses Szajnbok foi ao DASI (Departamento de Alistamento, Seleção e Identificação da Força). Lá o repórter manteve com o chefe do Departamento, cap. Eurico José Colla, e com os demais oficiais, o diálogo abaixo.

dois dedos de prosa:

Oficiais do DASI falam ao

Exames PSICOTÉCNICOS



Cap. Colla entre os tens. Othon e Rocha Marques

ten. Moyses Szajnbok

— Existe psicoteste na Fôrça Pública? — perguntou o repórter. A resposta do cap. Colla foi taxativa:

— Sim. A Fôrça Pública, nesse setor, é uma das pioneiras em São Paulo e quiçá no Brasil.

— Desde quando o pessoal da milícia é submetido a exames desse tipo?

— Já em 1947/48 iniciava-se na Fôrça a aplicação do teste de inteligência («Army test», forma beta). Em 1951, criado o Gabinete Psicotécnico, passou-se à aplicação de várias provas, como as de inteligência, personalidade e a entrevista psicotécnica. A partir de 1954, acrescentamos o exame psiquiátrico, atualmente a cargo do cap. dr. Vicente D'Andretta. Mas o DASI só foi oficializado em 1959, pelo decreto 35359, e aqui prestam serviço nossos auxiliares, tens. Othon Fernandes da Silva, na Secção de Seleção, e Paulo Tenório da Rocha Marques, na Secção de Alistamento e Identificação.

— Em que condições é aplicado o teste psicotécnico ao pessoal da corporação?

Agora é o ten. Othon quem fala:

— O DASI é a porta de entrada. Aqui é examinado indistintamente todo civil que queira ingressar nas fileiras da milícia, seja como soldado, sargento escrevente ou aluno da Escola de Oficiais. Até mesmo médicos, dentistas e farmacêuticos, candidatos ao oficialato no Serviço de Saúde, submetem-se à mesma exigência.

A isso acrescentou o ten. Rocha Marques:

— Os oficiais que vão freqüentar cursos de especialização, bem como todos os motoristas militares que desejam habilitar-se a dirigir veículos da Fôrça, também passam pelos exames psicotécnicos. São examinadas ainda no DASI tôdas as praças que estejam respondendo Conselho Disciplinar.

— Mais alguma notícia aos leitores de MILITIA?

— Podem aguardar para breve, nas páginas da revista, colaboração do pessoal do DASI sôbre o discutido problema dos exames psicotécnicos — concluiu o chefe do Departamento.



Depois dos folguedos, alimentos sadios!

Sobras, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

AS MILÍCIAS DE S. PAULO NO TEMPO DEL-REI (II)

Em começos do século XVII, por volta de 1608, quando ainda as coroas de Portugal e de Espanha estavam sob o cetro dos Felipes de Castela, verifica-se como os espanhóis e os portugueses conservavam as suas respectivas nacionalidades independentes. Felipe II de Espanha e I de Portugal prometeu respeitar as instituições políticas e administrativas no Império Lusitano. Manteve as liberdades prerrogativas e séde do governo português em Lisboa. Nomeou governadores, prelados e funcionários portugueses. Conservou a moeda, a armada, o exército, a lingua portuguesa. E, embora sob o regime de união pessoal das coroas, reconheceu aos portugueses o direito de recusarem sujeição, vassalagem e obediência, sem perjúrio, ou crime de lesa-majestade, isto é, crime de inconfidência.

Mas, quando nesse começo do século XVII os portugueses começaram a notar certa mudança no sistema administrativo de Felipe III de Espanha e II de Portugal, resolveram declarar, de maneira clara e explícita: «A Índia e mais terras ultramarinas de cujo governo se trata neste Conselho (das Índias, mais tarde Ultramarino), não são distintas

nem separadas deste Reino, nem ainda lhe pertencem por modo de união, mas são membros do mesmo Reino, como o é o (Reino) do Algarve e Entre-Douro-e-Minho, porque se governaram com as mesmas leis e magistrados e gozam dos mesmos privilégios que os do mesmo Reino e, assim, tão português é o que nasce e vive em Goa ou no Brasil ou em Angola, como o que vive e nasce em Lisboa». (Francisco Mendes da Luz. «A Concepção da Unidade de Portugal, continental e ultramarino, através de um documento dos primórdios do século XVII». in «Garcia da Orta», rev. vol. III-n.º 4-569).

Nessas condições, mesmo sem rei, os portugueses da Europa, do Brasil, das ilhas da Ásia e da África eram lusitanos, porque a sua nacionalidade portuguesa continuava, embora a sua naturalidade fosse diferente. Por isso não houve Brasil-Francês, Brasil-Holandês, ou Brasil-Espanhol. Assim, de 1500 a 1822 o Brasil-Lusitano jamais sofreu solução de continuidade. Nenhum desses países deixou traço cultural de sua passagem efêmera no Estado do Brasil-provincia do Império Lusitano. E nenhuma dessas nações teria, como não teve, nos seus domínios, desprendi-

mento para declarar: «E deste ano (1715) a ordem régia para que nos cargos públicos da Capitania (de São Paulo) tenham preferência os PAULISTAS aos nascidos em Portugal, e outorgando à Câmara (Municipal) da cidade de São Paulo as mesmas prerrogativas de que gozavam as mais privilegiadas do Reino». (Cf. Azevedo Marques, «Apontamentos Históricos», in-Cronologia-249.la.ed. — Arquivo da Câmara Municipal de São Paulo, Livro de Registro de Alvarás e Cartas Régias. Vide «Paulistas, Privilégios e Nobreza».

Decorridos cem anos, o rei D. João V de Portugal confirma a declaração do Conselho Ultramarino: os portugueses nascidos no Brasil eram tão portugueses quanto os de Portugal, mas os paulistas, isto é, os portugueses de São Paulo, tinham em face dos portugueses de Portugal, preferência, para o exercício dos cargos públicos. E essa preferência estendia-se a todos os portugueses nascidos no Estado do Brasil. (Cf. Tito Livio Ferreira e Manuel Rodrigues Ferreira. «História da Civilização Brasileira. in «História Político-Social». Gráfica Biblos Editora. São Paulo).

Dois anos antes, em 24 de setembro de 1713, o governador de São Paulo, D. Braz Baltazar da Silveira, reforma as Ordenanças da Cidade, com dar-lhe novo regimento. «É muitíssimo interessante, observa mestre Taunay, o documento proveniente de tal decisão e sobremodo instrutivo para a história militar brasileira no que concerne às forças milicianas». (Afonso de E. Taunay. «História da Cidade de São Paulo» (1711-1720) — 159 e segs.1931)

O governador de São Paulo determinava: :

«Nesta cidade haverá um sargento mór (hoje major) nomeado na mesma forma dos capitães e dos ajudantes, que serão nomeados pelo capitão mór Governador da Capitania. Todos os oficiais, de alferes para cima, serão homens dos principais da terra, melhor e os mais ricos.

Cada vila (a palavra vila foi abolida após a proclamação da República, substituída pela expressão genérica de cidade) desta comarca (de São Paulo) terá um sargento mór e um ajudante, o qual sargento mór será proposto pela CÂMARA (MUNICIPAL), advertindo de propor três (nomes) para o dito posto, para o govêrno escolher o mais capaz, e o ajudante será de nomeação do sargento mór, e todos êstes oficiais hão de ter as circunstâncias acima referidas. Quando se fizer eleição de capitão em a Câmara (Municipal), deve assistir a ela o sargento mór da comarca, porém achando-se o capitão mór da comarca no dito distrito, a êle é que toca o fazer a eleição e não ao sargento mór.

Haverá um sargento mór da comarca que sempre será conveniente ser homem que tenha servido para haver de exercitar a gente, e a sua patente deve ser confirmada por el-Rei. A sua obrigação é saber a gente de que se compõem as companhias, fazer-lhe exercício e, tôdas as vèzes que as Ordenanças forem para alguma parte, marchar com elas. A nomeação de alferes, sargentos, cabos de esquadra e dos capitães será confirmada pelo capitão mór».

Por essa forma, determinados os diversos postos e suas atribuições, o preenchimento das vagas dar-se-ia por esta forma:

«Logo que vagar alguma companhia da Ordenança se juntarão os oficiais (vereadores) da Câmara (Municipal) e, presente o capitão mór, proporão três sujeitos (súditos) dos mais nobres e ricos, e remeterão esta proposta, para que escolhendo um dos três que me parecer (ao governador), lhe mande passar a sua patente, o que se observará a respeito em todas as Câmaras (Municipais) das vilas desta comarca».

As obrigações relativas aos postos é minuciosa. Os capitães mores devem: «O capitão mór é obrigado a saber exatamente toda a gente que há na sua comarca para o que pedirá listas de seis em seis meses a todos os sargentos mores da Ordenança. As listas serão feita na forma seguinte, declarando o nome do cabeça da familia, o nome e idade de todos os filhos. «E assim, de semestre em semestre, fazia-se o recenseamento.

«O capitão mór será obrigado a mandar fazer exercício que bastará ser uma vèz em cada mês. É obrigado a evitar a dissensão e inimizade que houver na sua comarca, pro-

curando ter a gente com grande quietação e obediência. A ordem do capitão mór estão tôdas as Ordenanças da sua comarca, todos os sargentos mores, capitães e mais oficiais, e todos êstes lhe devem obedecer as suas ordens inviolavelmente, e nenhum dêles lhe poderá pedir razão do que lhe mandar executar.

Na parte da subordinação hierárquica estabelecia o governador:

«Os capitães devem obdecer aos sargentos mores (majores hoje), os alferes aos capitães, os sargentos aos alferes, os cabos de esquadra aos sargentos, e os soldados aos cabos de esquadra». Assim a escala era: capitão mór, sargento mór, capitão, alferes, sargento, cabo de esquadra e soldado. «Nenhum oficial menor pode brigar com oficial maior e, fazendo-o, o capitão mór os prenderá e dará parte ao govêrno».

Cada capitão dividirá a sua companhia em quatro e dará cada uma delas a cada cabo de esquadra para que tenha cuidado dela, e os soldados saberem a quem hão de obedecer, e aos cabos de esquadra toca avisar a gente quando se junta; faltando algum sargento das companhias os capitães poderão mandar arvorar um cabo de esquadra».

ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o, insubstituível

AMIDO DE MILHO

MAIZENA

MARCA REGISTRADA



TRIANGULO



"TRATADO DE ESGRIMA"

"O autor é reconhecida autoridade no assunto. Desde os bancos da Escola de Oficiais que se dedicava com entusiasmo ao nobre esporte das lâminas. Como aluno da Escola de Educação Física, melhorou consideravelmente sua bagagem de conhecimentos da especialidade, o que lhe valeu ser recrutado para o corpo docente do tradicional Estabelecimento de Ensino, para reger as cadeiras de esgrima dos seus vários cursos. A cátedra dilatou-lhe os amplos horizontes, multiplicou-lhe os grandes conhecimentos esgrimísticos.

"TRATADO DE ESGRIMA" é de cunho eminentemente doutrinário. Encerra um verdadeiro curso de esgrima, com notável senso pedagógico. O autor inicia com as noções primárias e vai aos poucos, em pequenas doses, escalando as altitudes esgrimísticas. A seriação das armas, das lições, a ordenação e a metodologia da obra colocam-na ao alcance de todos. Os iniciantes encontrarão na obra do cap. Adauto um roteiro seguro e acessível. Os medianamente conhecedores da arte tirarão de suas páginas preciosos elementos para ampliação dos seus recursos. Os mestres e os doutos terão horas agradáveis ao folhear os seus capítulos, onde tirarão subsídios para enriquecer os seus conhecimentos.

"TRATADO DE ESGRIMA" vem preencher um claro na bibliografia especializada nacional, bastante escassa, aliás, pois contamos apenas com as obras dos Generais Pargá Rodrigues e Valério Falcão, já bastante antigas, a obra do Cap. Delphin Balancier, oficializada na Fôrça Pública, e outros pequenos ensaios. Esse é outro lado que credencia a obra nascente.

"TRATADO DE ESGRIMA", está enriquecido por numerosas gravuras ilustrativas, o que vem aumentar a compreensão dos movimentos.

A obra está despertando a mais viva acolhida nas fileiras da Fôrça Pública, baluarte da difusão do esporte fidalgo em nossa terra, e nos meios especializados de São Paulo, sendo certo que o seu interesse se irradiará por todos os centros esgrimísticos do país. Sem dúvida, o livro do cap. Adauto Fernandes de Andrade está fadado a um grande sucesso. Sobram-lhe méritos para isso" (*).



Direção do major Francisco V. Fonseca

BAHIA

ESTAGIARAM NA POLÍCIA FEMININA PAULISTA

Retornaram aos seus pagos as senhoritas Ivone Ribeiro Viana e Zilda Rodrigues Nascimento, integrantes da Polícia Feminina baiana, após estagiarem durante trinta dias na co-irmã bandeirante.

No período de observação aquelas policiais trabalharam isoladamente nos diversos postos e delegacias onde suas colegas paulistas prestaram serviço, tomando parte em várias diligências. Do relatório encaminhado pelas referidas estagiárias diversas sugestões serão minuciosamente estudadas, visando à sua aplicação na PF baiana, dentro dos recursos de que dispõe.

PM PLEITEIA NOVOS VENCIMENTOS

Foi entregue, no dia 7 de setembro, ao governador do Estado, um memorial reivindicatório de novas bases para os vencimentos do pessoal da Polícia Militar. O documento foi levado ao chefe do Executivo estadual por uma comissão representativa do Clube dos Oficiais, Sociedade de Beneficência dos Sargentos e Sociedade de Beneficência União Fraternal dos Inativos.

O sr. Juraci Magalhães se mostrou favorável ao apêlo que a Polícia Militar lhe fazia, pois o aumento do custo de vida está, de fato, asfixiando o servidor. Entretanto, para atender não só aos reclamos dos militares como também dos civis, quanto ao aumento dos seus vencimentos, necessita obter uma compensação na receita.

O cel. Galdino de Sousa morreu. Seu passamento deu-se há meses: em 27 de junho do corrente ano. Mas o velho soldado da PM baiana deixou amigos em sua corporação, como nas co-irmãs de outros Estados, e o golpe representado por seu falecimento continua a fazer-se sentir com a mesma intensidade.

Nascido em 18 de abril de 1885, no alto sertão da Bahia, sentou praça na Polícia Militar em 6 de maio de 1899. Dedicou, portanto, a vida inteira ao serviço do público, nas fileiras da corporação, onde galgou todos os postos da hierarquia. Em 1945, ao deixar o serviço ativo da milícia, formara uma legenda de lealdade, eficiência e honradez. E foi um mestre. Mesmo na inatividade, era sempre procurado por oficiais em busca de orientação e soluções diversas, que todos aceitavam incondicionalmente.

Na corporação da terra de Rui é apontado como um paradigma, pelo muito que fez e pelas qualidades demonstradas durante toda a vida. A experiência que acumulou durante mais de meio século esteve sempre a serviço da PM, onde deixou ensinamentos de utilidade indiscutível. Desapareceu admirado por todos e para todos deixou uma obra que perdura além da morte.

O major Gethsemani Galdino de Sousa, filho do extinto e nosso antigo conhecido, procura seguir o exemplo de seu pai. Abraçou a mesma carreira e comunica os mesmos ideais milicianos. Ao companheiro major Gethsemani, as condolências de MILITIA, ainda que tardias.

DISTRITO FEDERAL

TSE DECIDE: CABOS E SOLDADOS DAS PM NÃO PODEM ALISTAR-SE

O Tribunal Superior Eleitoral, respondendo à consulta formulada pelo depu-

tado federal pelo Rio Grande do Sul. Adílio Martins Viana, responde negativamente à indagação se cabos e soldados da PM poderiam ser alistados. O requerente justificava sua consulta alegando que o TRE da Guanabara decidira favoravelmente àquêles alistamentos, decisão esta que se chocava com as tomadas por outras côrtes eleitorais.

GUANABARA

A PM, O NOVO DISTRITO FEDERAL E O ESTADO DA GUANABARA

Multiplicidade

Conhecido deputado vem desenvolvendo campanha contra o projeto de lei que faz a PM e o CE retornarem aos quadros federais.

Aprovado ou não aquêlê projeto de lei, parece mesmo que a Velhacap continuará a primar pela multiplicidade de organizações policiais, agravando-se o mal organizado "BRASIL DESPOLICIADO... POR EXCESSO DE POLÍCIAS!" (tese defendida brilhante e ativamente pelo ten. cel. Orlando Xavier Pombo, da PM paranaense, in MILITIA n.º 68, março abril de 1957).

19 Polícias na Guanabara!

Os direitos adquiridos pelos antigos componentes da PMDF e de outras corporações, além de diversos reflexos, nos levam admitir a hipótese de que o Estado da Guanabara, terá 19 polícias: 1. Polícia do Exército; 2. Polícia da Marinha; 3. Polícia da Aeronáutica; 4. Polícia Militar (federal); 5. Polícia do Corpo de Bombeiros; 6. Guarda Civil; 7. Guarda Noturna; 8. Polícia Especial; 9. Polícia de Vigilância; 10. Polícia Marítima; 11. Polícia Portuária; 12. Polícia do Cais do Porto; 13. Polícia Rodoviária; 14. Polícia Judiciária; 15. Polícia Feminina; 16. Polícia da EF Central do Brasil; 17. Polícia da EF Leopoldina; 18. Polícia Civil; 19. Polícia Militar Estadual (.)

Círculo dos Oficiais: nova proclamação

Situando-se nos pormenores em torno da refederalização da Polícia Militar da Guanabara, pela segunda vez o cap. Brito Melo vem a público, como presidente do Círculo dos Oficiais, com a seguinte proclamação:

"Os componentes da Polícia Militar, uníssonos, defendem uma situação juridicamente conquistada através de 151 anos de permanência nos quadros da União;

O fato de continuar a PM, a pertencer à União, prestando serviços ao Estado da Guanabara, mediante convênio entre este e a União, é perfeitamente constitucional, e não quebra, absolutamente, a autonomia estadual;

A solução dada pela mensagem presidencial enviada ao Congresso, federalizando a PM reflete exatamente o que se reivindica e constitui verdadeiro auxílio ao Estado da Guanabara, para que este não se veja sobrecarregado em seus encargos financeiros, cujo deficit orçamentário alargado pelas diversas correntes político-administrativas, é motivo de preocupações;

A tese da Polícia Militar Federal, prestando serviços ao Estado da Guanabara, mediante convênio, não é invenção do governo federal, mas sim iniciativa deste Círculo, que vem de sustentá-la desde agosto de 1959, quando teve oportunidade de promover uma mesa redonda, em que participaram oficiais da PM e deputados de diversas correntes político-partidárias, só não tendo sido introduzida na lei 3.752, de 14 de abril último, em consequência de sua tramitação ultra-urgente nas duas casas do Congresso;

Ao lançar esta proclamação, deixamos bem claro que a PM nunca foi, nem é e nem permitiremos que seja instrumento político de qualquer facção, pois as suas tradições jamais macularemos. Somos uma corporação para servir à ordem, segurança e tranqüilidades públicas.

Nossos efetivos esclarecidos, compostos de brasileiros de todos os rincões da pátria, não serão nunca clementes de oppressão, dos irmãos guanabarinós. Temos de cumprir a nossa missão, custe o que custar e responsabilizaremos, perante a opinião pública, quem quer que seja pelos maus resultados alcançados no futuro".

Governador autorizado a assinar atos de aposentadoria e promoção na PM e Bombeiros

Dias depois, o governador Sette Câmara assinou e remeteu ao Grupo de Trabalho constituído na Secretaria de Admi-

nistração para regular a situação do pessoal dos órgãos federais transferidos para o Estado, o despacho do procurador Lima Salgado, que autoriza o governador da Guanabara a assinar atos de promoção e aposentadoria na P.M. e no CB.

Na mesma data, em reunião do Lo subgrupo, ficou decidido que o governador deverá assinar atos pendentes de decisão, imediatamente, sem esperar o pronunciamento do Tribunal Pleno no mandado de segurança impetrado por alguns oficiais da PM, que desejam ver seus atos assinados pelo presidente da República.

REGOSIJO NA PM PELA FEDERALIZAÇÃO

O envio da mensagem presidencial à Câmara no dia seguinte, juntamente com projeto de lei que dispõe sobre o retorno da PM e do CB aos quadros da União causou grande regosio entre os elementos daquelas corporações. Em sessão realizada no Circulo dos Officiais da PM foi proposto um voto de louvor ao presidente da República, pela demonstração de reconhecimento à tradicional milícia, que assim terá garantia a sua situação jurídica de mais de 150 anos.

Esclareceu o cap. Brito Melo, presidente daquela entidade, que a iniciativa do retorno da PM, embora representasse uma aspiração da unanimidade do efetivo da sua força, não coube propriamente aos seus elementos e sim a uma comissão de parlamentares que, há tempos, debateu a importante questão no Circulo, chegando à conclusão de que se tratava de uma das mais justas reivindicações. Acrescentou que a PM, pelas suas tradições de acatamento à legalidade, continuará servindo ao povo do Estado da Guanabara, com o qual está fortemente ligada.

Deputados opinam sobre a refederalização

O dep. Frota Aguiar informa que o seu partido não permitirá que o governo federalize a PM guanabarina, alegando que isso significará a intervenção da União do novo Estado.

"A Polícia Militar deve pertencêr ao Estado da Guanabara, respeitando-se os direitos dos oficiais e praças, mas não deve ficar sob o âmbito federal, pois tal poderá ser interpretado como uma forma de coação ao governo estadual". E con-

clui por afirmar que a PM não deve seguir para Brasília, que já tem a sua Polícia Militar, nem ser destacada para as fronteiras.

Também o dep. Oliveira Brito manifestou a sua opinião: "A federalização da PM da Guanabara significa, praticamente, a intervenção naquele Estado. Quando o projeto for à Comissão de Justiça darei meu parecer a respeito, na qualidade de presidente da referida Comissão".

O dep. Colombo de Sousa manifestou-se pela transformação da PM em Polícia de Fronteira, para repressão ao contrabando em todo o Brasil.

Ministro Falcão mantém seu ponto de vista: refederalização

Comentando notícias de que o projeto de federalização da PM guanabarina seria inconstitucional, por significar, de certa forma, uma intervenção federal, numa unidade federativa, o ministro Armando Falcão afirmou, enfaticamente, que o governo jamais mandaria para o Congresso um projeto eivado de inconstitucionalidade. "Basta ler o projeto — afirmou — com a sua justificativa, para se verificar que aqueles comentários são improcedentes". E, para reforçar o seu ponto de vista, afirmou ter endereçado telegramas aos srs. Ranieri Mazzilli, Abelardo Jurema e Antônio de Oliveira Brito, respectivamente presidente, líder da maioria e presidente da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, manifestando o mais vivo interesse pela rápida tramitação, no Congresso Nacional, do projeto de lei que restabelece o caráter federal da milícia carioca, tendo, na oportunidade, solicitado o apoio daqueles parlamentares para a referida proposição.

MARANHÃO

CRIADA A POLICIA ESPECIAL

Acaba de ser criada a Polícia Especial do Estado, com o efetivo inicial de 25 homens, mas com a proclamação do chefe de Polícia de que à nível entidade serão admitidos mais 30 ou 35 elementos. A nova corporação já entrou em atividade, para o que foram confeccionados, com urgência, os respectivos uniformes.

MINAS GERAIS

.DIPLOMADOS MAIS 23 ASPIRANTES.

Quatro são de Goiás

Realizaram-se, no dia 10 de setembro, as solenidades de declaração dos novos aspirantes, pelo Departamento de Instrução da PM e da formatura do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais.

Achavam-se presentes o governador Bias Fortes, secretário Celso Machado, representantes de secretários de Estado, do Prefeito da capital e dos comandantes da Guarnição Federal, de Belo Horizonte, bem como todos os comandantes de unidade e chefes de serviço e oficialidade da PM. As solenidades foram presididas pelo governador Bias Fortes, assessorado pelo cel. Manuel de Assunção e Sousa, comandante geral. Dos 23 aspirantes diplomados, 19 são da PM mineira e 4 da congênera de Goiás.

PARÁ

BOMBEIROS COMEMORAM O SEU DIA

Os bombeiros de Belém festejaram sua data magna (dois de julho) com um variado programa festivo. O prefeito Lopo de Castro, acompanhado do secretário de Administração da Prefeitura, Linomar Bahia, esteve presente. Compareceram, também, os comandos da 8.ª R.M. representado pelo capitão Aldayr Castro e 1.ª Zona Aérea, pelo capitão Milton Guimarães. Entre as competições realizadas, destacou-se o "cabo de guerra" entre as 1.ª e 2.ª Companhias, sendo vencedora a 2.ª, que recebeu a taça Prefeito Lopo de Castro, oferecida pelo chefe da comuna.

Finalizando as comemorações, o capitão ajudante Serafim Silva fez a leitura do Boletim constando a Ordem do Dia de uma exortação aos "soldados do fogo" aludindo ao transcurso do dia do bombeiro. Após as competições o ten. cel. Djalma Antônio de Souza, comandante dos Bombeiros, ofereceu aos presentes um coquetel.

PERNAMBUCO

A partir de 7 de setembro

COSME-E-DAMIÃO NA RUA

Acidade do Recife está policiada, a partir do dia 8 de setembro, pelos cha-

mados "Cosme e Damião" (Companhia de Policiamento Ostensivo, da Polícia Militar do Estado).

ZONEAMENTO

Cerca de 200 homens cobrem as principais artérias da cidade, realizando um policiamento pelo sistema duplo. Os "Cosme e Damião" não tem ponto fixo nas suas atividades. Executam a vigilância em constante movimentação mas dentro de um polígono determinado para cada dupla. Sua ação é das mais rigorosas, principalmente para com os malandros e desajustados outros que infestam as ruas comerciais, tornando precária a segurança dos que por ali transitam.

Inicialmente as duplas estarão em atividade, nos bairros do Recife, São José, Santo Antônio e Boa Vista (parte). É pensamento do cel. Expedito Sampaio, comandante geral da P.M.P., logo que possível, tornar mais extensiva a ação da C.P.O.

INSTRUÇÃO

Os integrantes da C.P.O. cumpriram um programa de instrução relativamente ferçado. Iniciavam as atividades às 7 horas da manhã e somente as encerravam às 17,30, diariamente (exeto aos domingos).

DISCIPLINA

Na parte referente à disciplina, as exigências do comando da C.P.O., são das mais rigorosas. Bastava que qualquer membro chegasse atrasado às instruções, para que fosse punido. Agora, que estão em atividade os "Cosme e Damião" são proibidos de imiscuir-se com pessoas estranhas sob pena de serem transferidos da corporação ou mesmo excluídos.

MISSÃO

A missão precípua dos "Cosme e Damião" é exercer o policiamento ostensivo da cidade. Seus componentes, entretanto, poderão servir até de cicerones às pessoas que os procuram para esse fim. Para tanto, receberam instrução especializada. Cumpre ainda, aos novos policiais, dar informações que lhes fôrem solicitadas por qualquer pessoa do povo; orientar velhos e menores no tráfego e atender a outras solicitações constantes das instruções de serviço, dando, ainda, de acôrdo com o diploma legal, assistência aos irracionais.

RIO DE JANEIRO

PM REIVINDICA POSSE DE BANDEIRA DA GUERRA DO PARAGUAI

A posse da bandeira do "12 de Voluntários", atualmente em poder das autoridades eclesiásticas, vai ser reivindicada pela Polícia Militar do Estado do Rio. O cel. Floriano Freire de Oliveira, comandante da corporação, vai reiterar junto àquelas autoridades a antiga reivindicação daquela unidade. O "12" foi um batalhão composto pela antiga Guarda Policial da Província do Rio de Janeiro e que se destacou como tropa de elite dentre as formadas pelos Voluntários da Pátria.

A bandeira do "12 de Voluntários", localizada na catedral de Niterói, foi diversas vezes condecorada na campanha contra Lopez e defendida pela corporação — que depois se iria transformar na Polícia Militar do Estado do Rio — nas batalhas do Riachuelo, de Curupaíti, e nas passagens de Mercedes e Las Cuevas e na retomada do Corrientes. Entre os heróis da campanha figura o homem que a transportou, o porta-bandeira alferes Lopes Ferreira, bem como o comandante do "12", ten. cel. João José de Brito, o alferes Garcia e o sargento Faria Par-dal.

HISTÓRIA DA P M

Criada por determinação de Ato Adicional à Constituição do Império Brasileiro, em 14 de abril de 1858, a corporação recebeu o nome de Guarda Provincial da Província do Rio de Janeiro e teve por primeiro comandante o general João Nepomuceno Castrioto, cuja carreira militar começara aos 8 anos de idade, quando o príncipe regente d. João o nomeou cadete de um Regimento de Infantaria sediada em Santa Catarina.

Em dezembro de 1864, a Guarda Policial se ofereceu para com as voluntárias fluminenses, integrar-se nas fileiras do Exército Imperial e sua primeira participação em campanha surge, dois meses após sua incorporação, no sítio e na retomada de Corrientes, já então sob o comando do ten. cel. João José Brito (Castrioto a comandara até 1861).

INTERFERÊNCIA DO CAPELÃO

Entretanto a bandeira do "12 de Voluntários", que o Comando da Polícia Militar do Estado do Rio deseja guardar em lugar de honra, desapareceu durante muitos anos, tendo sido há tempos localizada em poder das autoridades eclesiásticas. Interferiu no caso o capitão capelão Nicodemus de Sousa, sem êxito, pois a notícia de sua existência na catedral não teve confirmação. Agora, mediante novas diligências, o cel. Floriano Freire de Oliveira se assegurou de que realmente ela se encontra em poder das autoridades da Igreja, possivelmente não se tendo dado restituição por deficiência no trabalho de identificação.

COM TÓDAS AS HOMENAGENS

Em declarações à imprensa, o comandante da Polícia Militar disse que voltará a diligenciar e, obtido o consentimento do arcebispo d. Antônio Morais Jr., trasladara o pavilhão do "12" para a sede do comando, com festejos tão importantes, como é justo, em referência as glórias e às condecorações que êle mereceu graças ao heroísmo de seus defensores.

RIO GRANDE DO SUL

REJEITADO PROJETO QUE REVOGA A LEI PRAIEIRA

Afirmando que "a Assembléia está abrindo mão de suas atribuições de legislar para o futuro a fim de legislar sobre o passado", o dep. Sereno Chaise defendeu a sua posição contrária à revogação da chamada "lei prairieira", que vale uma extensão dos benefícios também a elementos da Polícia Civil. Pôsto em votação, o projeto foi rejeitado.

BRIGADA MILITAR É A SOLUÇÃO

Deputado desafia Secretaria da Segurança a entregar chefia do policiamento à Força Pública

O deputado Moab Caldas, na sessão legislativa de 1.º de setembro, falou a respeito da situação da Brigada Militar. Depois de discorrer sobre as tradições da milícia, revelou que esteve há pouco em Livramento e assistiu aos exercícios preliminares para a formação de um contingente de policiamento no sistema "Pedro e Paulo", a ser lançado naquela cidade fronteiriça. Disse que o lançamen-

to do novo sistema de policiamento está sendo ansiosamente esperado em Livramento e deverá contribuir para a manutenção de um clima de segurança e, sobretudo, assistência aos habitantes normais e turistas. Falando sobre o policiamento em P. Alegre, disse o sr. Moab Caldas que a Polícia fracassou. O problema porém, acrescentou, tem solução, "Afirmamos que ele tem solução imediata se fôr posta em prática nossa sugestão, que não é mero palpíte, mas o resultado de investigações sérias. Desafiámos o sr. Secretário de Segurança para que permita, por noventa dias, que fique subordinada a guarda-civil à Brigada Militar e que esta assuma diretamente o comando do policiamento na capital, policiamento preventivo-ostensivo, mesmo com a falta de recursos atual e o povo falará através dos jornais e os números dirão com quem está a razão".

CADETES QUEREM NOVO QUARTEL PARA O CFO

Querem ajudar com mão de obra, nas horas de folga

Os alunos do Curso de Formação de Oficiais da Brigada Militar, através do "Serviço de Difusão Acadêmica", deram a público a nota que inserimos:

"O CFO está atravessando uma fase de transformação. Se, em anos anteriores havendo vinte vagas para matrículas apareciam trinta candidatos, hoje, com cinquenta vagas, aparecem até duzentos candidatos. Se antes o número total de alunos era 80, hoje alcança a 170; e isto nas mesmas dependências, dispondo dos mesmos meios de há dez anos.. Tais condições precárias, apesar do acentuado espírito de luta sempre demonstrado pelos cadetes e pelo Corpo Docente, estão refletindo-se, sobremaneira, no aproveitamento e futura aplicação dos jovens cadetes milicianos.

Faz-se necessário, impõe-se, que sejam tomadas enérgicas providências no sentido da eliminação de tais fatores negativos e prejudiciais a uma boa formação.

Os cadetes, tornam público esta iniciativa porque isto se faz necessário e o Corpo Discente de nossa Escola dá todo o apoio a seu comandante e, compreendendo as dificuldades para a construção

de um novo quartel, colaborarão espontaneamente para tudo que fôr preciso, inclusive na mão de obra em tôdas suas horas de folga.

Felizmente, os primeiros passos nesse sentido já estão sendo dados.

Nosso comandante, Maj. Ernani Afonso Trein, homem de visão e vontade, compreendendo os problemas por que passam os cadetes, vem batendo-se pela construção de uma nova escola, que possa atender às necessidades de funcionamento e conforto. Congratulam-se os cadetes com mais esta feliz iniciativa do sr. maj. Trein, seguros de que, em breves dias, terão uma Escola à altura do que é necessário e desejado".

SANTA CATARINA

CURSO DE PSICOTÉCNICA NA PM Tenente da Brigada Militar (RS) é professor

Oportuna e meritória iniciativa do cel. Euclides Simões de Almeida, comandante da Polícia Militar, foi a criação do Curso de Psicotécnica, para os oficiais e sargentos, visando à seleção para a formação dos seus quadros.

Designado pelo governador do Rio Grande do Sul, sr. Leonel Brizzola, por solicitação do seu colega, sr. Heriberto Hulse, de Santa Catarina, o 1.º ten. brigadiano Dirceu Atanásio Portes, formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, ficou com a responsabilidade de ministrar as aulas do referido Curso.

A abertura das aulas teve lugar no quartel da Polícia Militar, no dia 16 de março último, com a presença de altas autoridades civis e militares, entre as quais o sr. Lerner Rodrigues, secretário da Segurança Pública (representando o governador); alm. Augusto Grunewald, cel. Alvaro Veiga Lima (EB), major Alberto Bina Neto (FAB), oficialidade da PM, professores e alunos de diversos educandários.

O cel. Simões de Almeida abriu os trabalhos, fazendo a apresentação do ten. Dirceu Portes, que a seguir dissertou sobre os objetivos do novo curso, bem como as vantagens que dele advirão para a formação profissional dos que o concluírem.



BREVE INTERREGNO NAS PUBLICAÇÕES SÔBRE A CAMPANHA DO CONTESTADO

A CAMPANHA do Contestado, com todos os seus horrores, é uma página pouco conhecida de nossa história. Ainda não teve um Euclides da Cunha. Mas estudos estão sendo realizados para esclarecimento de fatos históricos ignorados. Nosso redator, gen. A. Nogueira Júnior, está vivamente empenhado em pesquisas, para trazer a público ensinamentos colhidos no triste episódio, em que centenas de vidas se perderam.

A propósito do gen. Nogueira, o Correio da Manhã do Rio de Janeiro publicou, em sua edição de 3 de maio de 1958: «Filizmente, o general A. Nogueira Júnior está percorrendo o teatro daqueles feitos homéricos, munindo-se de farta documentação, para nos dar relato fiel de tudo, inclusive o relatório Potiguara, até hoje inédito». Os primeiros frutos do trabalho do gen. Nogueira já vieram a lume, nas páginas de MILITIA. Outros virão.

Nosso redator, porém, não quer precipitar-se. Tem elementos, mas quer mais. «Não é meu propósito — diz ele — ir avançando idéias sem estudo maduro e basta documentação». Depois de participar da luta como sargento, estudou o assunto, analisou-o, rebuscou tôdas as fontes possíveis, descobriu fatos novos e tirou conclusões. Mas recusa-se a fazer afirmações que possam provocar máguas regionais. E continua seu trabalho. «Fatos históricos — diz ele — não devem ficar ao capricho de interpretações facciosas ou ferir a sensibilidade: sucederam, não podendo desaparecer jamais».

O autor não interromperá sua série de estudos para MILITIA. Só neste número fazemos uma pausa, para prestar estes esclarecimentos, enquanto ele prossegue em suas buscas, embora já tenha muita coisa pronta.

Com relação ao cap. Tertuliano de Albuquerque Potiguara, é ele quem narra a epopéia que representou a célebre intrusão efetuada na

Semana Santa de 1915, em que tombaram 62 de seus comandados, além de 254 feridos (94 gravemente), sem contar com a perda de cerca de 500 rebeldes. 40 combates travaram-se durante oito dias terríveis, terminados a arma branca, no reduto de Santa Maria.

Alguns dos combatentes do Contestado — é ainda o gen. Nogueira quem informa — continuam vivos. O mal. Teixeira Lott e o gen. Falconiere da Cunha, então aspirantes, estão entre estes. Outro, que procura eclipsar-se, é o cel. José Marques Pereira, ex-comandante geral da Polícia Militar do Mato Grosso. MILITIA publicará, em breve, informações pormenorizadas a respeito daquele oficial, que era sargento do Exército, por ocasião da hecatombe.

Para o leitor ter uma idéia de quem é o cel. Marques Pereira, basta lembrar, por ora, que pertenceu ao destacamento Potiguara. Além de atuar em outros combates, o pelotão em que formava o sgt. Marques teve que rechaçar vigoroso ataque adversário. O pelotão guarnecia Vila Nova do Timbó, com 43 praças de infantaria, 31 de cavalaria e 13 civis a pé. O que foi o ataque deduzimos de um trecho do relatório do cap. Leopoldo Itacoatiara de Sena: «Às 2 horas e 15 minutos da madrugada de 3 do corrente mês (abril de 1915), foi o acampamento atacado por um bando de jagunços, em número superior a 300. Os setores nordeste e sueste fôram preferidos pelos bandidos que, repelidos após 15 minutos de viva fuzilaria, retiraram-se fazendo enorme algazarra. Foi levemente ferido o cabo do 56.º — Abdon Lara Barbosa. Um muar do esquadrão foi também ferido».

CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

Por correspondência

Acham-se abertas as matrículas para os cursos de taquigrafia por correspondência do Instituto Brasileiro de Taquigrafia, órgão fundado em 1944 e reconhecido de utilidade pública. O curso compõe-se de apenas 12 lições, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em Exame Final, também por correspondência. Os interessados deverão escrever dando nome e endereços para a caixa postal 8934, São Paulo.

Estrutura Policial Anacrônica

Almir Ribeiro Gomes - 1.º ten.

Como é do conhecimento público, está em andamento na Câmara Federal um projeto de Lei Básica das Polícias Militares. Visa a propositura dar às milícias brasileiras uma estrutura consentânea com a realidade atual. Em pleno século XX, quando o homem já deu passos decisivos para a conquista do espaço sideral; quando os povos colonizados de todos os continentes lutam e conseguem sua independência política; quando o Brasil rompe seculares complexos que maldosa e calculadamente se incutiram no espírito de seu povo, e alça decididamente rumo ao progresso, a organização policial brasileira — mormente a Polícia de São Paulo — não pode conservar permanentemente a mesma estrutura.

Com efeito, a segurança e a ordem pública paulistas repousam em dispositivo legal de 1928, isto é, há 32 anos está em vigor o Regulamento Policial do Estado. Caiu a 1.ª República; a revolução de 30, com a instituição do voto secreto, transformou a fisionomia política brasileira, caíram sólidas oligarquias, o país, a passos agigantados, está saindo da monocultura rural para a diversificação industrial; a cidade de São Paulo, de capital provinciana, transformou-se nesta metrópole cosmopolita; o Estado passou por profunda evolução social, política, econômica e

cultural. Mas o Regulamento Policial continua firme e cada vez mais em desacôrdo com as reformas de cúpula ultimamente introduzidas.

Não há exagero algum em tal maneira de apreciar o Regulamento Policial. Por êsse diploma legal, o pessoal da Polícia está dividido em dois compartimentos estanques: autoridade, constituída pela Polícia Civil, de um lado; do outro, agentes da autoridade, ou seja, as corporações fardadas. Teoricamente, o organograma está perfeito. Entretanto, na prática, o que se observa é que autoridades e agentes, conquanto estejam sob o mesmo teto, não pertencem a uma só família. A relação entre a polícia de farda e a Polícia Civil é a mesma existente entre a criadagem e membros de uma família próspera. Assim, a farda é menos um símbolo representativo da magestade da autoridade do que um macacão de serviço. Ora, essa situação vexatória, não só é humilhante para o policial fardado, como para a sociedade que deveria servir, pois esta, principalmente em nosso Estado, dado a sua evolução social, econômica, política e cultural, em princípio não aceita a proteção de uma instituição que, deliberadamente, foi colocada a sua margem. Daí a deficiência de polícia preventiva em nosso Estado e os constantes atritos entre as polícias e setores da opinião pública.

A Fôrça Pública, compreendendo tal anomalia, vem há anos procurando, através de um diploma legal atualizado, a definição de funções, afim de aproveitar o seu patrimônio histórico e moral, integrar-se ralmente no órgão destinado a manter a segurança e a ordem pública no Estado.

Tal proteção porém, vem sendo sistematicamente combatida, de forma a distorcer o mérito e o grande alcance da definição de funções. É apresentada às autoridades superiores do Estado como reivindicação unilateral, descabida e impertinente.

Ultimamente, uma série de atos administrativos vem afastando mais ainda a milícia das atividades policiais. Nessa marcha, há de chegar o momento em que a Fôrça aparecerá aos olhos do público na forma de um órgão inútil e dispendioso.

Com efeito, como a centenária corporação está sendo encarada pelo público como uma velha rabujenta, voltam-se lânguidos olhares para a adulescente Guarda Civil. Deram-lhe bons

guarda-roupas, instalaram-na na zona central da cidade, presentearam-na com os melhores veículos, ornamentaram-na com armas de calibre de guerra etc.

Nada teríamos a objetar se essa mudança de afeto viesse trazer felicidade e tranqüilidade à grande família que é o povo de São Paulo. Em nossa opinião, porém, a fórmula encontrada não atingirá o objetivo comum, qual seja a eficiência da Polícia de São Paulo. E não atingirá a meta desejada por dois motivos: falta de imaginação e falta de imaginação. Vejamos. A estrutura continuará a mesma. A própria Guarda Civil está sendo ampliada com as mesmas características da Fôrça. Justamente nos moldes em que a Fôrça Pública é apontada como deficiente para as funções policiais, aparelha-se a Guarda Civil, no afã de provar que essa nóvel corporação está apta a substituir a Polícia Militar em tóda plenitude de suas funções. Tal fato tende a perdurar até que novos desajustamentos ocorram no organismo policial do Estado.

CENTRO DE ESTUDOS MÉDICOS

O Centro de Estudos Médicos da Fôrça Pública de São Paulo está interessado no intercâmbio técnico-profissional e cultural com as organizações congêneres e oficiais médicos das Polícias Militares.

Correspondência: Rua João Teodoro, 307 — SÃO PAULO, SP.

Aguas de São Pedro

“A cidade onde a vida se renova”

LÁ O CLUBE DOS OFICIAIS TERÁ MAIS UMA COLÔNIA DE FÉRIAS

Reportagem de Waldemar Arruda

Não muito distante da capital paulista, bem no coração do Estado, localiza-se Aguas de São Pedro, a chamada maravilha hidro-climática do Brasil. É a mais nova estância do Brasil e constitui o menor de todos os ramos municipais. Ali, completando a obra da natureza, que dotou um mesmo local com três águas medicinais de excepcional valor para a cura dos males que afligem a humanidade, alguém de largo descortínio e de espírito empreendedor transformou o sítio, antes ermo e rústico, na mais completa estância de cura, repouso e turismo: Aguas de São Pedro, «a cidade onde a vida se renova». O sr. Otávio Moura Andrade foi o idealizador e incansável realizador da gigantesca obra, hoje conhecida no Brasil e no exterior, graças à beleza do local, ao conforto dos seus hotéis e à riqueza de suas águas milagrosas.



AS TRÊS FONTES MINERAIS

Águas de São Pedro tem, de maneira privilegiada, três fontes hidro-minerais com propriedades distintas: Fonte Juventude (Sulfurosa), Fonte Almeida Sales (bicarbonatada-sódica), e Fonte Gioconda (água que contém sulfato de sódio).

Essas três riquíssimas fontes são indicadas, de acordo com os casos e por orientação médica, para tratamento das seguintes enfermidades: reumatismo, diabetes, colite, moléstias do estômago, moléstias do intestino, moléstias do fígado, moléstias da pele. Suas aplicações, nos casos acima referidos, têm realizado verdadeiros milagres. Pessoas há que chegam carregadas à estância de Águas de São Pedro e, depois de alguns banhos ou do uso das águas, por via oral, regressam curadas e felizes.

Sendo uma estância, de repouso, tem sido muito recomendada para tratamento de esgotamento nervoso, alcançando, neste particular, magníficos resultados.

As três águas são canalizadas para o Grande Hotel e para o balneário popular, este frequentado pelos hóspedes das diversas pensões e hotéis da cidade.

Numerosos são os turistas estrangeiros que buscam a Estância atraídos pela fama já internacional de suas três fontes hidro-minerais.

SURGE A CIDADE

O sr. Otávio Moura Andrade, quando idealizou o Grande Hotel, os balneários e diversas outras obras de interesse público, planejou também a cidade de Águas de São Pedro. Saneou o local, construiu canais, ser-

viço de água e esgoto, luz elétrica e vários outros melhoramentos que mais tarde viriam beneficiar a população da curiosa cidade que surge rapidamente, e que, além das obras referidas, tem o seu posto médico e posto de puericultura, Coletorias, Caixa Econômica Estadual, delegacia de polícia, grupo escolar, centro telefônico e diversas casas comerciais.

O seu atual prefeito municipal é o sr. Armando Brandini, auxiliado por uma Câmara de 11 vereadores.

MAJESTOSO GRANDE HOTEL.

O Grande Hotel foi uma das primeiras e grandes realizações em Águas de São Pedro. Oferece aos seus hóspedes um padrão de conforto que se iguala aos melhores hotéis do País. Cerca de 150 funcionários trabalham ali e realizam um serviço dos mais perfeitos a bem dos hóspedes.

No Grande Hotel há farmácia, enfermeiros, cinema, salões para bailes e outras festas, salões para banquetes, salas para reuniões de congressos e concentrações; praça de esportes com quadras de bola ao cesto, volei, tennis, boche, patinação e tiro ao alvo, além de sua grande piscina e de seu bosque e parques que cobrem uma área de 40 alqueires, recortados por trilhos e caminhos pitorescos, muito apreciados pelos turistas.

Andar a cavalo e em charretes são esportes bastante apreciados pela população flutuante da Estância.

No momento em que redigimos, está previsto para breve o início da construção de outro hotel, com 120

apartamentos completos, pois no período das temporadas (janeiro, fevereiro e julho) os hotéis tornam-se pequenos para abrigar todos quantos batem às portas de Águas de São Pedro a procura de um lugar.

OFICIAIS DA FÔRÇA PÚBLICA VISITAM A ESTÂNCIA

Dia 21 de agosto último, diversos associados do Clube dos Oficiais da Fôrça Pública do Estado visitaram Águas de São Pedro. Logo que chegaram à estância, foram rece-

Moura Andrade e diversos vereadores, além de outras pessoas da cidade.

O CLUBE CONTRUIRÁ SUA COLÔNIA DE FÉRIAS

Depois do coquetel na Prefeitura, a caravana de oficiais dirigiu-se aos terrenos onde o Clube dos Oficiais da Fôrça construirá uma magnífica colônia de férias para os seus associados. Três árvores foram plantadas no local, como marco inicial das atividades do Clube na Estância.



O prefeito (à esquerda) examina, com o presidente do Clube dos Oficiais, a planta da futura Colônia.

pcionados na Prefeitura Municipal, em um coquetel que a municipalidade lhes ofereceu. Os visitantes foram recebidos pelo prefeito Armando Brandini, delegado Heitor de Godoi, vice-prefeito João Giani, sr. Otávio

Durante a cerimônia, fizeram uso da palavra o ten. Moisés Szajnbok, secretário do Clube, e o sr. Armando Brandini, em nome da municipalidade. Este, entusiasmado pela iniciativa dos oficiais da Fôrça Pública, pro-

meteu que fará chegar aos terrenos do Clube todos os melhoramentos necessários ao conforto, como luz, água, esgôto e ajardinamento da praça fronteira.

O cel. Rubens Teixeira Branco, Presidente do Clube e chefe da caravana, satisfeito com as promessas categóricas do prefeito, deu um aparte: «Promessa é dívida, senhor prefeito. Mas tenho certeza de que não vai ser necessário cobrá-la porque os melhoramentos virão mesmo aos nossos terrenos».

BORBOLETA CONSTRÓI SEM PREGOS

Borboleta é nome de gente. No caso, de um construtor humilde. Não tem cultura brilhante, mas sua inteligência é lúcida e grande é sua força de imaginação. Borboleta sabe pensar. E trabalha. E obras engenhosas saem de suas mãos. Foi o que puderam constatar os visitantes, que descobriram ainda algo de novo: uma construção sua sem o uso de um único prego.

E assim a casa do sr. Otávio Moura Andrade, tôda de madeira róliza, curiosa, original. A caravana não se cansou de admirá-la. E Borboleta? Não se sabe, ninguém viu. Os associados do Clube dos Oficiais encontraram-lhe apenas o nome e a obra.

A visita à construção de Borboleta realizou-se depois do banquete

oferecido aos visitantes no Grande Hotel. Participaram do ágape o prefeito, vereadores e várias outras personalidades.

MEMBROS DA CARAVANA

Em companhia do cel. Rubens Teixeira Branco, presidente do Clube de Oficiais da Fôrça Pública, participaram da caravana que visitou a «cidade onde a vida se renova» as seguintes pessoas: cel. José Tenório Quirino dos Santos, ten. cel. Geraldo Otoni Claro, sr. Paulo Luz Nogueira, cel. Benedito de Albuquerque, cel. Luís Gonzaga de Oliveira, cel. dr. Mário Brasil Cococi e sra., cel. Cecílio do Amaral Costa e sra., major José Augusto Rezende, ten. Horácio Mendes e sra., sr. Lauro Gonzaga de Oliveira, ten. Moisés Szajnbock e sra., e ten. Carlos Sereia da Silva.

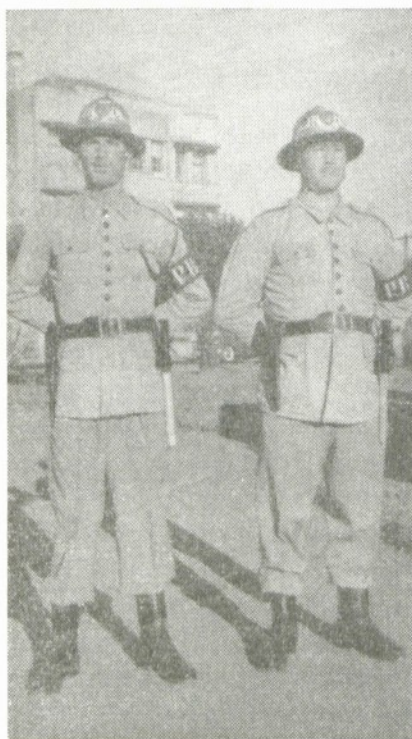
HOMENAGEM DO JORNAL DA ESTÂNCIA

A Estância já possui o seu jornal, com redação e officina própria instaladas em magnífico prédio. Tem como objetivo divulgar as coisas da jovem estância. Esse jornal também teve a iniciativa de homenagear os oficiais da Fôrça Pública e a revista MILITIA. Duas belíssimas flâmulas foram entregues ao cel. Rubens Teixeira Branco: uma destinou-se ao Clube de Oficiais e a outra, à redação da revista.

“PEDRO E PAULO” A NOVA ERA DA BRIGADA MILITAR

Ten. João Aldo Danesi

Com o êxito alcançado na capital, com emprêgo do policiamento em duplas, que o povo cognominou de «Pedro e Paulo», homônimos dos santos padroeiros do Rio Grande do Sul, e a iniciativa partida de Montenegro,



da criação ali de um pelotão, outras cidades passaram a reivindicar tal tipo de policiamento especializado,

eis que a cidade de Vacaria, situada na região do planalto lançou também os «Pedro e Paulo», que em poucos meses já alcançaram elevado conceito na sociedade vacariana.

Logo que assumiu o Comando do Destacamento Policial de Vacaria, o 1.º Ten. Rivadávia Danesi buscou e encontrou apoio e incentivo por parte do comandante do 3.º R.C. ten. cel. Francisco Samuel Jofre Tomatis, do ten. cel. Ari Almeida chefe do Estado Maior Geral e do cel. Diomário Moojen, comandante geral da Fôrça.

Após o período regulamentar para a seleção e formação dos homens, foram instalados solenemente, com a presença de altas autoridades do Estado e do município e do povo vacariano, que apluiu com entusiasmo os novos «Pedro e Paulo». Assim, Vacaria passou a ser a segunda cidade do interior a contar com êsse modelar policiamento preventivo-ostensivo.

Mas o movimento reivindicatório dos «Pedro e Paulo» não parou aí. A cidade de Pelotas, por ser a 2.ª do Estado em população e importância, movimentou-se na pessoa de seu Prefeito, Deputado João Carlos Gastal, que gestionou junto ao comandante do 4.º B.C., ten. cel. Fábio Pereira Gomes, e êste junto ao comandante

da corporação, conseguindo autorização para organizar um contingente de trinta homens para operar naquela progressista cidade, em duplas sistema «Pedro e Paulo».

Por determinação do E.M.G. partiu para aquela cidade, o 1.º ten. Dirceu Atanázio Portes, chefe do Gabinete de Psicotécnica, com a finalidade de testar os candidatos a «Pedro e Paulo».

Concomitantemente, o comandante geral, cel. Diomário Moojen, recebeu por intermédio da Secretaria de Segurança um expediente do prefeito da cidade de Sant'Ana do Livramento, em cuja exposição de motivos encarecia a necessidade de ser aquela cidade fronteiriça dotada de um sistema modelar de policiamento, que tão bons resultados vem apresentando na capital e nas cidades onde já se encontra em funcionamento.

Comenta o Prefeito daquela comuna a situação especial da fronteira com o Uruguai, cuja linha divisória com a cidade de Rivera é o Parque Internacional, fator de atração turística que exige um policiamento moderno, em condições de completar a atração daquele logradouro internacional.

Encontrando-se naquela cidade o major Otávio Frota, exercendo as funções de subcomandante do 2.º R.C., conhecido em tôda a Brigada como o «pai dos Pedro e Paulo», por ter sido organizador da 1.ª Cia. de Polícia «Pedro e Paulo» em Pôrto Alegre, origem do atual Batalhão Policial, tomou a si a tarefa de preparar um contingente com os novos voluntários incluídos e, para tanto, contou

com o apoio e incentivo do comandante do Regimento, ten. cel. Jesus Machado de Barros.

Fato digno de registro é que durante a formação dos homens, o comandante do R.C. recebeu a agradável visita do deputado estadual Moab Caldas, que estava em viagem



Ten. Rivadavia Danesi, comandante do Destacamento Policial de Vacaria

àquela cidade da fronteira. Depois de lhe ter sido apresentada a oficialidade do Corpo, passou acompanhado do comandante e oficiais, a visitar as dependências do quartel. Quando passava pelo pátio, encontravam-se os futuros «Pedro e Paulo» em plena instrução de prática de policiamento, exatamente na fase em que lhes era

ensinada, pelo instrutor, a maneira correta de agir, no trato com o público ao atender qualquer ocorrência policial. Entusiasmado, o deputado Moab assistiu àquela instrução, passando a arguir os futuros policiais sobre assuntos ligados àquela instrução. Tendo todos os arguidos respondido satisfatoriamente a todas as perguntas, aquele parlamentar manifestou-se vivamente impressionado com os novos métodos de instrução policial adotados na Brigada Militar, sendo que, no seu regresso à capital, uma de suas primeiras intervenções na Assembléia Legislativa foi cientificar os seus pares do trabalho de aprimoramento da instrução policial, que vem sendo desenvolvido na Polícia Militar do Estado.

Por sua vez, Santa Maria, como cidade situada no entroncamento principal de nossa via férrea e como princesa universitária, desencadeou uma campanha reivindicatória no seio das classes conservadoras, nos meios estudantis e na imprensa. Encabeçaram esta campanha o presidente do Sindicato das Empresas de Transporte e agente da Estação Rodoviária daquela cidade, sr. Valdomiro Aita, e o estudante e jornalista Frederico Guilherme Zorzam, sendo que este último vem desenvolvendo sua campanha através da imprensa santamariense desde 1958.

Como resultado desse movimento, o comandante geral, cel. Diomário Moojen acaba de receber extenso docier subscrito por todos os diretores das Faculdades da cidade, solicitando a instalação, naquela localidade, dos «Pedro e Paulo», com a brevidade possível.

Depois de autorizado pelo E.M.G., para incluir voluntários obedecendo o sistema de seleção psicotécnica, o comandante do 2.º B.C., ten. cel. Mauro Pereira Caloy, deu início à formação de um pelotão, contando para isso com a orientação de um oficial do Btl. Pol. «Pedro e Paulo», da capital.

Quando acabávamos de redigir estas notas, recebemos pessoalmente, do ten. cel. Ari Almeida, Chefe do E.M.G., duas notícias alviçareiras, que servem de fecho para esta reportagem. Acabava o Estado Maior Geral de autorizar o comandante do 3.º R.C., com sede na cidade de Passo Fundo, a incluir voluntários quantos fossem necessários à instalação de um contingente de «Pedro e Paulo» naquela cidade.

A outra notícia é que recebera informações do comandante do 5.º B.C., sediado em Montenegro e que obedece ao comando do ten. cel. Noemio Gustavo Bauer, que acaba de passar a pronto na instrução policial mais uma turma de «Pedro e Paulo», para ser lançada imediatamente na cidade de Bento Gonçalves.

GRUPAMENTO DE DESTACAMENTOS DO PLANALTO NORDESTINO

Por determinação do cel. Diomário Moojen, comandante Geral da Brigada Militar, o comandante do 3.º Regimento de Cavalaria, com sede em Passo Fundo, ordenou a organização do Grupamento de Destacamentos Policiais-Militares, abrangendo os municípios de Vacaria, Lagoa Vermelha, Sananduva e São José do Ouro. Para comandante desse Grupa-

SÃO PAULO

SECÇÃO COMERCIAL

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 619/25

FONES: 36-6311 - 34-1234 - 36-4439

Irmãos Del Guerra
COMÉRCIO E INDÚSTRIA S/A

SECÇÃO INDUSTRIAL

CORTUME JACAREÍ

LARGO DO MATADOURO, 159

TELEFONE 157 - CAIXA POSTAL, 14

JACAREÍ - EST. S. PAULO - E. F. C. B.

mento, foi escolhido o 1.º ten. Rivadávia Danesi, atual Comandante do Destacamento de Vacaria, onde ficará a sede do Comando.

«PEDRO E PAULO»

EM LAGOA VERMELHA

O ten. Rivadávia Danesi, cmt. do Grupamento dos Destacamentos Policiais-Militares do Planalto, já tomou as providências para criação de um grupo de policiamento na cidade de Lagoa Vermelha, no sistema «Pedro e Paulo». Para tanto, já foi selecionado e está sendo preparado, um grupo de 15 homens, devidamente equipados, que obedecerão as ordens do 2.º sgt.º Milton Tavares Marques, atual sub-comandante do Destacamento daquela cidade, e, por feliz coinci-

dência, um pioneiro da organização dos «Pedro e Paulo» da capital do Estado.

Com mais esta inovação no setor de policiamento ostensivo afeto à Brigada Militar, o eixo Vacaria-Lagoa Vermelha-Passo Fundo estará, dentro em pouco, suprido desse moderno e eficiente sistema de policiamento, pois que em Vacaria, desde 21 de abril do corrente ano, em estreita cooperação com o delegado Ângelo Bastos, lançou esse sistema, que veio trazer um clima de tranquilidade, com grande satisfação para a população local. Na cidade de Passo Fundo, já está sendo instruído um pelotão que, brevemente, será lançado no policiamento ostensivo da cidade, pelo cmt. Jofre Tomatis.

No Mundo das Letras

CULTO DAS LETRAS NA BRIGADA MILITAR CADETE «IMORTAL»

Há meses, a Academia de Letras da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul conta com mais um membro: o cadete de milícia José Hilário Retamoso, da Brigada Militar Gaúcha, eleito por unanimidade para ocupar a cadeira n.º 45. Convidado pelo presidente da entidade, sr. Humberto Feliciano de Carvalho, foi empossado solenemente em junho último.

Aquela academia, que tem sede em Uruguaiana, é uma das mais famosas da terra de Alceu Wamosy, o que realça o significado da eleição. A Sociedade Acadêmica do Curso de Formação de Oficiais da corporação aplaudiu o jovem acadêmico, pela posição de destaque a ele reservada no cenário das letras riograndenses.

UM POETA

O jovem Hilário, porém, não é o único cultor das letras na milícia do Rio Grande do Sul. Há outros. João Romário Pereira Dias, por exemplo, elabora seus versos nas horas de folga. É soldado do Batalhão Policial «Pedro e Paulo». É um dos brigadinhos que garantem a tranqüilidade do público portoalegrense, dia e noite em contato com ele nas ruas da capital gaúcha. João Romário se entusiasma com o serviço, admira o trabalho de seus companheiros e, de suas emoções, brotam versos, como os do poema «Velhos Tempos», que só dei-

xamos de publicar por absoluta falta de espaço.

O poeta canta as glórias da Brigada e lembra seu passado de lutas, enfrentando «ferro e bola / que em cada morro nos fala / de fogo e carga de lança / e o sangue derramado / que o gaúcho antepassado / nos transmitiu como herança». É poema sincero. Saiu-lhe da alma e isso é poesia, a despeito das falhas que se lhe possam apontar. «Sou um simples Pedro e Paulo» — diz ele mais adiante. É um miliciano, destinado a velar pela manutenção da ordem. Assim, um «simples Pedro e Paulo» fez versos em que não se pode negar uma virtude: simplicidade. É, portanto, um poeta que promete e pode produzir obras de valor.

REFORMA AGRÁRIA VENEZUELANA

Chegou a nossas mãos uma brochura intitulada «Reforma Agrária — Liberación Económica de Venezuela», editada em março do corrente ano em Caracas, pela presidência daquela República. Consta do final da obra, o texto da lei de reforma agrária, que entrou em vigor na Venezuela em 5 de março último.

«A presente lei — reza aquê diploma legal em seu art. 1.º — tem por objeto a transformação da estrutura agrária do país e a incorporação de sua população rural ao desenvolvimento econômico, social e político da nação, mediante a subs-



Cadete José Hilario Retamoso

tuição do sistema latifundiário por um sistema justo de propriedade, posse e exploração da terra, baseado na equitativa distribuição da mesma, na adequada organização do crédito e na assistência integral para os produtores do campo, a fim de que a terra constitua, para o homem que trabalha nela, base de sua estabilidade econômica, fundamento de seu progressivo bem estar social e garantia de sua liberdade e dignidade».

Para a realização da reforma, o presidente Rómulo Bettancourt afixou em discurso proferido por ocasião da cerimônia de sanção da lei: «Dois mil e quinhentos milhões de bolívares serão investidos, nos próximos quatro anos e até o fim do presente, na realização de uma reforma agrária integral. «O govêrno venezuelano procura assim «transformar definitivamente a atual fase de nosso meio rural em um espetáculo ao mesmo tempo promissor e comovedor de um povo camponês alegre, porque cria riqueza e porque se incorporou ao gozo de tudo quanto tem de vantajoso a sociedade moderna».

O discurso do presidente da República, bem como os de outras autoridades e representantes de classe, estão também estampados na brochura. Ilustram-na várias fotos, colhidas em Carabobo, local histórico onde a lei foi assinada. Um dos flagrantes nos mostra o presidente Rómulo Bettancourt apertando a mão de um seu antecessor, sr. Rómulo Gallegos, que assinou lei semelhante em 1948 e acabou sendo deposto sem que ela fôsse executada.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

VELOCIDADE, revista mensal especializada em automobilismo e aviação — São Paulo, n.º 187, jul. de 1960. Diretores: Arcângelo Lacava e Hilda dos Reis; secretário: José Olímpio Alves Mota; circulação: Neise A. da Silva.

ANCHIETA, mensário dos alunos do Colégio Anchieta — Belo Horizonte, n.º 31, agosto de 1960. (edição comemorativa do jubileu de ouro do estabelecimento).

Orientação dos profs. Antônio C. Câmara Ribeiro, Zelito Ribeiro dos Santos (responsável) e Francisco Fausto de Albuquerque; diretores: José Antônio Soares Pereira, Maria Vicente e Evandro Camilo de Azevedo. Redação dos alunos do Colégio.

O PENHA DE FRANÇA, órgão editado no subdistrito da Penha — São Paulo, n.º 18, de 17 de setembro de 1960.



Aplausos ao major Pimentel por seu estudo sôbre Graciliano Ramos

- Valiosa contribuição para os estudiosos
- A intimidade com o romancista
- Traços biográficos do conferencista
- Retrospecto da sessão do Instituto Histórico

O major Olimpio de Oliveira Pimentel vem recebendo efusivos cumprimentos por sua posse no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 27 de agosto do corrente ano, bem como pela conferência que então proferiu, narrando fatos da vida de Graciliano Ramos, como se vê no último número de MILITIA. Mas não são só cumprimentos. O novo membro do Instituto contribuiu, com sua conferência «Graciliano Ramos na Intimidade», para aprofundar os estudos em torno da vida e da obra do autor de «Angústia», seu amigo de infância. Como é natural, começam a chegar pedidos de informações mais pormenorizadas sôbre o escritor. Críticos, escritores, professores, todos querem conhecer mais uma faceta de Graciliano, cuja personalidade ainda apresenta muitos pontos obscuros. Graças àquela conferência, aumentou sensivelmente a procura desta revista.

O major Pimentel divulgou seus estudos sôbre o mestre Graça por mais uma vez em MILITIA. Em 1 957, por exemplo, publicou o trabalho intitulado «Graciliano Ramos», no número 71, de setembro/outubro daquele ano, trabalho em que revelou aspectos novos da personalidade do escritor.

Diretor proprietário e redator responsável: Domingos Nemoyane; gerente: Orlando Citrini Júnior. Distribuição gratuita.

DIALOGO ESTIMULANTE, brochura da presidência da República da Venezuela — Caracas, 1 959. Contém discursos do presidente Rómulo Bettancourt e do dirigente sindical Juan José Delpino, pronunciados no encerramento do III Congresso de Trabalhadores, em Los Caracas, em 20 de novembro de 1 959.

INALTERABLE CONFIANZA EN EL DESTINO DEMOCRATICO DE VENEZUELA, publicação da presidência da República venezuelana, contendo mensagem presidencial de 21 de janeiro de 1 960.

PN, órgão semanal especializado em publicidade e negócios — São Paulo, edição de 12 de setembro de 1 960. Diretores: Manuel de Vasconcelos e Genival Rabelo; chefe de redação: Severino M. Carneiro; assistente de redação: Valmir B. Monteiro; chefe de publicidade: Sandoval Moura; consultor jurídico: Jacino Carrilho.

Nosso redator, nordestino de Palmeira dos Índios, foi companheiro de serenatas de Graciliano. Foi seu parceiro de bilhar e de gamão e garante: «surrava-o sempre». Muitas vezes nosso major o contrariou e ouviu palavrões do romancista, que não tinha papas na língua. Teve com êle complicados negócios, daqueles comuns entre jovens, e gosta de lembrar a célebre transação de uma garrucha que Graciliano lhe vendeu por 25\$000, em prestações de 5\$000. Foi uma compra memorável, que até hoje ficou na memória do companheiro do escritor, como uma lembrança divertida.

O CONFERENCISTA

O major Pimentel, como bom nordestino que é, tem muitas histórias para contar. Vindo de Alagoas ainda adolescente, ingressou nas fileiras da Fôrça Pública e radicou-se entre nós. Esteve nas andanças da milícia, varando os sertões brasileiros de norte a sul. Enfrentou perigos, levou sustos e assustou a muitos. Em tôda parte observou com espírito crítico e anotou. E soube captar o lado cômico de todos os dramas. Agora, reformado, deveria descansar. Mas não descansa. E preciso levar aos outros a experiência adquirida. E êle o faz alegremente, com simplicidade.

Inimigo das roupagens de falsa erudição, prefere o gracejo. E é gracejando que sempre vem às páginas de MILITIA, embora ameace o leitor, agora, com página tenebrosa. Graciliano tem todo o respeito do major Pimentel, mas o riso está presente também em sua conferência do Instituto Histórico.

A CONFERÊNCIA

A conferência sôbre o autor de «Vidas Sêcas» não pode ser resumida. Para o leitor saber o que disse o major Pimentel sôbre Graciliano, deve ler a conferência, publicada em nosso número 87, de agôsto do ano em curso.

No início da sessão, presidida pelo professor José Pedro Leite Cordeiro, nosso companheiro cel. Luís Tenório de Brito apresentou o novo consócio, salientando a dedicação sempre demonstrada para com a milícia do brigadeiro Tobias de Aguiar e ressaltando sua atividade constante, em todos os setores. Como se sabe, a ação do major Pimentel não cessou com sua transferência para a reserva da corporação e inúmeras realizações devem-se exclusivamente a êle. O agradecimento do conferencista pelas dmonstrações de apreço foi espontâneo, em um improvisado que precedeu a conferência.

A ASSISTÊNCIA

Além dos professores que compõem o Instituto Histórico, autoridades civis e militares, personalidades diversas, inúmeros convidados e camaradas nossos tomaram totalmente as dependências da entidade.

(conclui na página 70)

Diante do interesse despertado entre os leitores por uma reportagem que MILITIA publicou há tempos sobre a CPCP — Cia. de Policiamento de Divertimentos Públicos — voltamos agora ao assunto. Comandada atualmente pelo Cap. Amadeu José Faustino, auxiliado pelos tens. Homero O'Incao Gaia e Edson Ferrarini, aquela sub-unidade vem aperfeiçoando seus serviços e é, sem dúvida, um exemplo a ser seguido. Por isso, estampamos aqui um trabalho a êsse respeito, de autoria do ten. Ferrarini.

Companhia de Policiamento de Divertimentos Públicos um exemplo a ser seguido na capital e no interior

Ten. Edson Ferrarini

Nas cidades do interior, onde milita a F.P., temos certeza, teria ótima repercussão a criação de serviço especializado de Diversões Públicas, que contaria com elementos de aprimorada apresentação e educação, uniforme impecável, e bastante polidez no trato com o público.

Atuariam nos principais cinemas, boates, clubes, circos, bancos e ainda, em policiamento especial, em igrejas, da mesma forma que na Catedral de São Paulo, na igreja da Penha e outras

COMO MANTER O SERVIÇO

Um carinho especial deve ser dedicado à montagem do serviço, à escolha e ao tratamento do homem, pois êste estará em contato, diariamente, com milhares de pessoas.

O miliciano deve estar bem informado, sendo um informante solícito e prestativo; deve impressionar bem tôdas as pessoas que a êle se dirigirem.

Se for bem orientado estaremos mostrando o trabalho útil da Fôrça Pública

e correspondendo à confiança em nós depositada. E, diga-se de passagem, é êsse o objetivo da nossa luta.

Esta revista, em seu penúltimo número publicou uma reportagem sob o título "C.P.D.P. — Companhia de elite da F.P.", reportagem que explica o funcionamento da Companhia, qual deve ser o critério de seleção e quais as instruções necessárias.

As unidades interessadas podem dirigir-se ao cap. AMADEU JOSÉ FAUSTINO, no 11.º B.P., solicitando a regulamentação de Diversões Públicas e demais informações necessárias, inclusive a presença de um de seus oficiais para montagem de serviços dessa natureza.

UNIFORME E APRESENTAÇÃO

O capítulo dos uniformes é importantíssimo, pois representa 50% do sucesso, pelo efeito psicológico que produz no público. Entre nós, por exemplo, é adotado o talabarte branco, que faz o público sentir-se bem. O cidadão que vai a um cinema a um teatro etc. — ensinam os es-



Milicianos da C.P.D.P. a postos — público tranqüilo

studiosos — entra na casa de espetáculos num estado de ânimo mais favorável, se a aparência do que vê na entrada o impressiona bem. Ora, se há um policial na porta, que sua apresentação seja um fator positivo. Não há dúvida que o mais importante é a formação do homem empregado, mas a apresentação não pode ser esquecida. Nos locais onde atuam os milicianos da CPDP, pode-se observar o cuidado dedicado ao uniforme: jaqueta sempre impecável, talabarte de uma brancura a toda prova, sapatos, quépi, tudo nas melhores condições possíveis.

É evidente que a apresentação depende diretamente do chefe. O zelo com as diferentes peças e os cuidados pessoais não acarretam grande despesa, mas fiscalização e amparo constantes. O esforço é pequeno, mas deve ser contínuo. Dificuldades de ordem econômica levam o homem freqüentemente ao descaso que, mesmo nas pequenas coisas, não pode vencer. Na CPDP, oficiais e graduados assistem seus comandados e a magnífica apresentação do pessoal não é privilégio. É simplesmente resultante da dedicação e boa vontade de todos.

RELAÇÕES PÚBLICAS

Periódicamente ou no início dos serviços, a CPDP, representada por seu comandante ou por outro oficial, vai ter ao gerente do estabelecimento, fazendo ver a dedicação e a boa vontade dos componentes da Força Pública. Faz com que ele sinta na corporação um organismo destinado a servi-lo.

Assim é que, recentemente, todas as igrejas de São Paulo, foram visitadas por nossos oficiais. Os responsáveis por aqueles templos mostraram-se inteiramente satisfeitos com o policiamento que vem sendo efetuado e solicitaram sua continuação. Quando, pelo contrário, os interessados fazem críticas ao serviço, as reclamações são anotadas e as sugestões cuidadosamente estudadas. Um cartão de visita contendo os nomes dos oficiais da Companhia é sempre deixando no local, para que qualquer reclamação ou crítica possa ser feita por escrito, sem constrangimento.

Tal trabalho é cansativo. Proporciona, porém, aos oficiais da CPDP a satisfação de verem seu dever sempre cumprido e o serviço atualizado, de acordo com as necessidades do público.

HIPISMO NA FÔRÇA PÚBLICA

Para o mês de setembro, a Federação Paulista de Hipismo programou a realização de duas provas de adestramento e da 5.ª Temporada de Saltos. Nossos representantes compareceram a uma das provas de **dressage** e a várias das de saltos.

Na manhã do dia 11, na S.H.P. foi realizada a prova "Cel. JOUSSEAUME" — 1.º grau. O cap. Roldão Nogueira de Lima, com Rúbia, demonstrando toda a classe que lhe é própria, com um total de 530 pontos foi o vencedor da competição. Nosso outro representante foi o 2.º ten. Niomar Cirne Bezerra, que este ano iniciou sua carreira hípica — montando Almirante. Com um desempenho também elogiável, o ten. Niomar alcançou 489 pontos, o que lhe deu a 2.ª colocação.

De 17 a 25, realizou-se a 5.ª Temporada de Saltos — temporada estadual. Nossos cavaleiros, dentro das possibilidades de suas montadas, participaram e obtiveram as seguintes colocações:

Dia 18, no C.H.S.A. foi disputado o troféu ALVORADA, para cavaleiros novos. O ten. Edson Lara de Albuquerque,

montando Cuiabá, logrou alcançar o 3.º posto, perdendo 7 pontos num percurso bastante difícil, a 1,30m.

A 21, na S.H.P., estava em jôgo o troféu Gen. Miguel Costa, prova de energia, que só foi decidida à altura de 1,70 m, ficando em 2.º lugar o 1.º ten. Sinésio Alves de Lima e, em 3.º o 2.º ten. Reinaldo Martins Navarro, montando Dourado.

No dia 24, no C.H.S.A., disputou-se o troféu ITAOCA S.A., prova de precisão tipo C, ficando o ten. Reinaldo Martins Navarro em 4.º lugar, com dois cavalos: Núbio e Dourado;

Finalmente dia 25, na S.H.P., foi disputado o troféu Viviane Della Porta, entre cavaleiros novos, percurso à americana a 1,20m. — Alcançou a 4.ª posição o ten. Niomar Cirne Bezerra, com Guri IV, saltando o número limite de obstáculos, 13, mas com tempo inferior a 3 cavaleiros.

Foi, pois, muito boa a apresentação dos nossos cavaleiros, não só dos veteranos como também dos novos. Esperemos os resultados de outubro.

(Conclusão da página 67)

O sr. Alceu Maynard Araujo, do Instituto Histórico, homenageou seu novo consócio, apresentando as irmãs Paiva, que interpretaram números musicais, acompanhadas ao violão. A nora do conferencista, sra. Bruna Frede Pimentel, também quis homenageá-lo e o fez dizendo poesias de seu repertório de exímia declamadora.

ANIVERSÁRIO DO REGIMENTO: DUAS PROVAS HÍPICAS

2.º ten. Niomar Cyrne Bezerra

Entre os festejos programados para comemorar a passagem do 68.º aniversário do Regimento de Cavalaria «9 de Julho», o comando daquela unidade fez realizar duas provas hípicas, sendo uma para oficiais e outra para sargentos. Com essas provas foram homenageados dois antigos e saudosos ex-comandantes do R.C., sendo seus nomes dados às mesmas; são eles os ceis. Cândido Bravo e Batista da Luz.

Desenvolvidas sob a tabela «A», as provas tiveram os seguintes resultados:

Prova Cel. Batista da Luz — para sargentos — constando de 10 obstáculos isolados. Participaram do concurso 8 sargentos, tendo 5 deles logrado fazer o percurso sem pontos perdidos. Indo ao desempate sobre meia pista ao tempo, 4 conseguiram mais uma vez fazer «pista limpa», sendo a classificação dada pelos tempos aferidos. Assim, ficu em 1.º lugar o 1.º stg. José Soares de Melo, montando Albatroz; em 2.º, o 3.º stg. Caetano Bolfer, conduzindo Herói, em 3.º, o 3.º sgt. Romeu Cândido da Silva, com Maceió, e em 4.º, o 2.º sgt. Geraldo Possidônio de Sousa, sobre Vapt Vupt.

Prova Cel. Cândido Bravo — para oficiais — 10 obstáculos com 2 duplos. Concorreram nada menos que 14 participantes; os que montaram cavalos de classe «B», concederam «Handicap» de 10 cm em tôda a pista. Por ironia da sorte, coube ao cavaleiro mais novo dos oficiais da cavalaria, asp. Francisco Teixeira, levantar brilhantemente a prova, montando Rio Claro, enquanto que o mais antigo cavaleiro, cap. Roldão Nogueira de Lima, ficava com a 2.º colocação, conduzindo Almirante. Nas demais posições ficaram ainda dois dos mais modernos oficiais do R.C.: asp. Milton Bernardini e Canuto Sousa Gandra, sobre Bucaneiro e Play Boy respectivamente. Na primeira passagem, somente os quatro lograram fazer «pista limpa», o que os levou ao desempate sobre meia pista, ao cronômetro. Ai, o 1.º colocado fez zero ponto, mais uma vez; o 2.º e o 3.º perderam 4 pts. e o 4.º colocado perdeu 8 pts. Com isso, os mais novos deram um autêntico «show» para seus colegas mais antigos. Foi uma verdadeira «aspirantada» na manhã festiva no R.C..

NOSSOS CORRESPONDENTES

- ACRE (Guarda Territorial): Q.G., Rio Branco — sgt. José da Costa Torres
- ALAGOAS (Polícia Militar): Q.G., Maceió — cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho; Destacamento Policial, São Braz — sgt. José Pereira da Silva.
- AMAPÁ (Guarda Territorial): Sede, Macapá — ten. Uladh Charone.
- AMAZONAS (Polícia Militar): Q.G., Manaus — major José Silva.
- BAHIA (Polícia Militar): Palácio da Aclamação — major Edson Franklin de Queirós; 2.º B.C., Ilhéus — cap. Horton Pereira de Olinda; 3.º B.C., Juazeiro — cap. Salatiel Pereira de Queirós, Corpo Municipal de Bombeiros, Salvador — cap. Álvaro Albano de Oliveira.
- CEARA (Polícia Militar): B.I., Fortaleza — major José Delídio Pereira.
- GOIÁS (Polícia Militar): cap. Hozanah de Araujo Almeida.
- GUANABARA (Polícia Militar): Q.G., cap. Luiz Alberto de Souza, R.C. — ten. Hernani Alves de Brito; 6.º B.I. — ten. Ênio Nascimento dos Reis, C.B. — ten. Fernando Machado.
- ESPÍRITO SANTO (Polícia Militar): Q.G., Vitória — ten. João N. dos Reis
- MARANHÃO (Polícia Militar): Q.G., São Luiz — cap. Euripedes B. Bezerra.
- MATO GROSSO (Polícia Militar): Comando Geral e 1.º B.C., Cuiabá ten. Perunício da Costa Leite Filho, 2.º B.C., Campo Grande — ten. Edgard A. de Figueiredo; 2.ª Cia. do 2.º B.C., Ponta Porã — sgt. Francisco Romeiro.
- PARÁ (Polícia Militar): Q.G., Belém — major dr. Valter da Silva.
- PARAÍBA (Polícia Militar): Q.G., João Pessoa — ten. Luís Ferreira de Barros.
- PARANÁ (Polícia Militar): Q.G., Curitiba — ten. Antônio Antonello
- PERNAMBUCO (Polícia Militar): Quartel do Derbi, Recife — major Olinto de Souza Ferraz.
- PIAUI (Polícia Militar): Q.G., Teresina — ten. Raimundo Camelo de Vasconcelos.
- RIO DE JANEIRO (Polícia Militar): Q.G., Niterói — cap. Ademar Guilherme.
- RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar): Q.G., Natal — ten. José G. Amorim.
- RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar): Q.G., Porto Alegre — ten. João Aldo Danesi; 2.º R.C., Livramento — cap. Carlos Cravo Rodrigues.
- SANTA CATARINA (Polícia Militar): Q.G., Florianópolis — ten. José Fernandes; 3.ª Cia. Isolada, Canoinhas — ten. Edgard C. Pereira.
- SÃO PAULO (Força Pública — representantes do Clube dos Oficiais): BG — ten. Almir Ribeiro Gomes; 1.º BP — cap. Ari José Mercadante e ten. Camilo Dias dos Anjos; 2.º BP — ten. Paulo Augusto Figueiredo; 3.º BP. (Ribeirão Preto) — cap. Paulo Monte Serrat F.º e tens. Wagner Paulo Menezello, Clovis Carvalho Azevedo (1.ª Cia. — Barretos) e Plínio Vaz (2.ª Cia. — Casa Branca); 4.º BP (Bauru) — cap. Domício da Silveira e ten. Paulo Rodrigues (2.ª Cia. — Araçatuba); 5.º BP (Taubaté) — cap. Cândido Augusto Rego e ten. Emério Benedito Monteiro; 6.º BP (Santos) — cap. Gilberto Tuiuti Vila Nova e ten. Paulo de Toledo Piza; 7.º BP (Sorocaba) — cap. Álvaro Parreiras e ten. Antônio Carlos Martins Fernandes; 8.º BP (Campinas) — tens. João José Bastos Brito e Evandro Martins (Pracicaba); 9.º BP — tens. Francisco Rodrigues e João Bosco de Camargo; 10.º BP — tens. Henrique Nogueira e João de Oliveira Leite; 11.º BP — ten. Moyses Szajnbock; 12.º BP — ten. Antônio Romeo; 13.º BP — tens. Darci Cercari e Valdomiro Cristiano; CFA — ten. Horácio Bozon; 1.ª CI — ten. Adelino Ramos dos Santos; 2.ª CI — ten. Alcides Lelis Moreira; 3.ª CI — ten. Julijandir Corrêa; CIB — cap. Paulo Marques Pereira e ten. Pedro Francisco Gasparini; CB — tens. Luís Augusto Savioli e Joel Avoletta e asp. Joecil Camargo da Mota; CPF — cap. Mário Rodrigues Montemor; CPR — cap. Flávio Capeletti; EEF — cap. F.A. Bianco Jr. e ten. Alcione Pinheiro de Castro; PMRG — ten. Júlio Belickas; QG — ten. José Fernandes; RC — ten. J.L. Mesquita Prado; SF — ten. Jonas Simões Machado; SI — tens. Álvaro Pielusch Atmann e Paulo Vieira das Neves; STM — tens. Orlando Menezes e José Varela; SS — ten. João Cardoso; S, Subs. ten. Adorvando Sanches.
- SERGIPE (Polícia Militar): Q.G., Aracaju — cap. Renato de Freitas Brandão.

PALAVRAS CRUZADAS

AIRTES DO ESPÍRITO SANTO

Cuiabá, MT

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1							■		
2									■
3							■		
4	■							■	
5									
6							■		
7				■				■	■
8				■					

HORIZONTAIS

1 — Vagonete nos funiculares; pronome pessoal. 2 — Encantador. 3 — Reza-mos; palavra hebraica (aflição, miséria, tristeza). 4 — Gênero de crustáceos fósseis do grupo dos trilobitas (pl.). 5 — Acidez. 6 — Cidade e praça forte do Paquistão; — palavra que exprime espanto. 7 — Nome de homem; aluta. 8 — Produz som; pintor, gravador e professor americano.

VERTICAIS

1 — Amigo do homem; liga de ferro e carbono, obtida por fusão (pl.) 2 — Encostado. 3 — Obra do século. 4 — Cidade do Japão. 5 — Indivíduo recentemente admitido no sacerdócio (pl.) 6 — Pintor inglês. 7 — Sobrenome; porco. 8 — Possuir; nota musical. 9 — Cidade da Escócia.

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais — Barato — Cota — Ura — Ai — Is — LB — Avatar — Atraco — Do — So — Ac — Ado — Ligo — Olhada. Verticais — Camada — Boi — Todo — At — Ar — Ol — Raivas — Sacola — Tu — To — Id — Orla — Aga — Abrico.

LOGOGRIFO

Agradecidos

MILITIA

APÊNDICE

Escola de Educação Física

Ano do Cinquentenário

Prosseguimos aqui a publicação, em apêndice, iniciada no número anterior, para comemorar o cinquentenário da Escola de Educação Física. Como foi noticiado, há um programa de festejos para todo o ano de 1960, ano do jubileu de ouro do estabelecimento, nascido no tempo em que a missão francesa instruíra a Fôrça Pública.

Neste número concluímos o histórico da EEF e continuamos a divulgar notícias das comemorações e fatos pitorescos, além de informações de interesse, não só para os cultores da educação física e estudiosos da História, como também para os milicianos do Brasil e o público em geral.

EDGARD PEKNY

UM AMIGO DA ESCOLA



JARDIM PARA OS ATLETAS

As comemorações do cinquentenário estendem-se por todo o ano de 1960. Dentro do programa, realizam-se inúmeros atos. Festas, demonstrações, solenidades e realizações concretas.

Uma destas foi a construção do jardim que embeleza o edifício da Escola. Era preciso um artista para fazê-lo. E o artista foi o engenheiro Edgard Pekny, responsável pelos jardins de Brasília. Projetou o jardim e construiu-o gratuitamente. Mas não se deu por satisfeito e doou à Escola todas as plantas que lá estão.

INAUGURAÇÃO

A inauguração, em 9 de agosto, foi festiva. Compareceram oficiais e praças da Força Pública, autoridades civis e militares, todos com suas famílias. E o construtor do jardim foi homenageado com uma competição que levou seu nome: prova pedestre "Edgard Pekny". A foto é um flagrante da entrega dos prêmios.

Como símbolo do agradecimento da Escola e da Força Pública, o engenheiro Pekny recebeu um cartão de prata alusivo ao fato.

DIRETORIA DE ENSINO JUNTO AO ESTÁDIO

Ainda pelo Serviço de Engenharia da Fôrça foram construídas dependências destinadas aos trabalhos letivos dos cursos da Escola, constando de gabinete para a Diretoria de Ensino, Departamento Técnico, Departamento Médico Especializado (DME), salas de aulas e Gabinete de Instrução. Essas obras foram concluídas totalmente no dia 8 de janeiro de 1937, realizando-se a sua inauguração numa festiva solenidade, com a presença do comando geral e outras autoridades civis e militares.

1.936: NOVO REGULAMENTO

A transição da doutrina sueca para a francesa exigia uma reforma radical. Assim, foi dada ao estabelecimento de ensino uma regulamentação orientada naquele sentido. O novo regulamento foi baixado com o decreto 7.688, de 26 de maio de 1.936.

MONUMENTO AOS MORTOS DA LEGALIDADE

Iniciado em fins de 1928 e concluído em janeiro de 1929, foi erigido, no pátio do Ginásio da Escola de Educação Física, um monumento em homenagem aos mortos da legalidade. Foi inaugurado solenemente no dia 24 de fevereiro daquele ano, contando com o comparecimento de altas autoridades civis e militares. Nessa ocasião, expressando o pensamento do governo paulista, fêz entrega do monumento à Fôrça Policial o deputado estadual Hilário Freire, proferindo então uma alocução alusiva ao ato.

A ESCOLA E O MOVIMENTO DE 32

Na sede da Escola, foi organizado um batalhão de voluntários — o **Batalhão Piratininga**. Esse batalhão seguiu para o teatro de operações, onde permaneceu no setor norte do Estado, durante os três meses de luta, tendo à testa o comandante efetivo do estabelecimento — cap. Rômulo Resende. Os mestres de armas e monitores de esgrima, bem como os mestres e monitores de ginástica, foram, na sua quase totalidade, incorporados ao Batalhão, sendo aproveitados nos postos de comando, e acompanharam durante todo o desenrolar do movimento essa unidade de voluntários.

INSTALAÇÕES NAUTICAS E NOVOS CURSOS

Em agosto de 1936, a Liga de Esportes da Fôrça Pública, por sua diretoria, em razão da extinção daquele órgão, entregou à Escola suas instalações náuticas, à margem do Tietê. Assim, piscina, cochos, frota de treinamento e aprendizagem, com galpão para a guarda, vestiários para oficiais inferiores e praças, bem como para senhoras e crianças — passaram a pertencer à Escola. Antes de passar a constituir patrimônio do estabelecimento, porém, foram reformados pelo Serviço de Engenharia da Fôrça.

Equipe de instrutores e alunos de defesa pessoal da Escola. De pé, ao centro, o ten. Cássio Henrique de Oliveira, chefe da Secção de Ataque e Defesa.

No mesmo ano, vários cursos foram ministrados. Já em maio, encerraram-se os cursos de instrutores de educação física, de monitores de educação física e de esgrima, assim como de massagistas esportivos. Numerosos oficiais, inferiores e praças receberam os diplomas correspondentes a eles.

Aquêles cursos continuaram a realizar-se através do tempo, até os nossos dias. Muitos campeões saíram das fileiras da Fôrça, graças aos mesmos. Contudo, a preocupação dos dirigentes era mais elevada que a simples obtenção de troféus esportivos. O Diário da Escola registra, em 1938: «A educação física, como capital na formação da raça, terá que ser orientada com especial cuidado e, sobretudo, com amor e patriotismo». Não nos devemos preocupar em fazer campeões, mas sim homens fortes. É o problema máximo da nacionalidade».

REFORMAS

Dessa data em diante, diversos decretos sucessivos foram promulgados, reformando dispositivos regulamentares. Assim é que surgiram novos diplomas legais nesse sentido, em 1938, 1939, 1940, 1941, 1942, 1943 e 1944. Foi nesse último ano que o decreto-lei 14.130, de 16 de agosto, regulamentou definitivamente, até a data de hoje, o funcionamento da Escola.

No mesmo ano, após justa reivindicação, o governo federal estendeu aos diplomados pela nossa Escola as regalias dos licenciados em educação física e dos especializados em educação física e desportos.



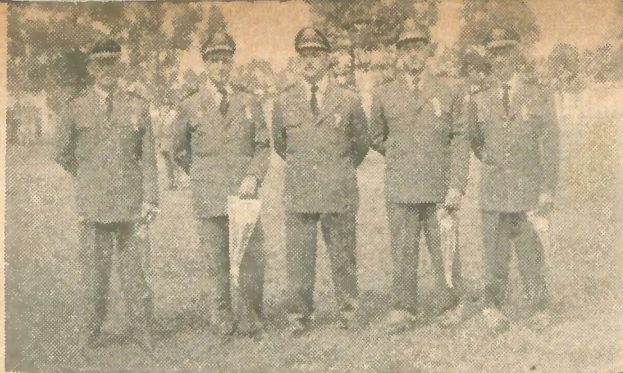
MEDALHAS



O brigadeiro Armando Ararigboia, comandante da IV Zona Aérea, também foi agraciado com a medalha comemorativa. No dia 8, aquele oficial da FAB esteve na solenidade do auditório "Major Antão", onde a recebeu (foto) das mãos do então comandante geral, cel. Arrisson de Souza Ferraz.



A Escola de Educação Física de São Paulo, estabelecimento congênere da Escola cinquentenária, foi homenageada da mesma forma, em outra ocasião. A condecoração foi entregue à Bandeira Nacional da homenageada. A foto ao lado mostra a representação daquele estabelecimento, com sua bandeira, no momento da entrega.



A medalha, porém, foi conferida também a atletas nossos, pois deviam ser premiados os que sempre lutaram pela cultura física. Nossas praças, portanto, receberam-na ao lado de oficiais e personalidades civis. No grupo da foto, todos são portadores da medalha.

REVIVE O PASSADO NA PALAVRA DE UM VETERANO

Esdras Erviberodch de Oliveira é coronel da reserva da Força Pública e dedicou a maior parte de sua vida na corporação ao estabelecimento que comemora o jubileu de ouro. Por duas vezes comandou a Escola. É um estudioso dos problemas educacionais, havendo defendido a educação integral, quando ela ainda não era compreendida, e tendo sido diretor de ensino. Miliciano autêntico, várias vezes foi transferido e serviu em outras unidades, com as mais diversas funções. A educação física, porém, estava sempre presente em seu trabalho, como parte integrante que sabia ser da formação do homem. Entre outros cursos, fez o de Aperfeiçoamento de Oficiais, o de Emergência da Escola de Educação Física e, posteriormente, o Curso de Educação Física do Exército Brasileiro.

Atualmente, embora na inatividade, não deixa de freqüentar a Escola. Sempre entre seus atletas, instrutores e monitores, vem participando ativamente das comemorações do presente ano e foi um dos organizadores de seu programa. Vive o presente como vive a história do estabelecimento, em que é uma verdadeira instituição. Agora, por sua pena cheia de saudade, o cel. Esdras revive as glórias que vêm de Pedro Dias de Campos, Balancier e Gamoeda.

EVOCAÇÃO

Cel. Esdras Eruiberoch de Oliveira

Ao ensejo das comemorações do cinquentenário da E.E.F., ao assistir às comemorações de gala que marcaram tão grata efeméride, o meu espírito acionando a máquina da memória, viajou no tempo, em direção a um passado já quase remoto, quando, como simples aluno do velho C.E.M., frequentava a Escola de Educação Física, onde recebíamos, do saudoso cel. Gamoeda, do sgt. Frederico e do ten. Marques, as aulas de ginástica que eram parte do «curriculum» do Curso de Oficiais.

Estávamos nos idos de 1924.

Instalações modestas, circunscritas ao atual Ginásio «Cap. Delfim Balancier» (sem o pavilhão posterior), aos cômodos dos porões do então 1.º Batalhão, a velha escola, já com três lustros de existência, cumpria sua gloriosa tarefa e já se constituía em traço de união entre a Fôrça Pública e a sociedade paulistana.

Naquele tempo, quando ainda não se falava em educação física no Brasil, quando a educação integral ainda constituía um mito, quando a vida esportiva da terra bandeirante se limitava aos embates futebolísticos entre o Palmeiras e o Paulistano, a Escola lutava pela difusão da esgrima de salão, criando salas onde fôsse possível. Lutava pela difusão da ginástica, quer levando seus monitores às escolas públicas e particulares para ensinarem ginástica succeca, quer dando o exemplo de uma cultura física sistemática pelas empolgantes demonstrações de conjunto que realizava a Fôrça Pública no velho prado da Mooca, no dia 7 de setembro de cada ano.

E foi dêsse esforço anônimo, dêsse apostolado incondicionado que surgiu a Educação Física em São Paulo e no Brasil, como parte integrante dos sistemas educativos de nossa juventude.

O progresso desportivo de São Paulo, o valor físico do povo bandeirante muito devem a esta velha casa e aos idealistas que tudo deram pela educação física e pelos desportos, sem nada reclamar em troca de tanto bem.

Nas operações de guerra e nos movimentos populares em que a Fôrça Pública se empenhou, lá estava o pequeno mas luzido contingente da Escola, a pagar seu tributo de sangue por São Paulo, e pelo Brasil. Ao lado da legalidade em 1 926 em Goiás, em 1 930 em Itararé, em 1 932 em vários setores, o estandarte da Escola soube honrar as gloriosas tradições da bandeira da Fôrça Pública e seus componentes nunca desmereceram a honra da corporação.

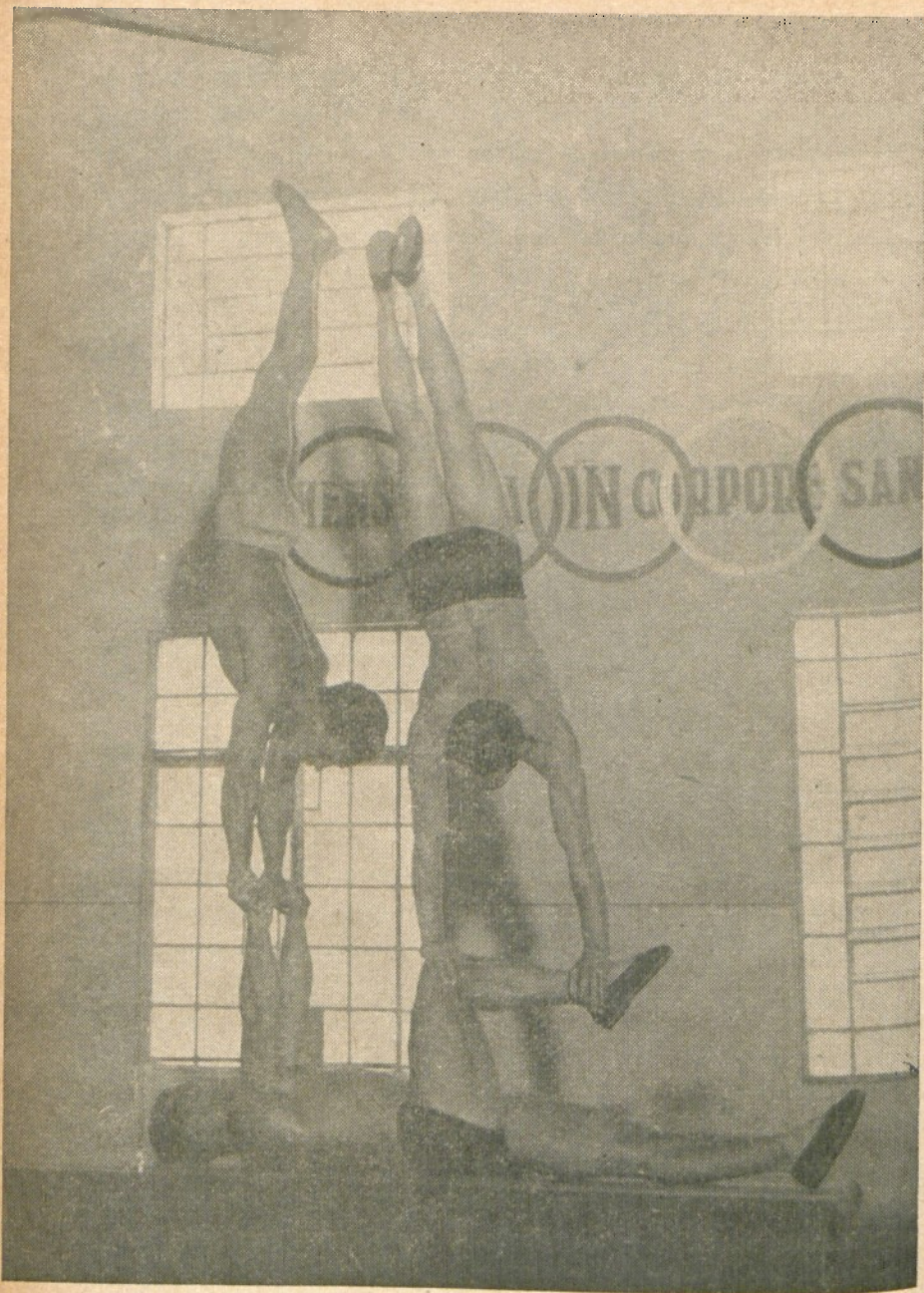
Quando, em 1 933, o jovem cap. Molina, do Exército Nacional, iniciou sua reorganização, adaptando-a às exigências mais modernas da Educação Física, ela avultou do seu passado de lutas, projetando-se em futuro de glórias que a tornariam uma das escolas padrão da nossa pátria.

Modernizando o ensino da Educação Física, lutando pelos esportes, engrandecendo a Fôrça Pública, ela atravessou um período áureo, rico em realizações, farta na colheita de louros e de honrarias, elevando sua voz com autoridade de mestra, em magnos concíives internacionais, pontificando doutrinariamente e facultando o progresso desse importante ramo de educação, pelo estudo e experiência de seus dedicados componentes.

Ao hasteamento do pavilhão e quando, em demanda do céu, se erguia a bandeira azul, na tela da minha saudade desfilaram os Neuberns, os Fredericos, os Bentos Ramos, Eliuds e outros, como se, perfilados, estivessem em continência a Pedro Dias de Campos, Gamoeda, Balancier e todos quantos nos proporcionaram a honrosa possibilidade desta comemoração.

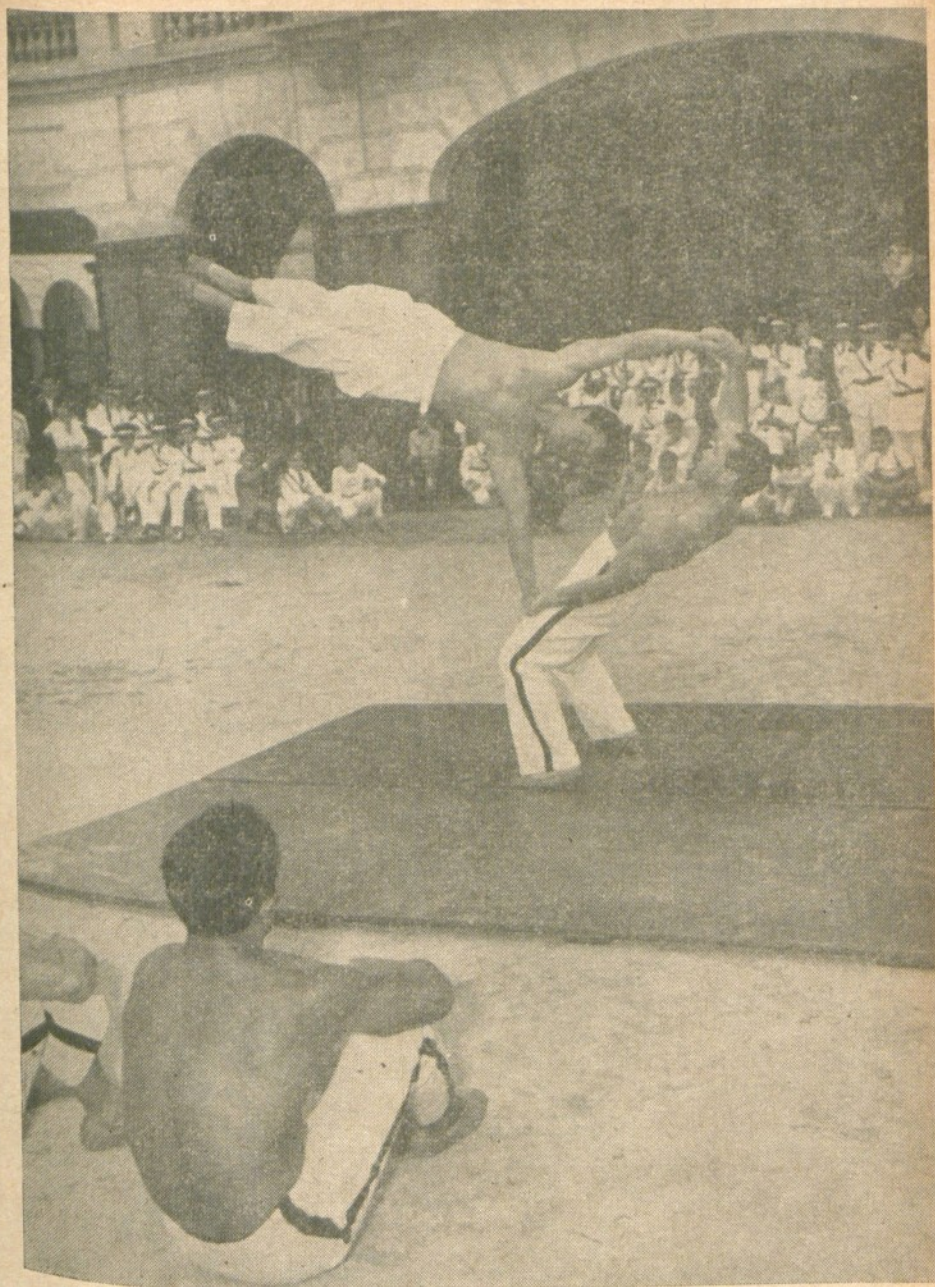
Aotermínarem as solenidades, pensando no amanhã gloriosos do Brasil, desejei gritar ao mundo: — Vai, minha Escola! Segue para diante e, mesmo que haja ingratidões, mesmo lutando contra as marolas da má vontade segue tua marcha em direção ao porvir, na batalha incessante pelo bem da juventude, pela educação do nosso povo e pela grandeza de São Paulo e do Brasil!

Ave, Escola de Educação Física! Neste ano em que, comovidos, comemoramos teu jubileu de ouro, meio século de serviços à educação de São Paulo e do Brasil, os teus velhos servidores te saúdam.



Um grupo de atletas da Escola especializou-se em ginástica de solo e criou um estilo próprio, até hoje não igualado no Brasil São a atração máxima, onde

quer que se apresentem Aqui, um trio se destaca num daqueles números, contra o fundo da parede do ginásio, dando realce aos anéis olímpicos.



Para os alunos do Liceu Coração de Jesus os mestres da ginástica de solo fazem uma exibição de força conjugada. Nossos atletas não se confinam dentro de

quatro paredes; vão também à praça pública, vão às escolas. Como não podia deixar de ser, as crianças ocupam lugar de destaque entre os espectadores.

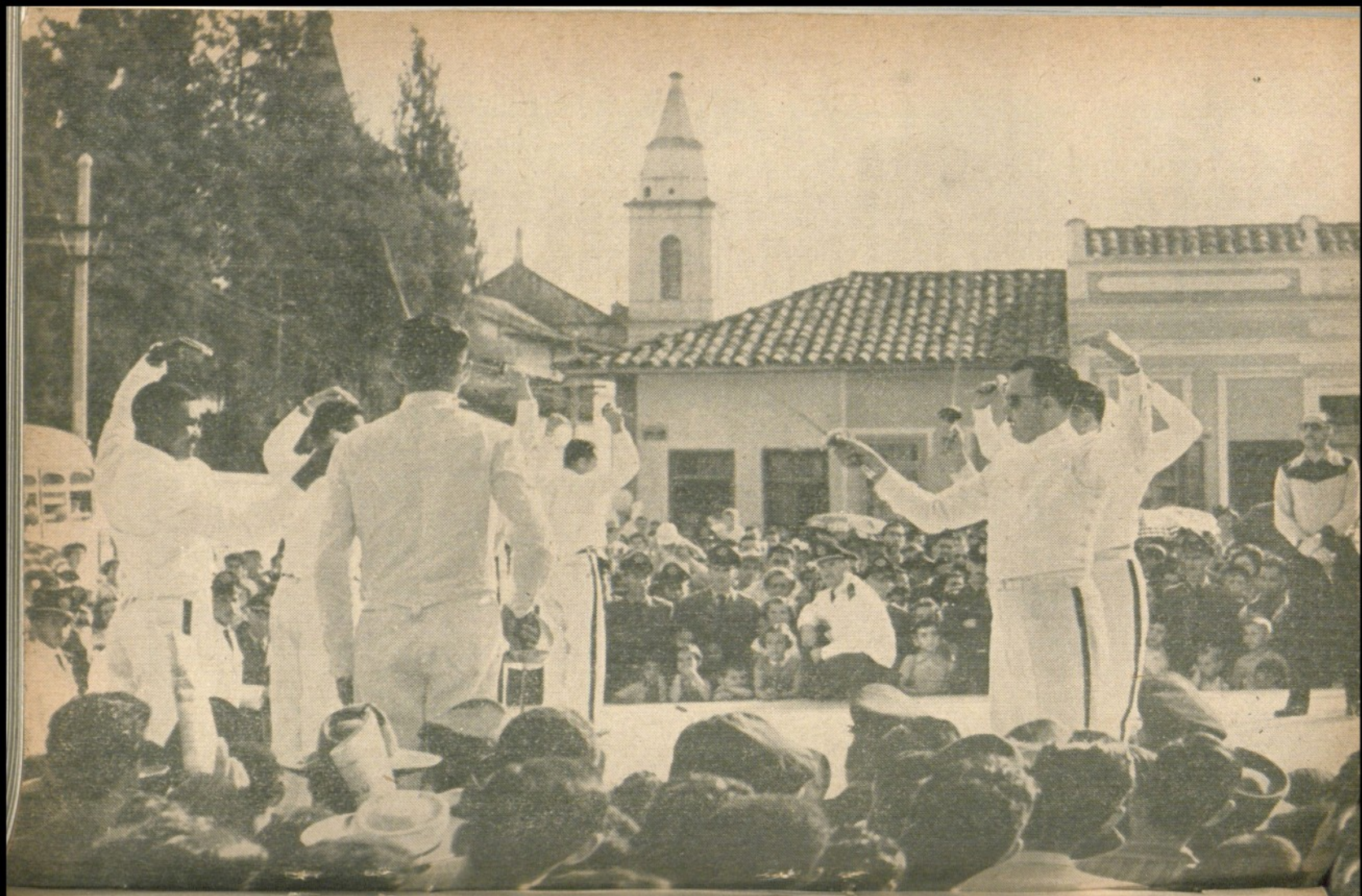
A PRAÇA É DO POVO



disse o poeta

E a Escola foi à praça. Por mais de um vêz. Numa delas, em Moji das Cruzes, para homenagear a 1.º Cia. Independente da Fôrça, em seu aniversário. Pela primeira vez na história, o povo daquela cidade viu um duelo a sabre em praça pública. Nossos milicianos lutaram para êles. Numa demonstração real, defrontaram-se o 1.º ten. Antonio Fernandes de Andrade (atual major comandante) e o subten. Ildefonso Medeiros (hoje 1.º tenente).

A praça é do povo — disse o poeta. E do povo é a esgrima — dizem os milicianos. Não há razão para que seja considerada esporte aristocrático. Para sua popularização, a Escola procura levá-la à massa. E o povo de Moji não viu somente um duelo, mas uma demonstração completa daquela atividade esportiva, em que nossa Escola é pioneira do Brasil. Nossa equipe de instrutores exibiu-se, numa festa rara para os olhos do povo.



TEN. CEL.

HOLLATZ NOGUEIRA

O ten. cel. Valter José Hollatz Nogueira foi o sucessor do cel. Rangel de França na chefia do E.M.. Oficial que comandou várias unidades, em tôdas elas trabalhou em prol do desenvolvimento da educação entre nós, sem descuidar da educação física. Compreende e prestigia os que procuraram aperfeiçoar-se ou contribuir para o aperfeiçoamento da corporação. Estava, portanto, entre os que faziam jus à medalha do cinquentenário. Recebeu-a na mesma ocasião que o cel. Rangel de França. O momento da entrega está fixada no clichê.



CEL. RANGEL DE FRANÇA

Em agosto de 1960, o cel. Geraldo Rangel de França deixou a Chefia do Estado Maior da Fôrça, para assumir o Comando Geral. Durante seu comando realizou-se grande parte das comemorações do ano do jubileu. Antes, porém, já tinha seu nome inscrito entre os que prestaram serviços relevantes à educação física e contribuíram para o desenvolvimento da educação entre nós. Entre outras funções, o cel. Rangel exerceu as de professor de nossa Escola de Oficiais. Pelos serviços que prestou foi um dos agraciados com a medalha do cinquentenário, ainda quando chefiava o Estado Maior da milícia. No clichê, um flagrante da entrega.





FALA AOS MILICIANOS UM

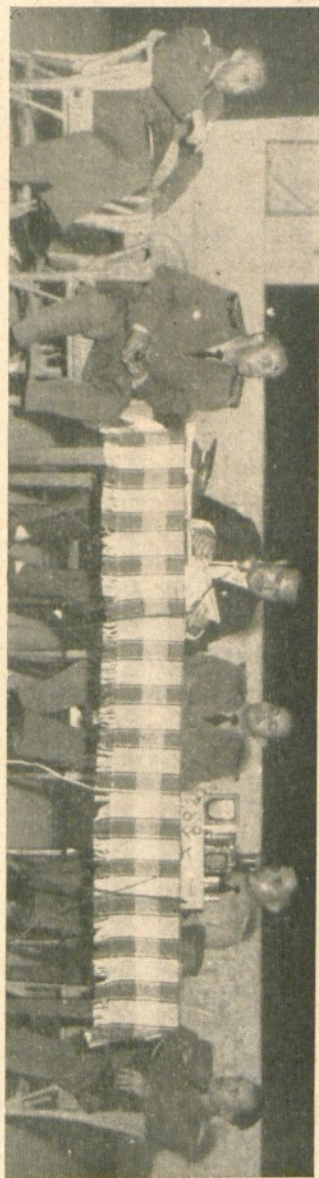
CAMPEÃO DO MUNDO

Abílio Couto é recordista mundial da travessia do canal da Mancha a nado. Nossos atletas muito poderiam aprender com êle. E êle veio à Fôrça Pública. O auditório «Major Antão» ficou repleto, para ouvir a palavra do campeão e recordista do mundo, logo que voltou da Inglaterra.

O campeão é modesto. Não gosta de falar de si. Mas é um exemplo de fôrça de vontade e abnegação. Alguns anos antes tentara bater o record sem o conseguir, em face de uma série de circunstâncias adversas. Não desistiu, porém, preparou-se para repetir a prova. Depois de treinamento intensivo, e meticoloso estudo das características do canal, densidade da água, atmosfera,

etc., embarcou para o velho mundo. Como se sabe, seus esforços fôram coroados de êxito. Contudo, a vitória não foi fácil. Pelo contrário, não fôsse a energia inquebrantável que demonstrou, nem ao menos teria viajado, pois não tinha recursos e não havia quem lhe custeasse as despesas. Vendeu o que tinha, sufocou desejos e partiu, vencendo todos os obstáculos.

E modesto, dissemos. Mas sua luta não pôde passar despercebida. O campeão tornou-se nosso conhecido e, convidado oficialmente, brindou-nos com uma conferência, em que nos proporcionou raros ensinamentos. Nas fotos, um aspecto da mesa e o conferencista com a palavra.



MEDALHA DO JUBILEU

Desejávamos perpetuar o nosso cinquentenário. A nossa Escala merecia mais do que isso. Pela primeira vez em meio século, uma medalha iria marcar indelêvelmente um acontecimento que ficaria na história. Idealizamos êsse modesto símbolo. É um símbolo de lutas, de honra, de glórias.

Colaborou eficientemente para que essa iniciativa tivesse realidade, o sr. Enzo Silveira, nosso amigo, historiógrafo, conhecedor profundo de heráldica e medalhística e secretário da Sociedade Geográfica Brasileira. Colaborou ainda com realce o 2.º ten. Olavo Soares. A êles o profundo agradecimento da Escola de Educação Física.

A medalha comemorativa do jubileu de ouro de Escola de Educação Física foi entregue a numerosas personalidades, desde o dia 8 de março — véspera do aniversário de fundação do estabelecimento — até o fim de 1960. Foi instituída oficialmente, conforme publicação constante do Boletim Regimental 27, de 13 de abril, que dá também suas características. O teor da publicação é o seguinte:

«Homologando proposta da comissão nomeada para coordenar os festejos do jubileu de ouro da Escola de Educação Física da Fôrça Pública, instituo a contar de 9 de março do corrente ano, data do cinquentenário daquele estabelecimento u'a «Medalha Comemorativa» que se destina a perpetuar a efeméride e a premiar dedicações à cultura física.

A Medalha Terá as Seguintes Características

a) — NO ANVERSO (1.ª face)

— o emblema da Escola de Educação Física da Fôrça Pública, isto é, os anéis olímpicos, tendo no centro a

figura do discóbulo, cercada por uma corôa de louros, em volta a legenda: Cincoentenário da Escola de Educação Física — 1 910-1960;

b) — NO VERSO (2.ª face) — o brasão da Fôrça Pública de São Paulo, circundada pela legenda FORÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO; essa medalha pendente será em bronze e vermeille (dourada), com miniaturas nos respectivos metais;

c) — a medalha será concedida at- 31-XII do corrente ano e sua distribuição estará a cargo da Comissão de Festejos, designada por êste Comando Geral.

d) — A medalha do cinquentenário será conferida a entidades desportivas e culturais, civis, militares e eclesíasticas, oficiais e praças da corporação, que hajam prestado reais e relevantes serviços à causa da educação em geral e da Educação Física em particular, em São Paulo e no Brasil. (Bol. Ger. nº. 77/6-IV-1.960).